

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

CLÁUDIA DAMIÃO LOPES DE ALMEIDA SILVEIRA

**Edição do Manuscrito “Reminiscencias de Santos”,
do Século XX: Estudo Comparativo das Ocorrências
dos Pronomes Demonstrativos desse *Corpus* com
Ocorrências dos Séculos XVII, XVIII E XIX.**

v. 1

São Paulo
FFLCH-USP
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

**Edição do Manuscrito “Reminiscencias de Santos”, do
Século XX: Estudo Comparativo das Ocorrências dos
Pronomes Demonstrativos desse *Corpus* com Ocorrências
dos Séculos XVII, XVIII E XIX.**

Cláudia Damião Lopes de Almeida Silveira

Tese apresentada à Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, na Área de Concentração de Filologia e Língua Portuguesa, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Megale

v. 1

São Paulo
FFLCH-USP
2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu pai, amigo silencioso, de quem tenho muitas saudades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, particular e especialmente, ao Prof. Dr. Heitor Megale pela sua paciência, orientação sábia e segura e pela sua compreensão amiga durante todo o processo de elaboração desta tese.

Aos professores Mamede Mustafa Jarouche, Tereza Leal Gonçalves Pereira e Rosauta Maria Fagundes Poggio, pelas importantes e valiosas observações quando da qualificação.

À Igreja do Valongo e em especial à Ministra Ana Maria Rodrigues, que acreditaram neste trabalho e confiaram seus valiosos documentos de forma que se tornasse possível a consecução do mesmo.

Ao meu marido Mário Ricardo e meus filhos, Gabriel Augusto e Felipe Eduardo, pelo apoio e aceitação de minha ausência em muitos momentos de suas vidas.

Ao meu pai, que faleceu durante o período de elaboração da tese, à minha mãe, irmãos, cunhadas, cunhado e nora, que sempre me apoiaram.

À minha grande amiga e colaboradora Elza, que em muitos momentos esteve ao meu lado dando amparo e incentivo.

E por último, mas não menos importantes, aos estudiosos e pesquisadores que me precederam contribuindo, de forma muitas vezes anônima e abnegada, para a realização deste projeto.

"A maior perfeição deve parecer imperfeita, então ela será infinita em seu efeito; a maior abundância deve parecer vazia, então ela será inesgotável em seu efeito."

Tao Te King

RESUMO

Editar, respeitando as normas vigentes, o manuscrito “Reminiscências de Santos”, escrito por João Luis Promessa, e pertencente à Igreja Santo Antonio do Valongo, em Santos. Precede a edição, breve histórico do documento, da Igreja e do autor, João Luis Promessa, bem como a análise codicológica e paleográfica do manuscrito. Após a edição, faz-se a análise das ocorrências dos pronomes demonstrativos do texto editado, comparando-as aos dados coletados com o levantamento das ocorrências do pronome demonstrativo dos textos da dissertação de Mestrado “Edição de Textos Relativos à Defesa, Segurança e Fiscalização Portuária da Baixada Santista no Período Final do Século XVIII e Início do Século XIX” e do livro “Por Minha Letra e Sinal”. Faz parte, ainda, desta tese, um levantamento histórico da trajetória dos pronomes demonstrativos, do latim às orientações das atuais gramáticas prescritivas.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia. Edição. Codicologia. Pronomes Demonstrativos. Análise Comparativa.

ABSTRACT

Edit, respecting the standards, the manuscript "Reminiscent of Santos," written by João Luis Promise and belonging to the Church of Santo Antonio Valongo in Santos. Preceding edition, brief history of the document, the Church and the author, John Luis Promise and the codicology and palaeography analysis of the manuscript. After editing, it is the analysis of occurrences of demonstrative pronouns from the text edited, comparing them to data collected with the survey of occurrences of the demonstrative pronoun of the texts of the dissertation of Masters "Edition of Texts Concerning the Protection, Security and Surveillance of Baixada Santista Port in the end period of the eighteenth century and beginning of the nineteenth century" and the book "The Sign and My Letter". Part, even in this thesis, a survey of the historical trajectory of pronouns demonstrative, the Latin to the guidelines of current prescriptive grammars.

Key-words: Philology. Edition. Codicology. Demonstrative Pronouns. Comparative Analysis.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Vergaturas e pontusais	17
FIGURA 2 - Furos nos documentos.....	18
FIGURA 3 - Ferragem.....	18
FIGURA 4 - Quebraduras e orrosões.....	19
FIGURA 5 - Formação dos cadernos.....	19
FIGURA 6 - Capa.....	20
FIGURA 7 - Contracapa.....	20
FIGURA 8 - Etiqueta na Lombada.....	21
FIGURA 9 - Etiqueta no 1 fólio.....	21
FIGURA 10 - Exemplo da letra cursiva.....	21
FIGURA 11 - Observações marginais.....	22
FIGURA 12 - Sobrescrição ou arrependimento.....	23
FIGURA 13 - Sobrescrição ou arrependimento.....	23
FIGURA 14 - Capa.....	24
FIGURA 15 - Contracapa.....	25
FIGURA 16 - Carta de sentença.....	26
FIGURA 17 - Página 5.....	27
FIGURA 18 - Página 6.....	28
FIGURA 19 - Exemplo dos bifólios que compõem o manuscrito.....	29
FIGURA 20 - Ortograia da lingua portugueza / per Joam Franco Barretto.....	167
FIGURA 21 - Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras composto pelo R. P. M. Fr. Luis do Monte Carmelo.....	168

LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 1:** Ocorrências de pronomes demonstrativos nos três *Corpora*.....181
- GRÁFICO 2:** Comparativo entre demonstrativos adjetivos e demonstrativos substantivos “Reminiscencias de Santos”.....182
- GRÁFICO 3:** Comparativo entre demonstrativos adjetivos e demonstrativos substantivos *Corpus Milicias*.....183
- GRÁFICO 4:** Gráficos 3 e 4, dispostos lado a lado, em ordem cronológica.....184

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Demonstrativo de primeira pessoa.....	157
QUADRO 2 - Demonstrativo de segunda pessoa.....	158
QUADRO 3 - Demonstrativo de terceira pessoa.....	159
QUADRO 4 - Anafórico.....	160
QUADRO 5 - Pronomes reflexivos.....	160
QUADRO 6 - Pronomes de reforço.....	161
QUADRO 7 - Pronomes demonstrativos entre os séculos XVII, XVIII e XIX.....	165
QUADRO 8 - Uso atual dos pronomes demonstrativos.....	168
QUADRO 9 - Quadro de classificação dos pronomes.....	174
QUADRO 10 - Ocorrências selecionadas nos três <i>corpora</i>	180
QUADRO 11 - Comparativo demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos “Reminiscencias de Santos”.....	182
QUADRO 12 - Comparativo demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos <i>Corpus</i> Milícias.....	183

SUMÁRIO

Volume 1

1 LISTA DE FIGURAS	10
2 LISTA DE GRÁFICOS	11
3 LISTA DE QUADROS	12
4 INTRODUÇÃO	13
5 NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS	15
6 ANÁLISE CODICOLÓGICA E PALEOGRÁFICA	17
7 HISTÓRICO DA OBRA	30
7.1 BIOGRAFIA DO AUTOR.....	31
7.2 HISTÓRICO DA IGREJA SANTO ANTONIO DO VALONGO	32
8 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA	34
9 APRESENTAÇÃO DOS <i>CORPORA</i> SECUNDÁRIOS	151
9.1 CARTAS DO SÉCULO XVII.....	151
9.2 CARTAS DO SÉCULO XVIII E XIX	152
10 DEFINIÇÃO DE PRONOME	153
11 EVOLUÇÃO DO PRONOME DEMONSTRATIVO LATINO	157
11.1 FORMAÇÃO LATINA	157
11.2 NATUREZA DÊITICA E FÓRICA DOS DEMONSTRATIVOS LATINOS	162
12 PRONOME DEMONSTRATIVO ENTRE OS SÉCULO XVII, XVIII E XIX	165
13 USO ATUAL DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS	169
14 ANÁLISE DOS DEMONSTRATIVOS	172
15 OCORRÊNCIAS SELECIONADAS DOS TRÊS <i>CORPORA</i>	180
16 COMPARATIVOS DOS DEMONSTRATIVOS	182
17 CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
18 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	188

VOLUME 2

19 ANEXO 1 – IMAGENS DO MANUSCRITO	191
--	-----

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe a edição semidiplomática do manuscrito “Reminiscencias de Santos”, de João Luis Promessa. Esse livro é, provavelmente, uma cópia do original feita pelo próprio João Luis Promessa, quem, com base em documentos que existiam na Igreja Santo Antonio do Valongo, em Santos, relata a história da cidade de Santos e da própria igreja à qual era filiado e mestre de noviços. O manuscrito configura o *corpus* principal deste trabalho, que contará com a edição, análise codicológica e paleográfica do mesmo, além de um breve histórico do autor e da Igreja do Valongo.

Propõe-se, secundariamente, um estudo diacrônico dos pronomes demonstrativos sendo que, para tanto, serão utilizados dados coletados do *corpus* principal, o livro “Reminiscencias de Santos”, e de mais dois *corpora* já devidamente editados dentro as normas aceitas¹.

Para compor o rol de documentos dos *corpora* secundários, serão utilizados os documentos que compuseram a dissertação de Mestrado “Edição de textos relativos à defesa, segurança e fiscalização portuária da Baixada Santista no período final do século XVIII e início do século XIX.”, de Silveira (2004), num total de 36 documentos que cobriram o período de 1794 a 1832 e pertencem ao arquivo permanente da cidade de Santos; e a edição dos documentos publicados no livro “Por minha letra e sinal - Documentos do ouro do Século XVII” de Megale *et all* (2007), obra que possui como uma de suas propostas a de preservar o estado da língua portuguesa desses documentos, oferecendo, dessa maneira, um material sólido e confiável. Com estes

¹ A busca por gerar edições que atendam o melhor possível às necessidades de um público alvo específico, os lingüistas têm, em Cambraia (1999, p. 13-14), entre os filólogos, um defensor da busca por melhores edições, quando afirma que a realização de edição de textos é primordial, e a viabilização dos estudos diacrônicos da língua depende, principalmente, da realização de edições rigorosas e fidedignas, nas quais as características originais do texto sejam mantidas e as intervenções que se fizerem sejam, apenas, as necessárias para garantir a sua inteligibilidade. Esse tipo de edição resolve os principais problemas hoje enfrentados pelos pesquisadores, como o de localização dos textos, de conservação dos manuscritos e a exigência do conhecimento técnico necessário para a leitura desses manuscritos.

textos, será feito um levantamento das ocorrências do pronome demonstrativo entre documentos os séculos XVII a XX, e tais ocorrências serão comparadas entre si.

Far-se-á, ainda, a partir da definição do pronome demonstrativo, um breve estudo dos demonstrativos latinos, sua variação e conseqüente mudança na Língua Portuguesa, passando pelas prescrições de uso desses demonstrativos fornecidas pelos principais manuais de gramática dos séculos XVII, XVIII e XIX, e finalizando com a compilação das prescrições atuais e análise comparativa das orientações indicadas pelos principais gramáticos da atualidade. Em seguida, pretende-se analisar as ocorrências selecionadas nos três *corpora*, comparando-as entre si, estudando o caráter dêitico e fórico dos demonstrativos e comparando-os com as prescrições de uso indicadas.

Em anexo haverá um caderno com as imagens digitalizadas do manuscrito.

3 NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS

Adotam-se as Normas da equipe do Projeto “Para a História do Português Brasileiro” (MATTOS e SILVA, 2001), com exemplos transcritos do *corpus* editado neste trabalho:

1 - A transcrição será conservadora.

2 - As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo aos seguintes critérios:

- a) Respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “Saõ”, que leva a abreviatura: S. transcrita com o til sobre o “o”, por ser essa a opção do escriba por todo o manuscrito (folha 10).
- b) No caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual, como aparece no texto a ocorrência da palavra “Doutor”, que só ocorre abreviada: Dr. Ex.: “te o *Doutor* Venancio José Lisbôa” (Folha 8, linha 28).

3 - Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Ex.:”sumo, procurarei historial-os” (folha 10, linha 31).

4 - A pontuação original será rigorosamente mantida.

5 - A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração.

6 - Será respeitado o emprego de maiúsculas como se apresentam no original. No caso, de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não

será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

7 - Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Ex.: Como na folha 81, linha 28 que o escriba escreve “presendo”, e a nota de rodapé dá a leitura de “presente”.

8 - Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferiores entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplos: “em 1.543 na latitude aus_<1.543>”. Ex. (folha 6, linha 4).

9 - Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Ex.: “gosto de [[de]] 1603, chegava esse” (folha 24, linha 24).

11 - Intervenções do editor não de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida.

12 - Letra ou palavra não legível por deterioração justificam intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes: [ilegível]. Ex.: (folha 122, linha 9)

13 - A mudança de fólho receberá a marcação com o respectivo número na seqüência de duas barras verticais: ||fl.01||, ||fl.02||, ||fl.03||.

14 - A transcrição será justa linear, e as imagens do manuscrito virão em caderno separado.

3 Análise codicológica e paleográfica

A presente análise é sucinta e vem atender às necessidades, bastante específicas, deste trabalho, com a descrição do suporte do manuscrito dando medidas e dimensões, da página e da mancha, da capa, contracapa, carta de sentença e dos dois primeiros *fólios*, com breve relato do tipo de encadernação, e principais observações paleográficas.

O Códice utiliza dois tipos de papéis, aparentemente industrializados, o que se pressupõe pelas dimensões e cortes regulares das bordas e pela mesma textura e grossura apresentadas pelos *fólios*, em que pese serem bem visíveis as vergaturas e os pontusais da maioria dos *fólios* (excetua-se a sentença do sensor eclesiástico, que é de textura, grossura e dimensões diferentes de todas as demais).

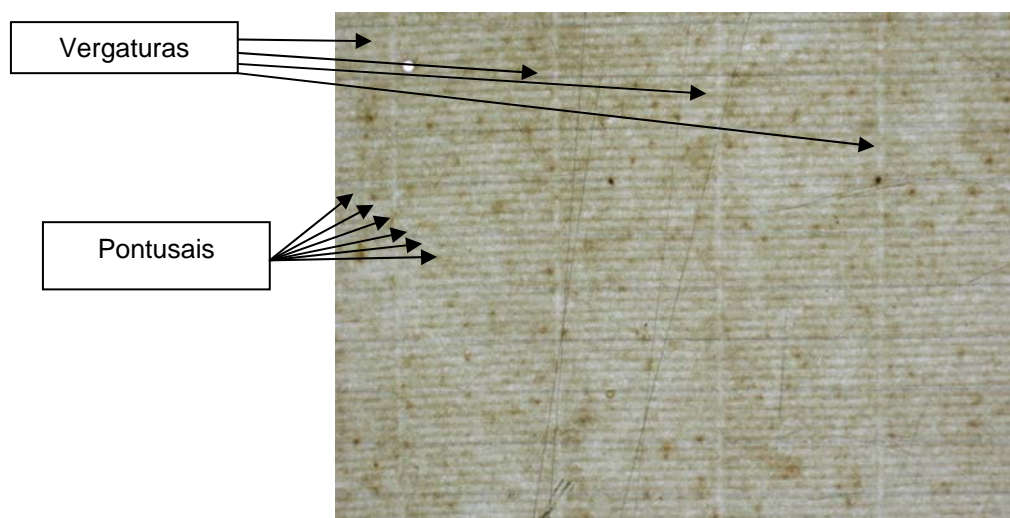


FIGURA 1 - Vergaturas e pontusais

O papel dos demais *fólios* apresenta pouca maleabilidade, o que deixa as páginas muito quebradiças.

Os *fólios* e cadernos vêm unidos por uma ferragem, o que se configura em um problema para o manuscrito, pois a ferragem deste aparato, que já gerou danos, acarretará, indubitavelmente, danos mais comprometedores, no futuro. A encadernação, portanto, demonstra ter sido executada de modo pouco especializado.

A coloração do documento (*fólios* internos e capa dura) é amarelada, quase castanha, com pequenos (mas, muitos) pontos de umidade bem visíveis, bem como já apresenta diversos furos causados por insetos..

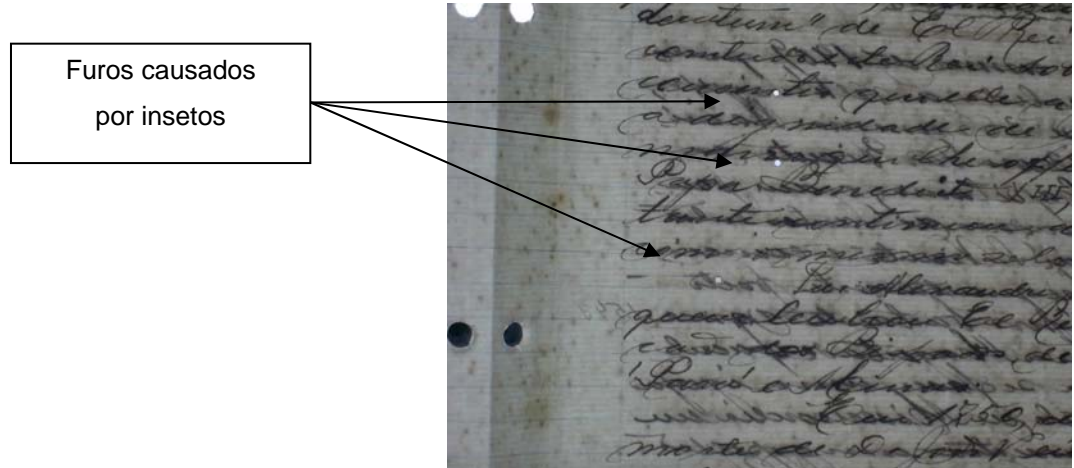


FIGURA 2 - Furos nos documentos

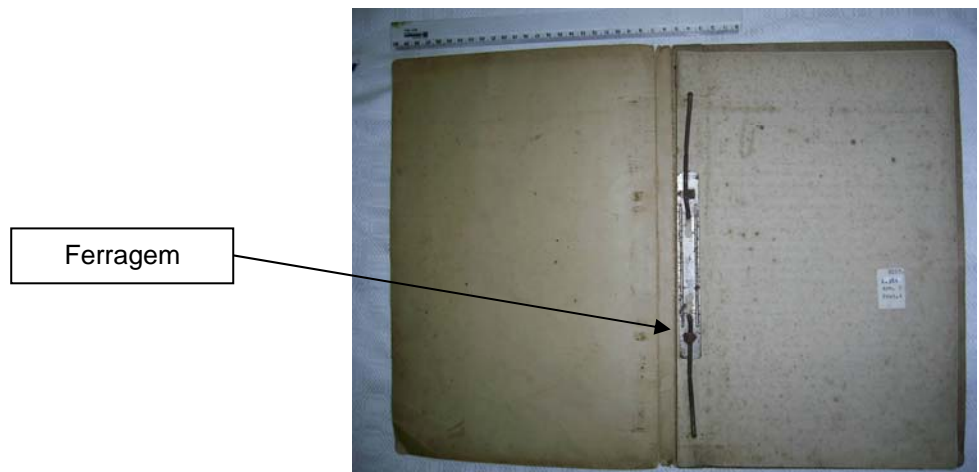


FIGURA 3 - Ferragem

A tinta utilizada é a denominada “ferrogálica”, que possui esse nome pelo alto teor de sulfato de ferro em sua composição, e o resultado é o que se verifica nas folhas deste manuscrito: quebraduras na escrita e corrosão do papel nos locais onde se observa grande concentração de tinta.

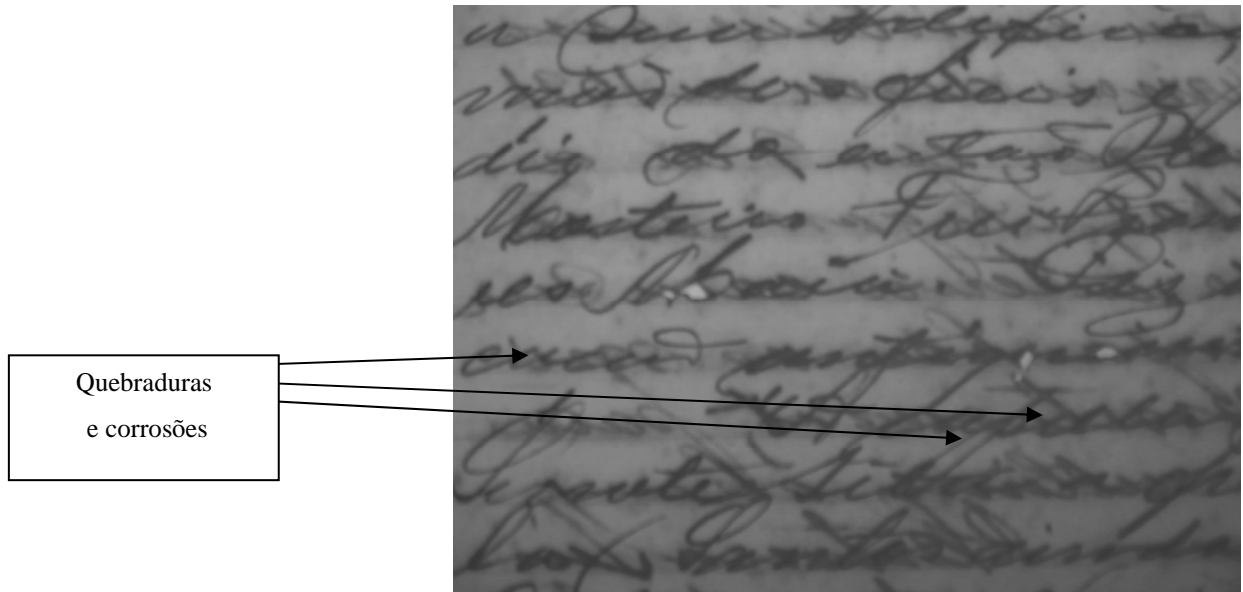


FIGURA 4 - Quebraduras e corrosões

Como toda tinta ferrogálica, que inicialmente é preta, neste manuscrito ela adquiriu a tonalidade castanha, quase marrom, e apresenta variações de tom, indo do mais claro ao mais escuro dependendo da quantidade de tinta utilizada em cada palavra.

O manuscrito apresenta-se em bom estado, exceto pelo fólio da sentença, porém seu arquivamento e conservação são efetuados de forma amadora. O local onde é guardado é úmido demais, os responsáveis pelo arquivamento dos documentos não possuem qualificação técnica ou treinamento mínimo para o desempenho da função e tampouco conhecimentos de manutenção e restauro de documentação antiga.



FIGURA 5 - Formação dos cadernos

O códice é formado por 129 *fólios*, dos quais 121 são enumerados, sendo que somente 117 são escritos e desses, 112 são escritos em frente e verso, obedecendo a seguinte composição na montagem do manuscrito: inicialmente, há dois *bifólios* de

almaço, encadernados, numerados somente a partir da quinta página (à direita, em cima) a qual recebe o número “1”, aonde encontramos a página de apresentação do documento, similar à capa do mesmo, exceto pela preposição “por”, então encontrada (Reminiscencias de Santos - 1543-1870 – *por* João Luis Promessa) e pela grafia dos números “1” (de 1543) e “7” (de 1870). Esses dois *bifólios* compõem o primeiro *bínio* (livro cujos cadernos compõem-se por dois *bifólios*), sendo, portanto numerados apenas de 1 à 4.



FIGURA 6 - Capa

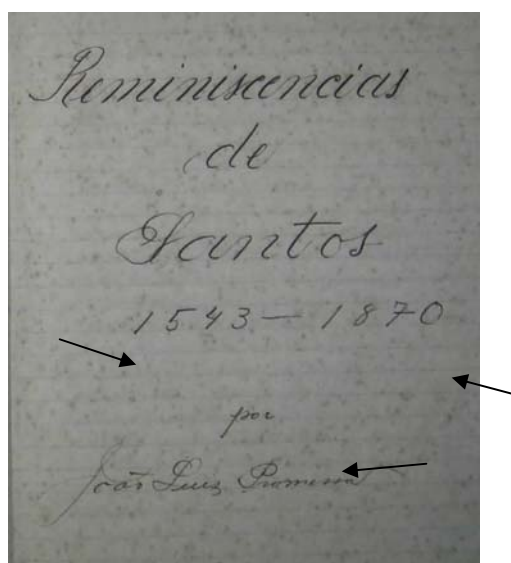


FIGURA 7 - Contracapa

Se segue um *fólio* de menores dimensões, de textura uniforme, no qual não é possível observar-se as vergaturas e as pontusais, que aparenta ser um papel de carta. Trata-se, esse *fólio*, da Sentença do sensor eclesiástico em face ao manuscrito e se encontra entre à 4ª e a 5ª página numerada. Esse *fólio* não apresenta numeração e seu verso está em branco.

A partir da página n.º5, todas as páginas, inclusive os versos, recebem numeração no canto superior direito, até a página 121 (índice do manuscrito). A página 122, embora ainda contenha texto referente ao índice mencionado, não mais apresenta numeração, bem como as duas páginas finais.

Após o *fólio* da Sentença, segue-se um *bifólio* de almaço, numerado de 5 a 8 e, posteriormente, temos mais um *bifólio* (pág. 9 à 12). A partir de então, temos um caderno de três *bifólios* (*terno*), numerado de 13 à 24 e cinco *quínios* (cadernos de 5 *bifólios*), com a seguinte numeração: 25 à 44 (1.º *quínio*); 45 à 64 (2.º *quínio*); 65 à 84

(3.º quínio); 85 à 104 (4.º quínio) e 105 à 124 (5.º quínio), sendo que, neste último, os três últimos *fólios* não estão numerados.

Dos *fólios* que apresentam apenas uma face contendo texto, temos a contra face absolutamente em branco, no *fólio* da Sentença e a páginas 120. As páginas 54, 88 e 100, não contém texto, mas estão riscadas de cima à baixo e na página 100, observamos escrito, à lápis, a palavra “anexos”.

A identificação desse manuscrito, no controle interno do arquivo, efetuada através de uma etiqueta adesiva com as seguintes informações: Hist. 1.384, Arm. 5, Prat. 4, está localizada na lombada do *códice* e na primeira página (não numerada), imediatamente posterior à capa.

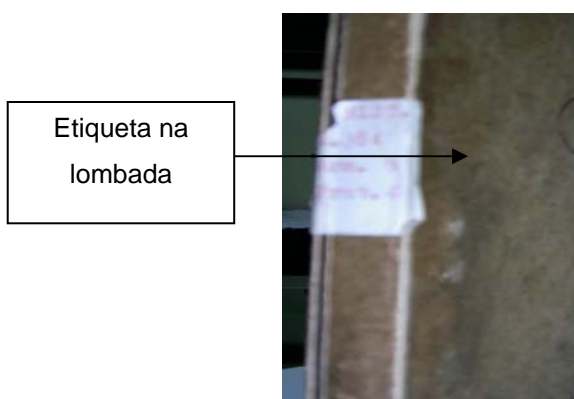


FIGURA 8 - Etiqueta na Lombada

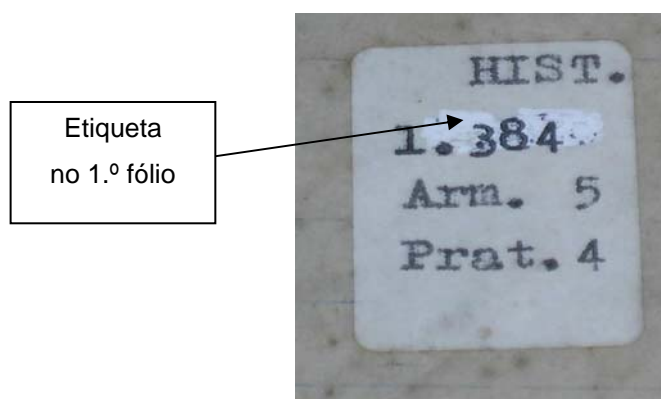


FIGURA 9 - Etiqueta no 1º fólio

A escrita no documento é cursiva, representada pela rapidez do traçado corrente de mão, as palavras possuem uma delimitação espacial bem definida e não há palavras escritas juntas ou palavras separadas em seu interior.



FIGURA 10 - Exemplo da letra cursiva

As letras são alongadas e seu *ductos* possui uma leve inclinação para a direita. Percebe-se apenas um punho em todo o manuscrito, numa escrita regular e bem elaborada. A translineação é feita com um traço horizontal embaixo da última letra da linha, respeitando os limites das sílabas a exceção destas ocorrências:

afirmar com segurança pelo fa
cto desse lugar ter sido doado só (à folha 29, linhas 14 e 15)

terro, antes da edificação do a
ctual mosteiro. N´este mesmo (folha 29, linhas 30 e 31)

ceira o terreno doado por escri
ptura passada pelo Tabelliaõ (folha 69, linhas 25 e 26)

Há a inserção de observações e datas às margens do texto e alguns raros concertos efetuados pelo escriba, momento em que ele escreve por cima a letra correta, o que dificulta, um pouco, a leitura, processo conhecido como “arrendimento” ou “sobrescrição”, como se refere COSTA (2008, p. 89).

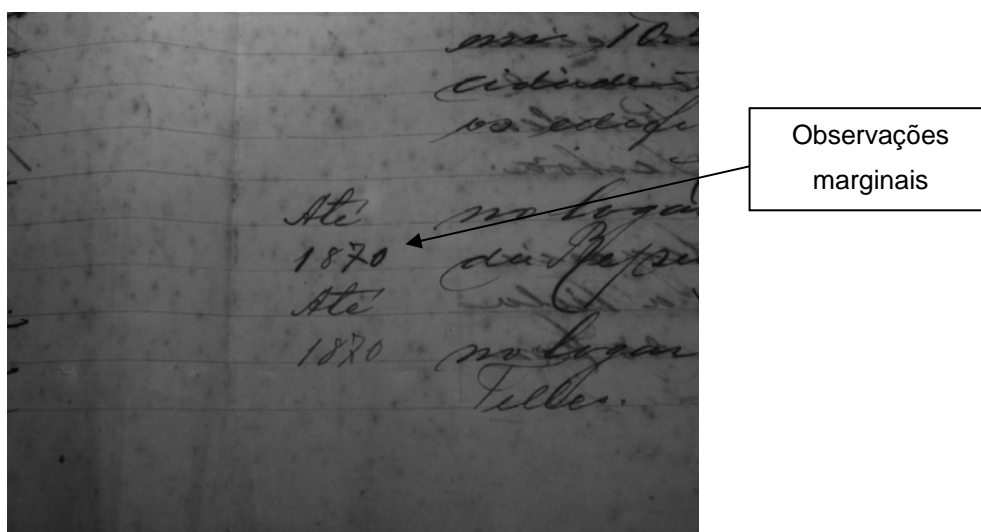


FIGURA 11 – Observações marginais



FIGURA 12 – Sobrescrição ou arrendimento

Sobrescrição
ou
arrendimento

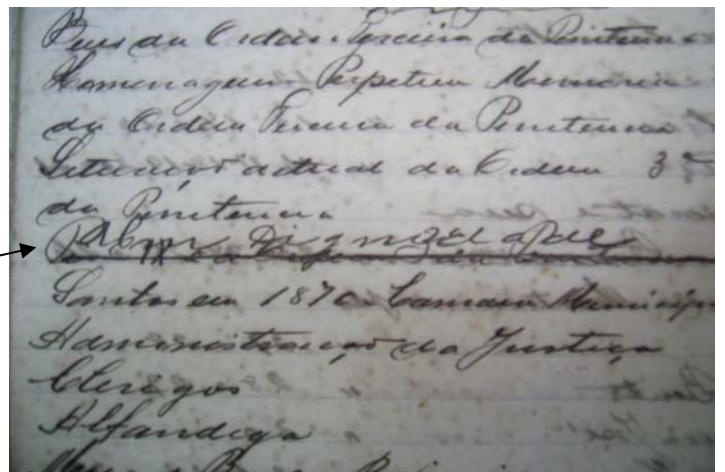


FIGURA 13 - Sobrescrição ou arrendimento

Sobrescrição
ou
arrendimento

CAPA

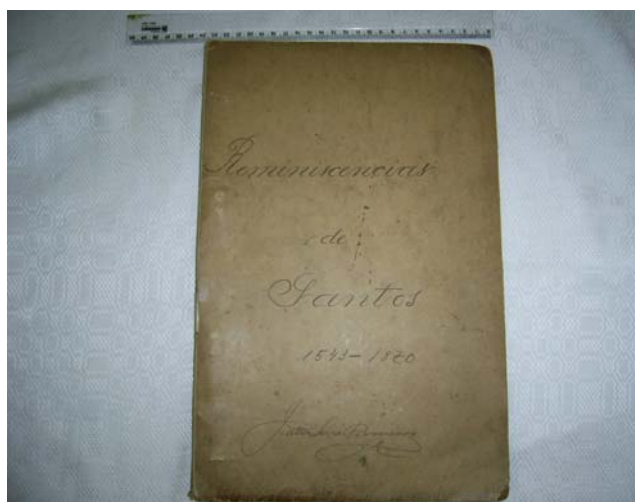


FIGURA 14 - Capa

CAPA				
Encadernação	Folhas presas por grampos de ferro			
Material	Papel cartão maleável			
Dimensões				
	Cabeça/pé		Dorso / Goteira	
	<i>1r</i>		<i>1r</i>	
página	34,2 cm		23,4 cm	
mancha	23,7 cm		18,0 cm	
Margens				
	dorso/mancha	mancha/goteira	mancha/pé	Cabeça/mancha
	<i>1r</i>	<i>1r</i>	<i>1r</i>	<i>1r</i>
	Margem	5,0 cm	2,8 cm	7,5 cm
Cor				
papel	Amarelado escuro, quase castanho, mais escurecido nas extremidades.		Conservação	
tinta	Marrom escura		Não quebradiça	

CONTRACAPA

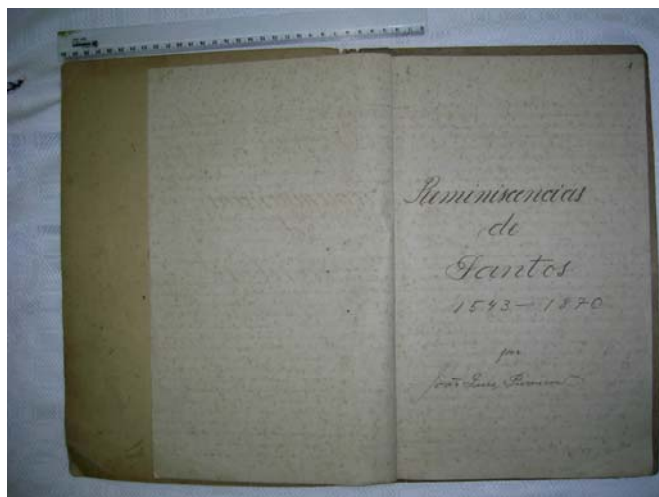


FIGURA 15 - Contracapa

CONTRACAPA				
Encadernação	Bifólio escrito somente no 1r			
Material	Papel maleável – almaço industrializado			
Dimensões				
	Cabeça/pé		Dorso / Goteira	
	1r		1r	
página	33,0 cm		22,0 cm	
mancha	17,5 cm		15,0 cm	
Margens				
	dorso/mancha	mancha/goteira	mancha/pé	Cabeça/mancha
	1r	1r	1r	1r
	1,0 cm	4,0 cm	6,0 cm	9,5 cm
Cor				
papel	Amarelado escuro, quase castanho, sem escurecimento nas extremidades, mas com bastantes pontos de umidade		Conservação	
tinta	Marrom escura, com excesso no título da obra		Bom estado	
			Não quebradiça e nítida	

CARTA DE SENTENÇA

Carta de sentença do sensor, inserida
entre as
páginas numeradas 4 e 5

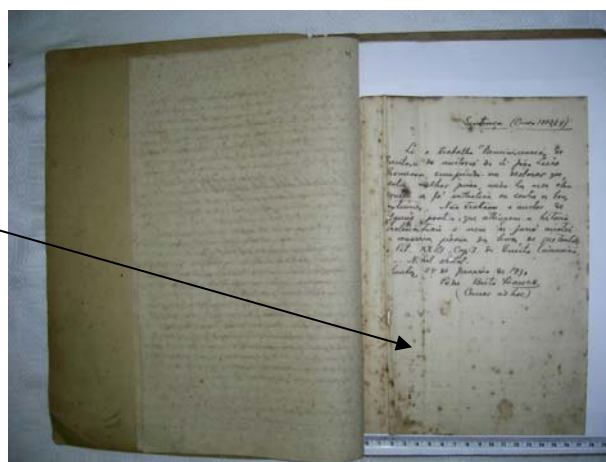


FIGURA 16 - Carta de sentença

CARTA DE SENTENÇA				
Encadernação	Fólio único escrito somente no 1r			
Material	Papel de carta			
Dimensões	Cabeça/pé		Dorso / Goteira	
	1r		1r	
página	27,0 cm		21,0 cm	
mancha	15,0 cm		15,5 cm	
Margens	dorso/mancha	mancha/goteira	mancha/pé	Cabeça/mancha
	1r	1r	1r	1r
	4,5 cm	0,7 cm	10,5 cm	1,5 cm
	Cor		Conservação	
papel	Amarelado escuro, quase castanho, com escurecimento nas extremidades, principalmente a superior, e bastantes pontos de umidade e o papel está começando a rasgar no início da mancha até o dorso.		Mau conservado, péssimo estado, papel mais delicado e de pior qualidade que o almaço utilizado no manuscrito.	
tinta	Marrom escura, com excesso em algumas letras		Quebradiça	

PÁGINA 5 (imediatamente posterior ao verso da sentença do sensor)

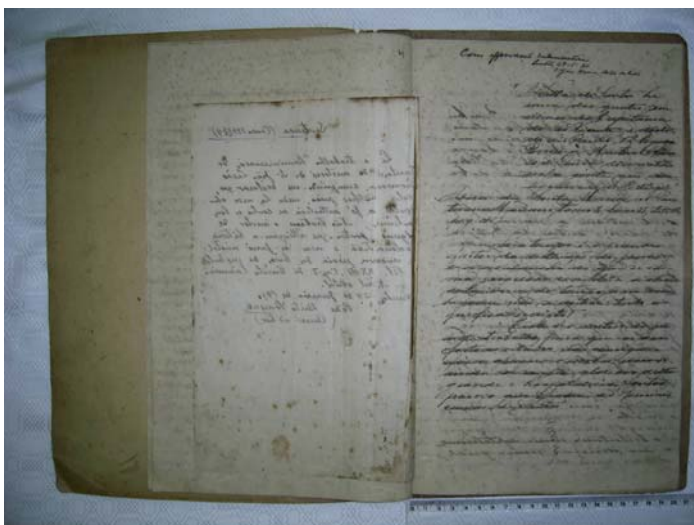


FIGURA 17 - Página 5

PÁGINA 5				
Encadernação	1.ª página de um <i>bifólio</i> unido ao <i>Códice</i> por grampos de ferro			
Material	Papel almaço bifólio			
Dimensões				
	Cabeça/pé		Dorso / Goteira	
	<i>1r</i>		<i>1r</i>	
página	33,1 cm		22,1 cm	
mancha	24,3 cm		18,3 cm	
Margens				
	dorso/mancha	mancha/goteira	mancha/pé	Cabeça/mancha
	<i>1r</i>	<i>1r</i>	<i>1r</i>	<i>1r</i>
	2,8	0,2 cm	6,0 cm	3,1 cm
Cor				
papel	Amarelado escuro, quase castanho, com vergaturas e pontusais perceptíveis.		Conservação	
			Razoável estado, apresentando várias quebraduras e corrosões na parte média direita da mesma	
tinta	Marrom escura		Quebradiça	

PÁGINA 6

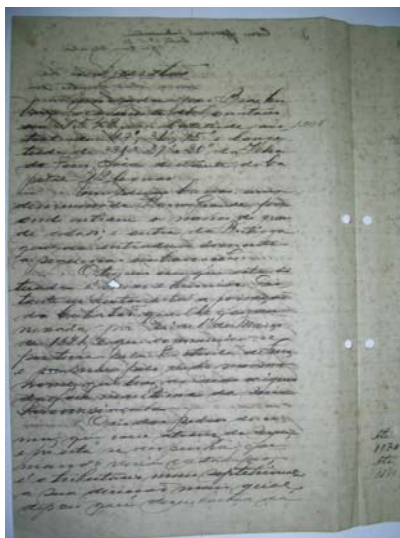


FIGURA 18 - Página 6

PÁGINA 6				
Encadernação	2. ^a página de um <i>bifólio</i> unido ao <i>Códice</i> por grampos de ferro			
Material	Papel almaço bifólio			
Dimensões				
	Cabeça/pé		Dorso / Goteira	
	1r		1r	
página	33,1 cm		22,1 cm	
mancha	29,7 cm		18,0 cm	
Margens				
	dorso/mancha	mancha/goteira	mancha/pé	Cabeça/mancha
	1r	1r	1r	1r
	margem	3,2 cm	1,6 cm	1,8 cm
Cor				
papel	Amarelado escuro, quase castanho, mais escurecido nas extremidades, com vergaturas e pontusais perceptíveis.		Conservação	
tinta	Marrom escura		Quebradiça	

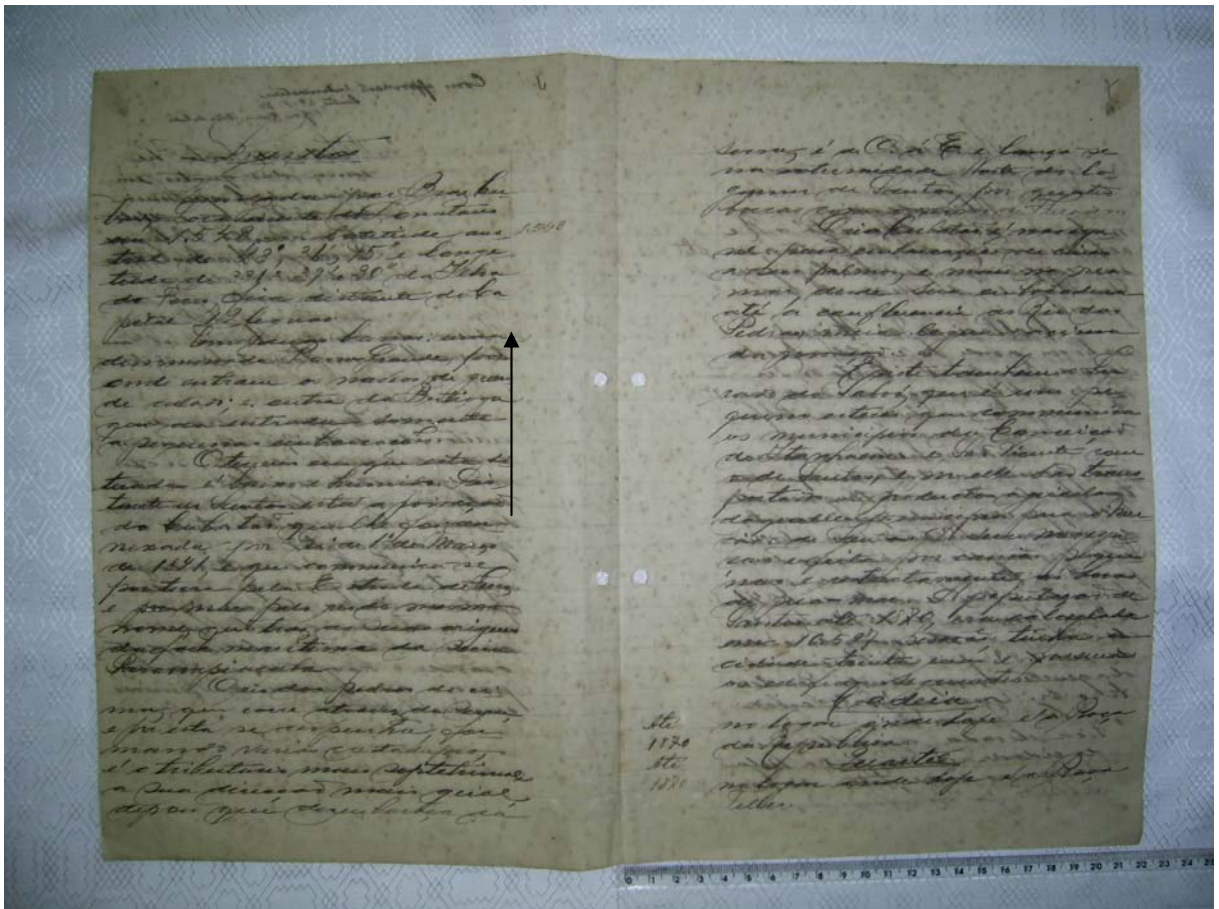


FIGURA 19 - Exemplo dos bifólios que compõem o manuscrito

7 HISTÓRICO DA OBRA

O *Códice* estudado encontra-se no arquivo permanente da Igreja do Valongo, em Santos, em local úmido, e sob os cuidados de voluntários responsáveis pelo zelo, conservação e manuseio dos documentos, muitos deles, como uma Ata do Século XVII, não possuem as mínimas condições de leitura. Sabe-se que há alguns anos, um dos voluntários colocou documentos no *freezer* e os congelou, pois ouviu dizer que isso ajudava a conservá-los. Sob esses cuidados há, no arquivo, vários livros de Ata relativos às reuniões da irmandade, livros de batismo, registro de casamentos, entre outros, e os legíveis possuem datação mais antiga do início do século XIX.

O manuscrito parece ser uma cópia do original, que provavelmente seria um rascunho da compilação histórica dos documentos em mãos do escriba e pesquisados por ele. Foi impresso em 1930, com número de cópias extremamente limitado, havendo uma cópia do mesmo na sede da “Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil”, em São Paulo, e outra na biblioteca da Faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco. A própria Igreja do Valongo não possui cópia dessa impressão, a cópia do arquivo da “Fundação Arquivo e Memória de Santos” desapareceu há alguns anos.

Foi feito o cotejo do manuscrito com a cópia impressa e há algumas divergências entre os dois textos, como datas diferentes, palavras escritas de acordo com normas atuais, informações acrescentadas, que não havia no original e informações constantes no original que não aparecem na cópia impressa. O resultado desse Cotejo não pode ser incluído neste trabalho, mas será feito um artigo para publicação contendo todas as alterações.

O estado de língua do documento, segundo o próprio João Luis Promessa, era contemporâneo à época. Em outro documento manuscrito encontrado nos arquivos da Igreja, a transcrição do livro de termos – 1682 a 1715, feita pelo Mestre de Noviços, há uma observação, antes de iniciar o texto, que ele atualizaria a gramática segundo os mais rigorosos padrões da época. Da qual se presume, que o mesmo critério foi usado para todos os manuscritos dele, encontrados nesses arquivos.

Este manuscrito trata da história de Santos, desde a sua fundação, enumerando seus habitantes ilustres, descrevendo a sociedade da época e listando profissões existentes na cidade, e nomes das pessoas que ocupavam os principais cargos e funções. Em seguida ele relata a história da Igreja do Valongo desde a doação do terreno.

7.1 BIOGRAFIA DO AUTOR

O texto “Reminiscências de Santos” foi escrito por João Luis Promessa, mestre de noviços da Igreja do Valongo em Santos, sabe-se que ele ingressou na Ordem Franciscana no final do século XIX, e somente em Novembro de 1825 passou a ser filiado à Igreja do Valongo como consta da transcrição do livro manuscrito pertencente à Igreja de nome “Curiosidades Santistas”, que segue abaixo:

“Filiado á Venerável Ordem Terceira da Penitencia, de Santos, em primeiro de novembro de 1925.

Da acta desse dia, consta o seguinte: “Fôra acceito o pedido de filiação do *Senhor* João Luiz Promessa de acordo com o certificado da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitencia, da cidade de São Paulo, o qual adiante se transcreve: Certifico a pedido do *Senhor* João Luiz Promessa que do Livro V de Termos de Profissão dos Irmãos desta V.O. Terceira de São Francisco da Penitencia, a folhas 111, consta o termo seguinte: João Luiz Promessa = Ordem Marcello = Aos trinta de agosto de mil novecentos e três, na Igreja da S.S. Chagas de São Francisco, presentes os Irmãos em Congregação, eu abaixo assignado, Diretor admitti à profissão na Ordem Terceira da Penitencia de São Francisco o *Senhor* João Luiz Promessa que recebeu o habito no dia três do mez de Março do anno de mil novecentos e dois. Em fé desta, eu subscrevo (assignado) Frei Bernardino Capuchinho Carlso H. G. Kenupln (Kenupeln) = Mestre de noviços. E o que se canteceo o dito termo que para aqui bem e fielmente transcrevi a vista do original, no impedimento do Irmão Secretario, e assigno. São Paulo, 12 de Outubro de 1925. (assignado) João Baptista Parahiba Campos, Vice Ministro” Diploma – Seu Diploma que constata a verdade do termo supra transcripto, foi processado em 15 de fevereiro de 1934, e apresentado a Venerável Ordem Terceira da Penitencia de Santos, pelo mesmo Irmão João Luis Promessa, quando há mais de nove annos já o mesmo irmão estava em actividade na Fraternidade de Santos, já tendo sido vigário do culto e actualmente mestre de noviços, com quasi nove annos com cargo na mesa definitoria. Conserva o mesmo nome da profissão: Marcello.”

Foi feita pesquisa em todos os livros existentes na Igreja do Valongo, e na sede da “Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil”, em São Paulo, com o auxílio da Secretária da Província, Sra. Elizabete, e não foi possível localizar maiores informações sobre o autor desta obra. A Secretária informou que os homens poderiam entrar para a ordem a qualquer momento de sua vida, quando era escolhido um novo nome, e sua filiação anterior era totalmente desconsiderada. Provavelmente, foi o que ocorreu com o Sr. João Luiz Promessa.

7.2 HISTÓRICO DA IGREJA SANTO ANTONIO DO VALONGO

Fundada em 25 de janeiro de 1640, por Frei Manoel de Santa Maria, o Convento de Santo Antônio do Valongo da Ordem dos Franciscanos teve o início de sua construção em 1º de junho de 1641. No dia 20 de outubro do mesmo ano fundou-se a Ordem Terceira de São Francisco, que veio a ter influência marcante na permanência dos Franciscanos no local. Em 1689 foi construída a capela da Ordem Terceira com arco aberto para a capela conventual.

No Século XVIII, todo o conjunto arquitetônico destacou-se como um dos maiores e mais bonitos de toda a Província Franciscana no Brasil. Por sua localização e tamanho, o Convento de Santo Antônio do Valongo escreveu parte da história da Igreja e da cidade. Foi sob seu teto que o primeiro bispo de Santos, Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, organizou o princípio da Diocese de São Paulo, que abrangia toda a região Sul do Brasil. Também ali foi acolhido, por alguns dias, o Monsenhor João Mastai Ferretti, que a caminho do Chile ancorou no porto para reparos de sua nau. Anos mais tarde, Dom João foi eleito Papa, assumindo o nome de Pio IX (1846-1878), fato que está detalhadamente descrito no livro de João Luis Promessa.

No ano de 1859, uma série de contratempos acabou por inscrever o Convento de Santo Antônio do Valongo como local de milagres no imaginário popular. Sob a guardiana de Frei Miguel de Santa Rita, eleito em 1859, a residência franciscana foi

comprada pela Companhia São Paulo Railway. Era interesse do Barão de Mauá construir ali uma estação de trem da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. João Luis Promessa, em "Reminiscencias de Santos", conta que quando a "Inglesa" quis remover a imagem seiscentista de Santo Antônio para se apoderar da Igreja, não houve força humana capaz de fazê-lo. O fenômeno considerado como milagre obrigou os engenheiros a abandonarem seus projetos. Os fiéis reagiram ao atentado à imagem e munidos de paus, ferramentas e armas impediram a demolição do templo. Intervieram junto a D. Pedro II e por intercessão do Visconde de Embaré (Antônio Ferreira Júnior) a igreja foi salva.

De 1855 a 1906 funcionou, no Convento, a Escola de Meninas do Valongo, fundada por Mariana Amberguer e Maria Gertrudes Mayer. Mas foi somente em 1922 que os frades retornaram ao Valongo, quando frei Paulo Luig assumiu como guardião. Em agosto desse ano, a Arquidiocese de São Paulo criou a Paróquia de Santo Antônio do Valongo, abrangendo boa parte da cidade, do interior, da Ilha de Santo Amaro, atual Guarujá, e da Região de Cubatão. Em 1987, Dom David Picão, por decreto, transformou a Matriz do Valongo em Santuário.

4- Edição Simidiplomática justa linear.

Reminiscencias

de

Santos

1543-1870

Joaõ Luis Promessa

Reminiscencias

de

Santos

1543 – 1870

Por

Joaõ Luis Promessa

Sentença (Canon 1393, 54)¹

Li o trabalho “Reminiscencias de Santos” de auctoria do *Senhor* João Luis Promessa, cumprindo-me declarar que salvo melhor juiso nada ha nessa obra contra a fé cathólica ou contra os bons costumes. Não tratasse o auctor de alguns pontos que attingem a historia ecclesiasticã e nem se faria mistér a censura prévia dos livros de que trata o *Titulo XXIII, Capitulo I* do Direito Canonico.

Nihil obstat.

Santos, 24 de Janeiro de 1930.

Padre Brito Franco
(Censor ad hoc)²

¹ Estas linhas estão na capa do manuscrito.

² Estes dizeres se encontram em uma folha menor, colocada no meio do 1º. Caderno de dois bifólios em branco, salvo por uma etiqueta no *recto* do 1º. Desses fólhos em que se lê “Hist. 1384 arm 5 prat. 44” e pelo título que se repete no *recto* do 3º. Fólho; “Reminiscencias de Santos 1543-1870 por João Luiz Promessa, após a capa do Ms”.

||Fl.5|| < Com aprovaçã ecclesiastica.

Santos, 29 –1 : 30

Dom José Maria, Bispo de Santos.>³

5

“A Villa de Santos he
uma das quatro prin
cipaes da Capitania
de Saõ Vicente, e dista
de Saõ Paulo 12 leguas.
Povoou-a Martim Affon
so de Sousa de muita
nobre gente que com
sigo levou de Portugal”

10

Assim diz Santa Maria no San
tuario Mariano, tomo X, livro II, tit. 12,
15 pag. 112.

Si o tempo é o grande
factor da destruiçã do passado,
e a avalanche do que se cha
ma progresso completa a obra
20 destruidora do tempo, uma cou
sa pore^m naõ se destroe: tudo o
que fica escripto!

Este é o motivo do pre
sente trabalho, para que os dois
25 factores citados naõ consigam
faser apagar o nobre passado
ainda e sempre glorioso desta
grande e hospitaleria Santos,
para o que ficam as “Reminis
30 cencias de Santos”

³ Estas três linhas foram escritas na margem superior do texto, ao punho do bispo de Santos que assina.

||Fl. 6|| Santos

Fundada por Braz Cu
bas, Loco Tenente do Donatario
em 1.543 na latitude aus <1.543>

5 tral de 23°, 36', 15 "e longe
tude de 331° 39' e 30" da Ilha
do Ferro, fica distante da Ca
pital 12 leguas.

Tem duas barras: uma
10 denominada Barra Grande, por
onde entram os navios de gran
de calado; e outra da Bertioga
que da entrada somente
a pequenas embarcações.

15 O terreno em que esta si
tuada é baixo e humido. Dis
tante de Santos está a povoação
do Cubataõ que lhe foi an
nexada por Lei de 1º de Março
20 de 1841, e que communica-se
por terra pela Estrada de Ferro,
e por mar pelo rio do mesmo
nome, que traz as suas origens
da face maritima da serra
25 Paranapiacaba.

O rio das pedras de ci
ma, que corre atravez da serra,
e por esta se despenha, for
mando varias catadupas,
30 é o tributario mais septentrional;
a sua direcção mais geral,
depois que desenbaraça da

||fl.7|| serra, é de Oeste á Este e lança-se na extremidade Norte do lagoamar de Santos, por quatro boccas com o nome de Furados.

5 O rio Cubataõ é navegavel para embarcações de cinco a seis palmos, e mais na preamar, desde sua embocadura até a confluencia do Rio das
10 Pedras, meia legua acima da povoação.

Existe tambem o Furado do Saboó, que é um pequeno esteiro que communica
15 os municipios da Conceição de Itanhaem e São Vicente com o de Santos, e por elle são transportados os productos agricolas daquelle municipio para o mercado de Santos. A sua navegação e feita por canôas pequenas e restrictamente ás horas de preamar. A população de Santos ate 1870, era calculada
20 em 10.527 pessoas; tinha a cidade trinta ruas e possuia os edificios seguintes:

Cadeia

<até 1870> no logar onde hoje é a Praça
30 da Republica.

Quartel

<até 1870> no logar onde hoje é a Praça Telles.

[fl. 8] | Arsenal

no lugar onde hoje é a Praça
Baraõ do Rio Branco.

Alfandega

5 no lugar onde hoje está a Re
cebitoria de Rendas do Estado, em<até 1650>
um edificio que foi Collegio de
Saõ Miguel dos Padres da Com
panhia de Jesus.

10 Collegio de Saõ Miguel

no lugar onde hoje está a Recebe
doria de Rendas do Estado, ser_ <Fundado 1550>
vindo de Alfandega durante muj
to tempo, ate construcção da Alfa
15 dega Velha agora em demolição.

Nenhum historiador conse
guio precisar a data em que San
tos foi elevada a cathegoria de
Villa, porem pelo que consta

20 de duas escripturas pelo Tabelliaõ
Pedro Fernandes e assignada
por Braz Cubas, se deduz que
foi entre 14 de agosto de 1.546 <1.546>
a 3 de Janeiro de 1.547; sendo <1.547>

25 elevada a cathegoria de cida
de em 1.836 por Lei Provincial
daquelle anno, sendo presiden
te o *Doutor* Venancio José Lisbôa.

Diz a Lei :-

30 “Fica elevada a cathegoria
de cidade de Santos a Villa
do mesmo nome, Patria do Con
selheiro José Bonifacio de An

||fl. 9|| drada e Silva”

Era Santos o principal porto da provincia por onde se exportavam a maior parte dos seus productos, e que ca
5 minhava a rapidos progressos cujo futuro era já prometterdor, pelo seu desenvolvimento e prosperidade.

10 Foi na cidade de Santos que nasceram alguns brasileiros illustres nas letras como sejam: Alexandre Ba
tholomeu de Gusmaõ, os tres
15 irmãos Andradas, o Visconde de Saõ Leopoldo e outros tantos.

Nas suas praias apo
20 tou o primeiro colono portu
guez que veio plantar as
quinas no solo virgem da
America.

Foi Martim Affonso de Souza o primeiro donatario da Capitania da Provincia.

25 Possuia a cidade de Santos as seguintes igrejas:

Matriz

padroeira, Nossa Senhora do Ro
sario Aparecida.

30 Rosario

com a mesma invocaçã, e que ainda existe, reformada quasi completamente.

||fl. 10|| Jesus Maria José

Sagrada Familia, como o nome indica.

Capellas

- 5 Nossa Senhora do Monte Serrate,
Ordem Terceira do Carmo,
que ainda é a mesma,
Graça,
São Francisco de Paula, da
10 Santa Casa,
São Francisco das Chagas
com claustro e noviciado da Ordem Terceira
da Penitencia, que
15 ainda existe, e

Conventos

- Nossa Senhora do Carmo
Santo Antonio, que
hoje existe sómente
20 a igreja, pois o velho
convento foi demolido em 1.860.

- Fóra da cidade
as capellas de Santo Amaro
25 da Fortaleza da Barra, São João
Baptista na Bertioga, Nossa Senhora da Neves,
no Sitio das Neves, antigo vinculo
da familia Cardozo de Menezes.

- Sobre os conventos, igrejas e capellas, adiante, em resumo, procurarei historial—os em base dos dados que conseguí, alguns documentados e

||fl. 11|| outros em uma publicação ano
 nyma em 1870, e tambem baseado
 na tradiçã, sendo que com ref
 ferencia ao Convento de Santo Anto
 5 nio e Ordem Terceira da Penitenç
 cia, serei mais prolixo em virtude
 de ter em mao o velho arquivo da
 Veneravel Ordem Terceira da Penitencia,
 reorganizado com muito trabaç
 10 lho em 1.926.

Demarcação de limites
 da cidade de Santos,
 em 6 de Julho de 1.868.

Decreto *Numero* 4.126 de 28 de
 15 Março de 1868, Artigo 2^o
 §^o 2^o.

Do riacho do Caldereiro, conhecido
 pelo dos Soldados a ponta do
 morro da Penha, fraldeando o
 20 morro de uma extremidade a
 outra até o mar, ficando
 compreendido o Mosteiro de Sao
 Bento, Santa Casa de Misericordia,
 chacara de *Dona* Angelina Martins
 25 Rodrigues e estabelecimento de
 cortume de Henrique Porchat.
 Foram demarcadores o Tenente
 Coronel Candido Annunciado
 Dias e Albuquerque, Major Francisco
 30 Martins dos Santos e Capitao
 Antonio Martins Fontes, serviç
 do este ultimo de escrivao.

||fl. 12|| Pontes ou trapiches

Rua da Alfandega – Herança <Até 1870>

Ignacio Anto
nio Lisboã.

5 Becco do Arsenal – Antonio Tiburcio
Rodrigues.

Onze de Junho – Joao Antonio Fern
nandes Gabizo.

Praia – Alixandre Geremias da Silva.

10 Consulado – Mesa Provincial – isent
ta.

Capella – C. Budick & C^a

Sal – Souza Queiroz & Vergueiro.

Estrada de Ferro – (inter muros) *Companhia*

15 Estrada de Ferro de
Santos

Banca – Lebre & Irmao e Fideles
Nepomuceno Prates.

Eram estes os pontoes que ser

20 voam ate o anno de 1870 para
embarque e desembarque de merc
cadorias em toda a extenso da
praia. Muitos desses trapiches aint

25 obras do porto levadas a effeitos
pela Companhia Docas de Santos.

Tendo em mira semt

pre assumpto exclusivamente local
darei em rapidas linhas algut

30 mas palavras sobre alguns homens
illustres filhos de Santos, para
depois externar-me mais quan

||fl. 13|| do me referir ás suas Igrejas e capellas e conventos da antiguidade.

Registro aqui apenas algumas datas sobre seus filhos illustres,

5 pois as biographias de cada um delles certamente já existirá e seria superfluo reproduzil-as aqui

José Bonifacio de Andrada e Silva

Nasceu em Santos em 13 de Junho de 1763.

10 Por engano alguns biographos dão o seu nascimento em 13 de Junho de 1.765, porem a isto se appoë a certidão de baptismo que attesta a veracidade da primeira data:

15

“No acto do baptismo celebrado em 18 de Junho de 1.763, pelo vigario Domingos Moreira da Silva, recebeu o nome de José Antonio, porem mais tarde substitui-o por Bonifacio.”

20

Faleceu em Saõ Domingos, no Rio de Janeiro, aos 6 de Abril de 1.838, e sendo seu corpo embalsamado, por disposição testamentaria, foi transportado para o Convento do Carmo, em Santos, sua terra natal

30

Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Nasceu em Santos em 1775, sendo baptisado em 27 de Junho do di

||fl. 14|| to anno. Falleceu em Santos, em 23 de Fevereiro de 1844.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva. Nasceu em Santos

5 em 1º de novembro de 1773, e falleceu em 5 de Dezembro de 1.845.

José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de São Leopoldo). Nasceu em Santos a 9 de Maio de 1774, e falle

10 ceu em 6 de Julho de 1847, na cidade de Porto Alegre.

Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmaõ. (o voador). Natural de Santos, falleceu em 19 de novembro de 1724 na

15 sua Casa de Misericórdia de Toledo - Hespanha. Foi o primeiro inventor dos balões aéreostaticos, e obtendo o privilegio por alvará de 19 de abril de 1709, fez a primeira experiencia de sua machina em Lisboa aos 8 de agosto do mesmo anno em presença de El Rei e fidalgos no Pateo da Casa da India.

25 Alexandre de Gusmaõ. Nasceu em Santos em 1695 irmão mais moço do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmaõ, cursou com elle as aulas dos jesuitas que passavam pelas mais bem regidas e severas da Colonia, estabelecidas no edificio que possuia em Santos a Companhia, o

30

||fl. 15|| qual dipois da expulsaõ dos
filhos de Santo Ignacio em 1.640,
servio de hospital do exercito
e onde foi a Alfandega, s̄i

5 tuado no logar onde hoje está
edificada a Recebedoria de Ren
das do Estado.

Naõ obstante os grandes
serviços que prestou em Roma
10 por espaço de 7 annos na di
plomacia, conseguiu o "des̄i
deratum" de El Rei Dom Joaõ V
comtudo este Rei Soberano naõ
consentio que elle acceitasse
15 a dignidade de Principe Ro
mano que lhe offerecera o
Papa Benedicto XIII, e naõ obs̄
tante continuou a servil-o
com o mesmo zelo e dedicaçaõ.

20 Foi Alexandre de Gusmaõ
quem lembrou El Rei a crea
çaõ dos Bispados de Saõ Paulo,
Pará e Minas.

Em 1750, dipois da
25 morte de Dom Joaõ V em que de
caio da graça do novo Rei
Dom José 1º vivera tristemente. Ca
sou com uma donzela de
Traz os Montes e teve dois fi
30 lhos que os perdeo em um
incendio que lhe levou em
1.751 a casa e os bens que
possuia, embora poucos.

||fl. 16|| Não sobreviveu muito a estas
domesticas dores ainda que
exteriormente parecesse resis
til-as, fallecendo no dia 31 de
5 Dezembro de 1773, em Santos, di
go em Lisbôa e foi sepultado
na igreja dos Remedios dos
Carmelitas descalços.

Igreja Matriz

10 Até o anno de 1909, quan
do foi demolida a velha igreja,
passaram se 366 annos. No ini
cio em 1543 era Saõ Vicente ca
beça da Capitania; eram pou
15 cos os moradores de Santos entãõ
freguezia de Saõ Vicente e coinci
dindo a frequentar este porto
e tendo já povo bastante conce <1.543>
deu-lhe Sua Magestade facul
20 dade para se faser uma igreja
com o titulo de Misericordia em
a qual assistia um capellaõ
sujeito ao Vigario de Saõ Vicente,
de licença do qual baptisava
25 e administrava os *Santissimos* Sacramentos,
e era o dito capellaõ Senhor da
Capella maior e nella governa
da pelos Irmaõs da Misericordia.

Tendo duvidas com elle os
30 ditos Irmaõs da Misericordia

||fl. 17|| sobre a Igreja, recorreram a Sua
 Majestade que resolveu que a di
 ta Igreja servisse de Matriz e
 que os Irmaões da Misericordia
 5 alargassem e fizessem outra
 Igreja da Misericordia que com
 effeito assim o executaram e fa
 sendo a Igreja da Misericordia,
 trasendo para ella os orna-
 10 mentos e alfaias que lhes per
 tenciam, e que mandaram
 fazer outra igreja e assim
 ficaram divididas uma da
 outra. Este foi o principrio
 15 que tiveram a igreja Matriz e
 os Irmaões da Misericordia.

Tinha a Igreja Matriz sete
 altares a saber:

20 Altar Maior - *Invocação de Nossa Senhora do*
 Rosario dos brancos

Altar de São Miguel - Do lado do Evangelho,
 sendo tambem das
 Almas.

Confrarias e Irmandades

25 São Miguel, Almas, com compromisso
 com a obrigação
 de dizerem dez mis
 sas a cada dos
 irmaões que falle
 30 ciam.

Nossa Senhora da Piedade - Do lado da Epistola,
 sem compromisso

||fl. 18|| e éra composta de
militares da Praça
com a obrigação de
se dizerem cinco
5 missas pela alma
de cada irmão fa
lecido, e alem desta
obrigação tambem
tinha obrigação de
10 dizer uma missa
semanal todas as
sextas feiras pelos ir
maõs vivos e defuntos,
assim tambem
15 o Altar das Almas
acima referido, ou
para melhor dizer:
a dita irmandade
no Altar das Almas
20 tinha a obrigação
de mandar dizer to
das as segundas
feiras com procissã
pelo adro da igreja,
25 pelas Almas.

Existia ainda alem destes alta
res lateraes, no corpo da Igreja,
na parte do Evangelho, a capella
do Santissimo Sacramento – Altar onde
30 estava o sacra
rio da dita i
greja. Tinha
Confraria com

||fl. 19|| compromisso com a obrigação de
mandar dizer quarenta missas
a cada irmão que fallecia, e
alem desta obrigação, tinha mais

5 uma missa semanal que
se dizia na capella dos ir
maões vivos e defuntos, todas as
quintas feiras.

Em frente a referida

10 capella na parte da Epistola,
estava o altar da Irmanda
de de Nossa *Senhora* do Rosario, dos pretos
e no rectabulo do dito altar
tambem estava a Senhora do
15 Terço. Tinha Irmandade dos pré
tos, sem compromisso; serviam
a uma e outra Senhora, com a
obrigação de mandarem dizer
todos os domingos uma missa
20 pelos irmãos vivos e defuntos da
mesma irmandade.

Abaixo, da parte do Evang

gelho estava a Capella de Nossa *Senhora* do
Amparo; havendo tambem a Ir-
25 mandade dos homens pardos,
sem compromisso com a obriga
ção de mandarem dizer uma
missa semanal todos os
sabbados, o que se suspendeu
por causa de se dever ter o ren
30 dimento da irmandade para
creação da capella de frente
do qual estava o altar de

||fl. 20|| Nossa Senhora das Mercês com a aggregação da dita Irmandade dos homens pardos, os quaes tratavam e paramentavam um e outro altar.

5 Possuia esta Igreja Matris pia baptismal e em toda a freguezia cinco capellas filiaes a saber:

São João da Bertioqa – Nossa Senhora da Apresentação.

10 Nossa Senhora das Neves – Em Corumahy, no sitio dos Neves, pertencente a familia Cardozo de Menezes

15 São Sebastião – No sitio de João Baptista Saes, junto a Barra Grande. Santo Amaro – Dentro da Fortaleza da Barra Grande.

20 Possuia tambem dois Oratorios no districto da freguezia: um no sitio de Martinho de Oliveira com a invocação de Santa Rita e Santa Quiteria, e outro no sitio de Francisco Vicente Ferreira, junto ao rio Jurubatuba, com a invocação de São José.

25 Tudo o que acima fica descripto consta do Livro da Parochia, tomo 1º, aberto em 17 de Novembro de 1746 pelo Vigario da Vara Francisco de Oliveira Leitaõ.

||fl. 21|| No mesmo livro *Numero 1*, da Parochia, consta mais, a benção do adro da Igreja Matris, conforme se lê a

5 seguir:

Benção do adro
da Igreja Matris,
em 1º de Junho
de 1.754, sendo
Vigario Faustino
Xavier do Prado

10

“Ao primeiro dia do mez de

Junho de mil setecentos e cincoen
ta e quatro annos com facu

15

dade do *Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo* Diocesano benzi na forma que manda o Ritual Ro
mano o Adro desta Igreja Matriz de todos os Santos e

20

lhe fiz assentar marcos de pedra para sua divisa por não haver noticias de estar bento, antes entendesse que provavelmente estará; e assim

25

para todo o tempo constar da presente benção faço esta clareza por ordem do mesmo *Excelentissimo e Reverendissimo* Senhor Bispo, de minha letra e signal. Santos, 1 de Junho

30

de 1754. O Vigario, Faustino Xavier do Prado”

Para melhor esclareç

||fl. 22|| mento sobre a fundação da Igreja Matris, vejamos o documento mais antigo, o testamento de Pedro Cubas feito em Santos aos 17 de Setembro de 1628, consta ter sido a primeira Casa de Misericórdia desta cidade a Matriz onde se enterrou Braz Cubas, tendo a sua sepultura o seguinte epitaphio:

15

20

“*Senhor* de Braz Cubas cavaleiro Fidalgo da Casa d’El Rei. Fundou esta villa sendo Capitão, e Casa de Misericórdia no anno de 1.543, descobriu ouro e metaes em 60, fez Fortaleza por mandado de El Rei *Dom* Joaõ III. Falleceu no anno de 1592”

Com esses dados alliaz sufficientes fica terminado o historico da velha matris que desapareceu em 1909, e por esse resumo se vê a origem que tiveram muitas irmandades, confrarias, assim como a origem da Santa Casa de Misericórdia de Santos. Convem notar, como adiante se verá, que nem todas as irmandades mencionadas tiveram fundação nos primeiros

||fl. 23|| tempos da Matris. Naõ. A maior parte dellas appareceram depois do anno de 1700 na mesma Igreja, como consta do Livro

5 da Parochia, que foi aberto em 17 de Novembro de 1.746. A Matris, foi a terceira edificada no lugar. Vide historico da Santa Casa.

Passamos agora a descrever a Capella de Nossa Senhora do Montesserate.

Nossa Senhora do Montesserate

Pequena capella erecta na collina do mesmo morro, so branceiro a cidade sujeita ao Mosteiro de Saõ Bento, e restaurada alguns annos apõs a sua edificaçõ pela devoçõ dos fieis e por intermedio do entaõ Presidente do <1602>Mosteiro Frei Francisco das Dores Maia. Diz uma publicação antiquissima:

“A capella de Nossa Senhora do Monte Serrate sita a frente desta Villa (Santos ainda era Villa) no Outeiro da Vigia que mandou tombar o Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, primeiro

30

||fl. 24|| Bispo de Saõ Paulo.

Ainda com refren

cia a mesma capella

vejamos um documento

- 5 antigo, a forma como
 ella passou para o domi
 nio dos Monges de Saõ Bento,
 pois, antes era annexada
 a velha matriz, de que
 10 já nos referimos.

Antes, porem é bom

que se diga que essa velha

capella, foi edificada no

anno de 1602, conforme se

- 15 lê em Historia Seiscentista
 de Saõ Paulo de Affonso Taunnay⁴,
 tomo 1º, pagina 3. Esta dedu
 çãõ e cabivel porque Dom Fran
 cisco de Souza foi o 7º Governa
 20 dor Geral do Brasil e foi elle
 quem mandou construir essa
 capella. Governou desde de 1591
 ate 1602, tanto que, em 9 de a
 gosto de [[de]] 1603, chegava esse
 25 Governador do interior com sua
 gente e acompanhou os mi
 neiros ao Montesserat, para
 mostrar sua ultima obra,
 conforme mesma Historia Seis
 30 centista, de Taunnay, tomo 1º, pa
 gina 7.

Dom Fernando de Souza em 19 de maio de 1605 partio do

||fl. 25|| Brasil retornando á Europa

por Ordem Regia transmettida
 por intermedio de Diogo Botelho
 seu successor no Governo, con
 forme obra citada, pagina 7.

- 5 Regressou novamente em 1607
 e falleceu em 10 de Junho de 1611.

Em 1652, o Padre
 Provincial de Saõ Bento, Frei Ber
 nardo de Braga, endereçou ao
 10 Governador a petição seguin
 te:

“Ilustrissimo Senhor Diz o Padre Provin
 cial de Saõ Bento, Frei Bernardo
 de Braga que Dom Fran
 15 cisco de Souza sendo Gover
 nador deste Estado introdu
 zio nelle a devoção de Nossa
 Senhora do Montesserate
 na Bahia em Tapagipe
 20 fazendo uma capella que
 entregou ao Provincial de
 Saõ Bento para administrar
 como hoje administra nesta
 cidade do Rio, sendo a in
 25 vocação do Mosteiro Nossa Se
 nhora da Conceição o dito
 Senhor fez com que o Aba
 de e Religiosos a trocassem
 Nossa Senhora do Montesse
 30 rate, cuja imagem o
 dito Governador deu e
 na capella, digo, na Villa

||fl. 26|| de São Paulo fez uma Ermida
 com a invocação da mesma
 Senhora, foi quem fez a er
 mida e pôs a imagem
 5 de Nossa Senhora do Montes
 serate na Villa de Santos,
 e dava aos Provinciaes de
 São Bento, se na dita villa
 assistissem, e porquê agora
 10 tem a Ordem casa na Villa
 de Santos, e podem servir á di
 ta Senhora, pede a Vossa Se
 nhoria Illustrissima lhe faça
 a mercê como a servir e admi-
 15 nistrar a capella de Nossa Senho
 ra do Montesserate pertencente a
 Religião do Patriarcha São Bento,
 e assim lhe mande entregar
 a administração da dita ca
 20 pella, visto ser feita pelo Gover
 nador do Estado, que lhe offe
 recia, e estar lhe arruinada e
 para cahir; e não tendo o Reverendíssimo
 Padre Vigario de Santos algum
 25 embargo á dita entrega, elle
 supplicante a tome a dita ca
 pella e imagem e receberá me
 cê”

Despacho

30

“Em todas as partes as Igrejas
 de Nossa *Senhora* do Montesserate são
 administradas pelos religiosos
 de São Bento, e visto essa

||fl. 27|| Ermida de que faz men_
 ção não ter padroeira,
 mando que seja ad_
 ministrada pelos frades
 de Saõ Bento não tendo o
 Vigario de Santos a isso
 embargos. Rio de Janeiro
 quinze de abril de mil
 seiscentos e cincoenta e
 dois”.

5

10

A Posse

“A 27 de abril de 1655 o Re_
 verendo Padre Vigario Ouvidor
 da Vara Ecclesiastica, Fernaõ
 15 Rodrigues Cardova, Vigario
 da Matriz de Santos deu pos_
 se a Frei Bernardo de Braga,
 da Ermida de Nossa Senho-
 <1655> ra do Monte Serrat, sendo Frei
 20 Bernardo Provincial da Ordem
 do Patriarcha Saõ Bento, e dita
 Ermida situada no Outeiro
 da Vigia da Villa de Santos,
 desannexando-a da Matriz
 25 e unindo-a ao Mosteiro de
 Saõ Bento sob a invocação de
 Nossa Senhora do Desterro.
 Foram testemunhas Frei Ben_
 to da Victoria, Braz Lopes,
 30 Frei Agostinho de Jesus, Anto_
 nio Gonçalves, e era escrivão

||fl. 28|| do Juizo Ecclesiastico Amaro Rodri-
gues Sepulveda, por quem se a
cha lavrado o auto de posse. As
chaves da dita Ermida foram
5 entregues em seguida pelo di-
to Provincial a Antonio Gonçal-
ves que ficou sendo Ermitaõ
da Ermida”

Mosteiro de Saõ Bento

10 O lugar onde está fun-
dado este Mosteiro foi-lhe doa-
do em escriptura publica do
anno de 1650 por Bartholomeu
Fernandes Mouraõ, sua mulher
15 Izabel Barbosa, seu filho Antõ-
nio Fernandes Mouraõ e sua <1650>
mulher Maria Rabello.

Antes do actual Mosteiro,
foi edificada no lugar uma
20 capella de Nossa Senhora do Des-
terro, depois demolida para a
edificação do Mosteiro em 1755.

N’esta capella foi abrigado
o Padre Pregador Frei Manoel
25 de Santa Maria, Custodio da
Provincia Franciscana em Por-
tugal que veio fundar a
Provincia Franciscana no
Sul do Brasil, que adiante
30 se vae ler quando descrever

||fl. 29|| a historia do Convento de Santo Antonio. Esta capella já existia em 1639, muito antes da data da doação aos Monjes Benedictinos, como se deduz da fundação do Convento de Santo Antonio em 1634-1640, data essa que Frei Manoel de Santa Maria estava hospedado na capella do Desterro. Parece no entanto que os monges Benedictinos já residiam nessa capella, porem não se pode afirmar com segurança pelo facto desse logar ter sido doado somente em 1.650.

O actual Mosteiro de São Bento consta ter sido edificado no anno de 1755, sendo ainda hoje o mesmo desde a sua edificação, no entanto Frei Gaspar da Madre de Deus, em sua Historia da Capitania de São Vicente, na parte final quando conta a entrada das religioes no Brasil, e suas fundações, na pagina 372 da a data de 1650, para o mosteiro de Santos, logo os monges residiam de facto na capella do Desterro, antes da edificação do actual mosteiro. N'este mesmo mosteiro está sepultado o referido Frei Gaspar da Madre de Deus, o

||fl. 30|| nosso melhor historiador que sem favor nenhum, effectivamente é.

Jesus-Maria-José

5 A capella de Jesus-Maria-José, estava localizada em frente ao en_{ta}õ chamado “Porto do Bispo”, an_{ti}g_ua rua da Praia, corresponden_{te} hoje em frente aos armazens
10 *numeros 2 e 3 das Docas.*

Já existia desde os primeiros tempos da fundação de Santos, como vemos na historia da Velha Matris que se refere a mesma capella ou
15 igreja. Era sua proprietaria *Dona Anna Zeferina Vaz de Carvalhaes.*

Pelas raras photographias que ain_{da} existem quando essa capella já estava em ruinas, pode se co-
20 nhecer que teve seu tempo de grande devoção á “Sagrada Familia, onde certamente éra muito con-
corrida pelos antepassados.

Santos tambem nesse tempo
25 se resumia em uma pequena área de modos que essa capella estava situada quasi no centro da entaõ villa, como qua_{si} todas as igrejas e conventos
30 alguns ainda existentes.

||fl. 31|| A Companhia de Jesus

Foi incontestavelmente es
 esta Ordem que mais tra
 balhou no Brasil para a forma
 5 ção da nossa nacionalidade.
 Com isto estão accordes todos os
 historiadores no entanto, por di
 versos factos occorridos na vi
 da desses bons filhos de Santo
 10 Ignacio de Loyola, torna-se
 algo difficil dados seguros so
 bre datas, principalmente,
 de diversos factos da sua histo
 ria no Brasil, com o desap
 15 parecimento de antigos documentos.

Quero referir-me apenas, na
 parte local pois não é outro o
 fito deste trabalho, isto é, no que
 se refere a Santos exclusivamente.

20 Primeiramente ouçamos
 o abalisado historiador Frei Gaspar
 da Madre de Deus nas “Notas
 dos annos em que se descobrio o
 Brasil”, pagina 367:

25

30

“que os primeiros jesu
 tas partiram de Lisbôa
 em 10 de Fevereiro de
 1549 !, chegando
 á Bahia em fins de
 março ou principio
 de abril do mesmo
 anno, com Thomé

||fl. 32|| de Souza, que ao todo eram seis governa-
 os o Padre Manoel da Nobrega ! . . . e, mais adiante segue-se:
 . . . Até o anno de 1533! estavam sujeitos á Provincia de Portugal e Nobrega os governava subordinado com o titulo de Vice Provincial, etc. . . .”

5

10

Aqui nota-se uma confusão de datas: Como em 1549 chegaram á Bahia e em 1533, por conseguinte muito antes, eram governados por Nobrega como Vice Provincial? e sujeitos a Provincia de Portugal? Forcosamente trata-se de engano de revisao e nao podia ter sido outro o motivo. Diz mais na obra citada, pagina 367, que

25

Tendo sido o Collegio de Sao Vicente o segundo fundado no Brasil em 1549, aqui nota-se outra confusao, pois segundo o mesmo autor em 1549 chegaram á Bahia e logo diz que o Collegio de Sao Vicente foi fundo

“ . . . em 1553 Santo Ignacio criou nova Provincia independente no Brasil”

||fl. 33|| dado nessa data e se-
guindo-se diz:

5

10

15

20

25

“Depois de funda
dos a cidade de
Saõ Sebastiaõ do Rio
de Janeiro, e nella
um collegio em
1567, extinguiu-o
Padre Ignacio
de Azevedo, Visita
dor Geral dos Je
suitas, o Colle
gio de Saõ Vicente,
e por ser terra
muito pobre, e
as Religiões nellas
existentes, man
dou-os para o Rio
de Janeiro, conser
vando porem uma
casa que sua
Religiaõ tinha
na Villa de Santos
o qual ao depois
foi Collegio de
Saõ Miguel...”

30

Logo-se pode concluir que o Col
legio de Saõ Miguel, em Santos, foi
construido em 1650, por ter sido o de
<1550> Saõ Vicente edificado em 1549
e segundo no Brasil, pois, quan
do foi extincto o de Saõ Vicente
já existia a casa de Santos!

||fl. 34|| Collegio de Saõ Miguel

Este collegio de que nos
 occupamos na historia a Compa
 nhia de Jesus, esteve no logar onde
 5 hoje esta edificada a Recebedoria
 de Rendas do Estado. Os jesuitas
 residiam nelle ate o anno de
 1640 e, pelo que se lê nas “Notas
 em dos annos em que se descobrio < (+) pagina 369>
 10 o Brasil” ⁽⁺⁾ de Frei Gaspar da Madre
 de Deus, como segue:

15 “Pelos annos de 1611 ex
 citaram-se grandes con
 tendas entre os jesuitas
 e portuguezes, moradores
 nesta Capitania, e as
 discordias originadas
 da liberdade dos índios
 que os Padres defendiam,
 talvez com zelo excessivo
 vieram produzir o se
 guinte attentado:
 Todas as Villas e suas
 Camaras constituiram
 25 procuradores, que assis
 tissem a um Congres
 so celebrado na capi
 tal de Saõ Vicente, onde
 resolveram expulsar
 os Padres de toda a
 30 Capitania.”

||fl. 35|| A cidade de Saõ Paulo exe
cutou esse acordo em 13 de
Junho de 1640, tendo feito
o mesmo a de Santos. Fo-
5 ram-se os jesuitas tendo de
morado 13 annos o exterminio.

Depois destes aconteci
mentos, Sua Magestade o Rei
em 1643 e 1647 ordenou
10 que voltassem para seus coli
legios, que foram a elles res
tituidos em 1653, mas naõ
ficaram novamente em suas
casas.

15 No Collegio de Saõ Miguel
em Santos estudou o grande dii
plomata Alexandre de Gusmaõ,
irmãõ do Padre Bartholomeu Louu
renço de Gusmaõ. Esta é a histo-
20 ria dos Jesuitas em Santos, onde
tantos bons serviços prestaram a
esta cidade, preparando seus
filhos illustres que foram
dignos da grande Patria o
25 nosso Brasil.

Aseguir passo a refee
rir me aos Carmelitas em Sau
tos, desde a sua origem na
capella de Nossa Senhora
30 da Graça, que tem sua hisi
toria ligada a[o]s frades de
Nossa Senhora do Carmo.

||fl. 36|| Os Carmelitas - Capella de
Nossa Senhora da Graça

(Logar onde hoje é Rua José Ricardo esquina Rua do Commercio)

Os carmelitas em Santos

5 datam do anno 1589 e, foi nesta
capella a primeira residencia
dos frades de Nossa Senhora do Carmo. Veja
mos o documento historico:

Tendo José Adorno e sua

10 mulher Catharina Monteiro fei
to doação desta capella aos
Religiosos do Carmo em 24 de
[[de]] abril de 1589, com a pensão
de quatro missas resadas nas
15 festas do Nascimento, Purifica
ção, Annunciação e Assumpção,
é uma cantada com suas
vesperas no dia do Orago da
Igreja, tomou posse della o
20 Reverendissimo Frei Pedro Vianna em
1º de setembro do mesmo anno,
em presença do Administrador
Bartholomeu Simão Pereira, estan
do presente Braz Cubas.

25 A respeito da funda
ção desta capella encontrei
uma publicação do anno
de 1870, que diz ter sido
a mesma fundada em 1562
30 sendo Vigario Commissario o
mesmo Frei Pedro da Ordem 3ª
de Nossa Senhora do Carmo, e havendo

||fl. 37|| desaparecido o primeiro tras
lado de doação entregue
á aquelle Commissario, o
Reverendíssimo Frei Valentim Borges
5 prestante a mesma Ordem,
requereu segundo, que se lhe
deu por terem os inglezes
quando deram saque a esta
Villa roubado o primeiro, sen
10 do o novo traslado de doação
confirmado por José Adorno
na escriptura de 7 de Junho
de 1603, quando Vigario Ge
ral da Capitania desta ç
15 dade, então Villa, Jorge Rodri
gues.

Já estavam escriptas esta li
nhas quando um amigo o
Senhor Affonso Mattos me offer
20 tou um “Discurso”, de Frei Mau
ricio Lans, proferido na Igreja do
Carmo actual, pela occasião da
inauguração das reformas in
troduzidas no mesmo, em 31 de
25 março de 1925, onde deparei na
pagina 5, em que diz que Frei
Pedro Vianna aportou á Santos
em 1589; até aqui confere. Logo
o documento em que me baseio,
30 dá a fundação da capella
em 1562, “sendo Vigario Com
missario o mesmo Frei Pedro”,
vejamos que ha uma peque

||fl. 38|| na discordancia, mas pode-se mesmo suppor que houvesse duas pessoas com o mesmo nome, ou então engano de uma das partes ou mesmo erro de revisão o que é mais provável.

Frei Gaspar da Madre de Deus nas suas "Memorias para a Historia da Capitania de São Vicente, fala, na pagina 202, em um ataque de ingleses piratas em 1592 na cidade, então cabeça da Capitania-São Vicente. É de supor-se que tivesse sido nessa mesma occasião o ataque feito á Santos quando roubaram o documento, original, de doação da capella de Nossa Senhora da Graça!

Um outro ponto que precisa ficar bem claro é o seguinte:

Já vimos como foi feita a doação da capella da Graça, agora vejamos no "Discurso" de Frei Maurício Lans, já citado, e na pagina 5, apparece Braz Cubas fazendo doação dos chaões em que se achava a capella da graça, os quaes constavam de 44 x 107 braças etc.

Parece então que houve doação de cousa já doada? Pensamos que não. O que decerto houve foi doação de terrenos jun

||fl. 39|| to á capella para os frades cons-
 truirem seu convento visto a di-
 ta capella ser pequena para a
 sua residencia.

5 Quanto a outra parte
 onde eu disse que Frei Valentim
 Borges requereu segundo traslado
 de doação, pare ce que devia ser
 ao mesmo concedido, no entan-
 10 tanto Frei Mauricio Lans, obra citada,
 diz, pagina 5 que essa confirma-
 ção foi feita á Frei Antonio Car-
 rasco, o que de facto, confere, pois,
 pelo facto de um requerer, não quer
 15 dizer que por motivos desconhecidos,
 não fosse feita a outro da mesma
 Ordem do Carmo.

Carmo de Santos

20 Estamos frente a frente
 com um edificio, alliaz bem mais
 novo que a capella da Graça, noentan-
 to, não consegui um documento
 que declarasse exactamente a e-
 poca certa da sua construcção.

25 Recorri ao 'Discurso' já citado
 de Frei Mauricio mas mesmo assim
 não encontrei uma soluçãõ. Diz
 elle na pagina 6, "... O convento tinha

em 1602 uma
 extençãõ de

30

5 ||fl. 40|| 54 braças, que cus-
taram á Ordem
a quantia de
Réis 62\$400 e pelo
10 espaço de 10 an-
nos, os frades
ficaram resi-
dindo na capel-
la da Graça,
mas dezejando
dar maior ex-
pansão a sua
fundação, com-
praram em 2 de
15 dezembro de 1599,
o terreno em que
está o Convento
actual”

20 Como vemos não ha referencias cer-
tas sobre sua edificação. Se elles sah-
ram da capella da Graça em 1599 pa-
ra onde foram? pois em 1602 é
que as 54 braças custaram á Ordem
62\$400 e, certamente nessa epocha
25 não poderia estar concluido o Con-
vento, alem do mais, o actual con-
vento tem na frente, em cima da
porta da Igreja a data 1.7.54!

30 Não receio em concluir que
essa ultima data se refere a con-
clusão do convento ou alguma
grande reforma então feita
nessa epocha.

||fl. 41|| Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo

Com referencia a historia

da veneravel Ordem naõ falam
os documentos antigos, porem
5 procurarei adiantar um tanto
na medida de meus recursos, em
dizer que ella é bem antiga em Santos.

Já no historico da capella

<da Graça> apparece Frei Pedro Vianna como
10 Commissario da Ordem Terceira, por
rem a duvida continua, por ser
sabido que a dita capella era de
proporções acanhadas para a residenç
cia dos frades, como poderia abrigar
15 uma Ordem Terceira, mormente log
go no começo da vida dos frades em
Santos? isto já em 1º de Junho
de 1589 apenas um mez e pouco
depois da doaçaõ, pois, achamos que
20 esta data naõ pode prevalecer.

Em um Compromisso da
Ordem Terceira de 1911, tem um termo
sobre o lançamento da pedra fundaç
mental da sua Igreja e diz o seg
25 guinte:

30

“A 4 de Setembro de 1752, dia
de Santa Rosa de Viterbo, lanç
çou se a pedra fundamenç
tal da capella da Ordem
Terceira do Carmo, com a epig
raphe - Ad majorem Dei
Gloriam - no anno

||fl. 42|| 2º do Pontificado de
 Benedicto XIV, levando
 a pedra o Prior da
 Ordem do Carmo
 Miguel das Aguias
 Cordeiro e o Irmaõ
 desta Ordem Manoel
 Jorge e o Ministro
 da Ordem de Saõ
 Francisco da Peni-
 tencia Joaõ José
 da Silva e o Irmaõ
 da mesma Ordem
 Sebastiaõ de Alvarenga
 ga”.

5

10

15

No mesmo Compromisso tem
 um termo de benção da capella
 em 8 de abril de 1.760, pelo Visi
 tador Frei Bento de Sant’Anna, sen
 do Prior da Ordem Antonio José
 de Carvalho, *etcoetera*.

20

Agora mediante o que já
 me referi sobre a Ordem Terceira
 do Carmo, posso garantir que ella
 é muito mais antiga de que
 a data da fundação da sua
 Capella. Isto porque:

25

No velho archivo da Ordem
 Terceira de Saõ Francisco da Penitencia
 consta o registro de uma pre
 catoria que esta Ordem enviou
 áquella no anno de 1709, por
 conseguinte, pode se tirar a

30

||fl. 43|| conclusã de que a Ordem
Terceira do Carmo Já existia
antes do anno de 1700.

E tudo o que conse

- 5 gui encontrar com referencia
a essa Veneravel Ordem.

Santa Casa de Misericordia
Fundaçã da Irmandade

A Irmandade da Santa

- 10 Casa de Misericordia de Santos,
a primeira fundada no Brasil,
e de toda a America do Sul,
foi fundada por Braz Cubas
no anno 1.543, e confirmã
15 da em Almerim por *Dom* Joã
III aos 2 de Abril de 1551
concedendo-lhe todos os prĩ
vilegios dados por seu au
gusto pae El Rei *Dom* Manuel
20 ás Misericordias do Reino de
Portugal.

O mesmo Braz Cubas com

- o adjutorio dos confrades
e habitantes do logar edĩ
25 ficaram uma igreja
com o titulo de *Nossa Senhora* da Mi
sericordia e junto a ella
um hospital com a de
nominaçã de "Santos",

30

||fl. 44|| imitação de outras que em
Lisbôa tinham o mesmo nome.

Este nome que somente
era proprio do hospital se

5 communicou logo a povoa
çã principalmente a cha
mar-lhe “Porto de Santos”,
como se pode verificar nos
documentos antigos. Isto se
10 lê sobre sua fundação, no
Relatorio do Provedor da Irman
dade o *Doutor* Claudio Luiz da
Costa, em 22 de Junho de 1.857.

Frei Gaspar, nas suas

15 “Memorias para a Historia da
Capitania de Saõ Vicente” na
pagina 210, diz o seguinte:

20

25

30

“... Tambem se comprehen
dia na Freguezia de Saõ
Vicente, a cuja Parochia
nesse tempo estavam
sujeitos todos os fieis
d’esta Capitania; porem
da sua jurisdicão se
eximiram os Santistas
primeiro do que os outros,
alcançando que a fren
guesia se dividisse em
duas e para isso consenn
tiram os Irmaõs da
Misericordia, que na
sua Igreja se exercitas
sem as funcções pa

||fl. 45|| “rochiaes, enquanto se não edificasse novo templo para a Matris, permissão de que muito se arrependeram
5 pelo tempo adiante, porque nunca se fez outra Igreja, não obstante ordenar El Rei á requerimento dos Irmaões, que os Vigarios desoc
10 cupassem a Misericordia, e se construísse Igreja Parochial. O exito desta contenda foi levantarem os Irmaões da Misericordia outra de
15 novo no logar, onde hoje existe a Misericordia, e ficar a Matriz a que elles haviam feito, a qual não durou muito tempo, e a Matriz agora
20 existente é terceira; porem ambas as subsequentes foram edificadas no proprio logar da Misericordia antiga.”

De ter sido a Matriz a
25 terceira igreja feita no logar ha menção no Cartorio Fazenda Real de Saõ Paulo, Registro de Sesmarias, *Numero* 1, livro, *numero* 1, titulo 1555 folhas 90.

De maneiras que a
30 primitiva matriz foi construída pelos Irmaões da Misericordia, e fazendo segunda igreja com seu hospital annexo.

||fl. 46|| Outeiro de Santa Catharina

Este outeiro foi no logar

onde hoje faz esquina a Rua

Visconde do Rio Branco com

5 a Rua Constituição. Ainda

existe nesse logar uma pe

dra grande em cima da qual

está edificada uma casa.

Ha nessa pedra uma

10 placa de bronze mandada

collocar pela Camara Muni

cipal [rasurado] em 1902, commemo

rativa a fundação de Santos

por Braz Cubas em 1543.

15 Foi, não ha duvida

este outeiro o berço da cidade

de Santos e, segundo Frei Gaspar

nas "Memorias", a povoação de

Santos teve origem em 1541,

20 isto se lê na pagina 212 em

diante. De formas que toman

do se oficialmente a fundação

de Santos em 1543, precisamos

notar que por isso ja hovesse

25 população sufficiente, e foi o

que se deu, quando sua

origem no outeiro de Santa Ca

tharina. Assim sendo, era

mais logico datar a fundação

30 de Santos o anno de 1541,

isto é, dois annos antes.

||fl. 47|| Igreja de Nossa Senhora do Rosario

Com a precisaõ desejada

naõ se pode affirmar a data

da sua fundaçaõ; mas á

- 5 vista do provimento feito em 20
de agosto de 1.756 pelo Escrivaõ
da Villa da Praça de Santos Al-
berto José Gonçalves Bandeira,
de mando do *Doutor* Provedor de
10 Capellas Francisco Caetano de
Almeida Lobo, ao Thesoureiro Es-
crivaõ da Irmandade de Nossa
Senhora do Rosario que entaõ
accumulava ambos os cargos
15 Miguel da Costa, ordenava
que lançasse no livro de cre-
dito a quantia de 100\$000 ap-
plicados para dote da igreja
visto naõ os dar na despeza.

- 20 Em 1.757 já estava em
construcçaõ a igreja como se
deprehende da conta apresen-
tada pelo Thesoureiro e Escrivaõ
Domingos Pereira Viegas onde
25 gastou a quantia de 107\$230;
porem naõ funcionava acto
algum; tanto é que os irmãos
da Irmandade eram sepul-
tados na Igreja Matriz, en-
30 contrando-se na conta apre-
sentada em 1759 por Domin

||fl. 48|| gos Pereira Viegas o pagamento
 de 1\$600 em concertos nas se
 pulturas daquela Igreja Ma
 triz. Em 1652 já achava se creada,
 5 a vista da seguinte declara
 çãõ feita pelo *Doutor* Provedor de
 Capellas Joaõ Vieira de Andrade
 em um livro pelo mesmo rubri
 cado a 11 de Janeiro de 1750,
 10 do theor seguinte:

“Tem esta Irmandade nove
 livros, inclusive este, é o
 primeiro que teve, princi
 piou a ter uso em 1º de Ou
 15 tubro de 1.652; cujos dados
 se conservam e com especia
 lidade o primeiro, pois, nel
 le a *folhas* 38 se declara
 haver provimento do Ordj
 20 nario pelo qual mandou
 dar o dinheiro da Irman
 dade a juros de oito por
 cento donde escrevi - Andrade”

Possuia a Irmandade em
 25 1756 duas e meia braças de
 terra compradas ao Coronel Jo
 sé Ribeiro de Andrade, que é o ter
 reno em que existe edificada
 a Igreja mandando o *Doutor*
 30 Almeida Lobo em mesmo pro
 vimento acima citado que fos
 se aforado á pessoa segura
 a 800 reis por anno; bem

||fl. 49|| como se vendesse o escravo de nome Francisco no prazo de 24 horas, o que não cumpriram, tendo custado a quantia de 110\$800.

Em 1870, em uma publicação dessa época, dizia que a Irmandade possuía quatro apólices da Dívida

10 Publica.

É este o que se sabe da Igreja e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, no lugar onde ainda se encontra hoje Praça Ruy Barbosa, recentemente reformada na sua frente, mantendo-se ainda o estylo colonial.

Passo agora, na medida do possível, a dar um resumo histórico das antigas fortalezas de Santos, que tão bons serviços prestaram na defesa da população, quer por parte de ataques de índios ou de parte de estrangeiros audazes que pretendiam conquistar a terra de Santa Cruz, nos primeiros tempos da colonização portuguesa no Brasil, por Martim Affonso de Souza e Braz Cubas, na parte de Santos.

||fl. 50|| Fortaleza da Bertioga e Outras

Nas suas “Memorias” á pagina

- 125 - Contraversia - dis Frei
Gaspar da Madre de Deus, que
- 5 foi levantada por Martim Af
fonso de Souza – Fortaleza
de Saõ Felippe - e como tivesse
sido atacada pelos indios Ta
moyos, edificou a de Santiago
- 10 na margem septentrional
da Barra do mesmo nome, e
o Capitaõ Mór Jorge Ferreira
reedificou a de Saõ Felippe em
1757.
- 15 Tendo sido Martin Affon-
so o Donatario da Capitania de
Saõ Vicente, como menciona o
Diccionario Historico Geographico e
Ethnographico, na pagina 770, onde
- 20 lê-se que as Capitancias foram creadas
em 1534, é claro que Martim Af
fonso, quando menos, tivesse dado
inicio á construcção das fortalezas em
1535.
- 25 Quanto ao Forte Augusto conhe
cido por “Crasto” fronteira a Fortaleza
da Barra Grande, e tambem o
Forte do Itapema, não resta a me
nor duvida que foram todos cons
- 30 truidos por Braz Cubas, até o na
no de 1560, conform se deprehen
de do epitaphio de seu tumulo.

||fl. 51|| Quanto ao Forte do Itapema,
diz uma escriptura passada
em Santos, em 23 de Outubro de
1573, que foi Commandante

5 vitalicio o Capitão Joaõ Teixeira
de Carvalho, por ter sido a mesma
edificada em terras suas.

Somente muitos annos depois

e que foi nomeado o primeiro Coman
10 mando Militar em Santos. Foi no
meado o General José Olinto de Car
valho e Silva, em 18 de Outubro
de 1829, conforme livro existente
em 1870 na Secretaria do Commando,
15 tendo um termo da creação desse
Commando datado de 1º de
Junho de 1846. O primeiro coman
mandante servio até 7 de feverei-
ro de 1863 quando falleceu.

20 Diz a tradição que na
Bertioga houve uma Praça com
o nome de “Armação das Balsas”,
cujos vestigios desapareceram compl
pletamente.

25 Antes de começar a segund
da parte deste trabalho, passarei
a referir-me tambem a outras
distinctas Irmandades e Confr
frarias de Santos, herança taman
30 bem de nossos antepassados, a
medida do que consegui a respeito.

||fl. 52|| Archiconfraria de Nossa Senhora da Bôa Morte

A data exacta da fundação da archiconfraria, não ha documentos que se refira, porem em um “Discurso” de Frei Mauricio Lans, proferido em 31 de março de 1925 por occasião da inauguração das reformas no Convento do Carmo, dis o estimado sacerdote:

“Tambem tem sua Sé ha seculos já na nossa igreja, a Archiconfraria de Nossa Senhora da Bôa Morte; pois, possuíamos no archivo do Convento, documentos sobre a dita Archiconfraria, datado do 1793.

O mesmo Frei Mauricio Lans, na obra citada, tambem se refre a respeitavel

Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos.

“... Mais antiga ainda é a Sé, que tem em nosso Convento a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, erecta em 1760”

||fl. 53|| Tambem, em algumas linhas fa
ço apreciações com referencia a

Irmandade de Saõ Benedicto

Ha [[ha]] um documento

5 que se refira a origem desta ir
mandade, pois, em seu poder,
apenas tem de mais antigo, um
livro de registro de irmão, tendo
os assentamentos mais antigos
10 as datas de 1862 - 1864 - 1865.

Sabemos que esta irman
dade appareceu na velha Matriz
que foi demolida e de lá se
transportou em 1909 para a Igreja
15 de Santo Antonio, onde esteve muito
tempo e, depois para attender con
certos que se tornaram necessarios
nessa Igreja, essa Irmandade foi
abrigada pela Ordem Terceira da
20 Penitencia em dependencia da
referida Ordem, onde ainda se
encontra, ate que consiga novo
abrigo, ou mesmo faser sua ca
pella, como é vontade dos irmão
25 do glorioso Saõ Benedicto.

Naõ resta a menor duvida
que é uma das Irmandades mais
novas por naõ ser mencionada
no historico da antiga Matriz,
30 que havia somente, e naõ devemos
confundir, a Irmandade dos ho
mens pardos, que naõ é a mesma.

⁵||fl. 55|| Segunda parte

Convento de Santo Antonio
desapparecido em 1860

Igreja do mesmo Convento

5 edificada em 1.640

De todas as antiguidades
de Santos, que ainda se conserva
de pé e a igreja de Santo Antonio.

Para a historia da igreja

10 e do seu extincto convento, recor_
ri ao velho archivo da Venerável
Ordem Terceira de Saõ Francisco
da Penitencia, onde colhi dados
preciosos com referencia ao mesmo
15 convento e igreja, assim como de
outras antiguidades santistas.

O fim principal deste
historico é para que não desap-
pareça por completo, todo esse
20 trabalho dos nossos antepassa_
dos, que não medindo esfor_
ços e com os maiores sacrifi[cios]
conseguiram elevar esta b[em]
dita cidade a grande [a]
25 tura no conceito do Brasil

⁵ O fólio 54 encontra-se em branco e com risco de alto a baixo para evidenciar a anulação da página.

||fl. 56|| e do estrangeiro. Haõ de
 muitos notar em referir-me
 na maior parte deste trabalho
 ás igrejas etc., com seus com
 5 ventos, mas, haõ de convir, quer
 queiram quer naõ, que foi com
 a dedicaçaõ da igreja que
 tudo se fez no Brazil nos
 primeiros tempos da nossa na
 10 cionalidade, tomando como
 ponto mais importante a ins
 trucçaõ primaria e secundaria.

Dito isto de passagem,
 prosseguirei.

15 Computando os velhos
 papeis já todos estragados pelo
 tempo, quasi treis seculos,
 quero fazer conhecer o que
 naõ deve ficar desconhecido,
 20 descrevendo a historia do Con
 vento de Santo Antonio e de sua
 Igreja, perpetuando deste modo
 a sua memoria.

O Convento de Santo An
 25 tonio e respectiva Igreja foi fun
 dado pelos Religiosos da Ordem
 Franciscana, pela piedade e
 zelo dos habitantes de Santos
 entaõ Villa e Praça de Santos, per
 30 tencentente a Capitania de Saõ
 [Vi]cente, que com suas esmolos
 contribuíram para a sua edi
 ficaçaõ, como fizeram tam

||fl. 57|| posteriormente em 1860, que pa
 ra não desaparecer a Igreja
 do Convento, ajudaram a
 Ordem Terceira da Penitencia
 5 em tudo o que fosse possível
 para que a Igreja não tivesse a
 mesma sorte do Convento, isto
 é, o seu desaparecimento, para
 dar lugar a Estrada de Ferro e,
 10 como adiante se verá, a igreja
 continuou e continua de pé.

O velho Convento de Santo
 Antonio demolido em 1860, esta
 va edificado no lugar onde
 15 está actualmente a Estação
 da Estrada de Ferro, tendo si
 do desapropriado nessa epocha.

O Convento não existe
 mais, porem a velha Igreja, com
 20 tinua desafiando a acção do
 tempo, passando as vezes, por re
 paros e limpezas, e ostenta al
 tivamente na sua fachada
 trez vezes sucular[secular] a data 1.640.

25 Historiamos pois, es
 sa herança dos antepassados.

O Padre pregador Frei Ma
 noel de Santa Maria, Custodio
 da Provincia de Portugal, al
 30 cançando do Capitaõ Gene
 ral do Brasil Dom Fernandes

||fl. 58|| Mascarenhas, Conde da Torre,
 licença, veio para a então Villa
 de Santos trazendo para Prela
 do local o Padre Pregador Frei
 5 Pedro de São Paulo, natural da
 da cidade da Bahia com
 mais alguns companheiros,
 os quaes recolheram-se na ca
 pella de Nossa Senhora do Desterro, que e
 10 xistia no logar onde hoje es
 tá o Mosteiro de São Bento.

Doação

O terreno em que foi edifi
 cado o Convento de Santo Antonio
 15 e a Igreja dos Religiosos de São
 Francisco, convento que em 1860 foi
 Desa[pro]priado como atraz citei, sendo
 na occasião da desa[pro]priação Pro
 vincial Frei Antonio do Coração
 20 de Maria Almeida, foi doado
 em 22 de março de 1640 ao Cus <1640>
 todio de Santo Antonio Frei Mano
 el de Santa Maria, por Dona Felippa
 Pereira de Souza, em escriptura pas
 25 sada pelo Tabelliao Vicente Pires da
 Motta.

Desta data em diante
 os religiosos fizeram uma mora
 dia provisoria passando-se da
 30 capella do Desterro com o fim
 de darem começo ás obras

||fl. 59|| do Convento de Santo Antonio. Es
se recolhimento provisorio ficava
bem proximo a agua do mar
na Praia do Vallongo.

5

Inicio da Construcção

Em 13 de Junho de 1640 de
ram inicio as obras e a 1º de Ju
lho do mesmo anno lançaram
a primeira pedra, celebrando
10 no lugar uma missa, onde
hoje é o Altar Mór o Padre Frei
Manoel de Santa Maria.

O historico deste velho conven
to tem muita relação com a Vene
15 ravel Ordem Terceira de Saõ Fran
cisco da Penitencia, como na
sua historia se vae completar.

Aviso do Imperio

O Aviso do Imperio, de 3 de Ou
20 tubro de 1860, libertou a Igreja
de passar pela sorte do Convento
por ter sido desnecessario, a vista
do accordo do *Excelentissimo* Presiden
te da Provincia *Doutor* Polycarpo Lo
25 pes de Leaõ e do *Excelentissimo* Fiscal
Doutor Ignacio Wallace da Gama
Cochrane, mandando o

||fl.60|| Governo de sua Majestade Imperial por “Aviso” de 17 de Novembro de 1861 que a Igreja fosse entregue á Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, ficando as imagens e seus adornos.

O Sino grande da Igreja

Este sino que ainda está no campanario tem tambem sua historia:

15

“Vindo no navio “Luzitania” da cidade do Porto, permaneceu muito tempo embargado na Alfandega por não terem os Religiosos a quantidade necessaria para o pagamento do frete e mais despesas, até que José Correia dos Santos fez esmola de toda a quantia e a 28 de Julho de 1829 foi collocado no campanario”

20

(Publicação do “Diario de Santos”- Annanak 1870)

Ainda com referencia ao mesmo convento, transcrevemos os dizeres de uma placa commemorativa que existe na Igreja de Santo Antonio relativa a um facto historico: -

25

||fl. 61|| “Em 1823 o Padre Joaõ Maria Mastai Ferrette, de pois Papa com o nome de PIO IX, de passagem para o Chile em missaõ Apostolica, morou alguns dias neste convento, sendo Santos o primeiro porto da America do Sul visitado pelo unico Pontifice que veio ao novo mundo”.

Sobre a collocaçaõ dessa placa

5
 10
 15
 20
 25
 30

accresce ainda que os dizeres da mesma foi ditado pelo Papa Pio X, ao Embaixador Brasileiro Doutor Bruno Chaves junto a Santa Sé na occasiaõ em que se achava em Roma Commendador Joaõ Manoel Alfaia Rodrigues, que tinha ido <1905> a cidade eterna, naõ só para tratar de interesses da Ordem Terceira como representar a mesma nas festas do jubileu 50º anniversario da plocamaçaõ do Dogma da Immaculada Conceiçaõ, sendo a unica Ordem Terceira do Brasil que esteve representada nessa occasiaõ, tendo sido o Senhor Commendador Alfaia recebido pelo Sumo Pontifice Pio X por intermedio [i]o entaõ Ministro Doutor Bruno Chaves, como consta do archivo da Ordem.

||fl. 62|| Sepultamentos
na Igreja de *Santo*
Antonio

No archivo da Ordem Terceira

5 da Penitencia, livro respectivo, com
termo de abertura em 8 de Janeiro de
1826, por Manoel Jeronymo de Oli
veira - Ministro:

Assentamentos

10 Depois de uma quantidade de en
terramento de menores, filhos de
irmãos da Ordem Terceira, segue-se:
Dona Carolina de Carvalho, falecida

15 em 19 de
Janeiro de
1829 - Lado
do Evange
lho.

20 *Numero 7 - José Martins Vianna* – falecido
em 11 de
agosto de
1834 - Lado
do Evangelho

25 *Numero 8 - Anna S. de Castro* - falecida em
18 de novembro
de 1.830, e
Maria ... Victoria, falecida em
26 de maio de
1835 - Lado do
30 Evangelho.

||fl. 63|| *Numero 9* - Valentina Gomes de Miranda
 falecida em 25
 de Maio de 1829.

Numero 1 - Manoel Francisco de Azevedo,
 5 falecido em 24 de Outubro de
 1834, e
 Luiz de Souza Soares, falecido em 25
 de Setembro de
 1841.

10 Manoel José Dias Gonçalves, falecido em
 10 de Julho
 de 1849.

Numero 10 - Sargento Mór, Governador da Bertioga, Luis Antonio Ribeiro, falecido em 14 de Julho de 1826.

Capitão Francisco Ignacio dos Santos,
 falecido em 4 de novembro de
 1830.

20 *Numero 13* - Luiz Pinheiro Vianna, falecido em 22
 de Janeiro
 de 1838.

Numero 14 - Brigadeiro Antonio Fernandes de Souza, professora na Ordem *Terceira* em São Paulo, falecido em 17 de 1.833

Numero 15 - Antonio Bexiga, falecido
 30 em São Paulo
 em 13 de Junho de 1847,

||fl.64|| deixando a
 quantia de
 100\$000 de es-
 mola para a
 Ordem Terceira.

5

Numero 16 - Candido do Rosario, fallecido
 em 1º de novembr
 o de 1826 e

Manoel Joaquim Gomes de Miranda, falle

10

cido
 em 25
 de maio
 de 1830.

Numero 18 - Manoel Marques

15

da Fonseca, fallecido em 2 de
 maio de 1829.

Maria Angelica, fallecida em 20
 de agosto de 1843.

Bernardo José de Almeida, fallecido em

20

5 de setembro
 de 1845.

Numero 20 - Manoel Joaõ Dias Guimaraes, falle
 cido em 15 de
 setembro de 1829.

25

Francisco ... , fallecido em 22 de
 maio de 1848.

Numero 21 - Domingos Gonçalves Pereira, falle
 cido em 28 de março
 de 1826.

30

Felix ... fallecido em 14 de mar
 ço de 1850.

Numero 23 - Manoel Lopes dos Santos, falle
 cido em 23 de setembr
 o de 1828.

||Fl. 65|| Jose Bernardo Mazagaõ, fallecido em
8 de outubro
de 1.832.

5 José Narcizo, fallecido em 18 de novem
bro de 1849.

10 *Numero 25* - Joaõ da Silva Oliveira, fallecido
em 3 de
maio de
1833, Ir-
maõ Ter
ceiro da
Ordem em
Saõ Paulo.

15 *Numero 26* - José Gomes, Irmaõ da Ordem
em Saõ Paulo, falleci-
do em 10 de Julho
de 1.829.

20 Escolastica Maria, fallecida em 21
de Setembro de
1838.

25 *Numero 27* - Gonçalo Caetano, Irmaõ da
Ordem em Saõ
Paulo, fallecido
em 25 de Janeiro
de 1830.

30 *Numero 28* - Manoel Alves Pinheiro, fallecido
em 20 de
Outubro
de 1.828.

Capitaõ Joaquim Rosa, noviço, da Ordem
em Saõ Paulo, fallecido
em ... , deixando
uma esmola de 25\$600

||fl.66|| Numero B - Da parte do Evangelho,
 Maria de Siqueira, fallecida
 em 13 de de
 zembro de
 5 1.833.

Os escravos

Quasi todos os conventos pos
 suiam seus escravos que eram do
 ções que se faziam para os serviços
 10 da casa e, neste sentido tem no
 arquivo da Ordem Terceira da Penitencia,
 pacote Numero 32, um livro que e o

Inventario do Convento

em 1.853

15 No termo de abertura diz que
 esse inventario foi feito por Ordem
 Ministro Provinvial Frei Francisco de
 São Diogo, por ter o antigo livro se per
 dido num naufragio que sofreu
 20 o Padre Guardiaõ de Santos. Na pagina
 3 - verso diz:
 Benedicto, pardo, Foi para a Côrte por
 ordem do Reverendissimo ... aos 21 de
 Dezembro de 1854.

25 Benedicto - creoulo. Existe só este creoulo.
 Diogo - Africano, de naçaõ. Foi vendido
 já não encontrei.

Mais abaixo no mesmo livro tem

||fl.67|| o seguinte historico:

“O escravo Benedicto que
 aqui se menciona se
 vendeu aos Abreu & Ban
 deira tendo sido feita
 esta venda com a
 previa licença do Reverendissimo
 Padre Provincial Frei Antonio
 do Coração de Maria All
 meida, pela carta que dig
 rigio-me em 26 de Outubro
 de 1855. Salvo erro.
 E tendo ficado o convento
 esonerado do dito escravo
 fiz este Termo que assigno.
 Convento de Santo Antonio em
 1º de Fevereiro de 1856 - Frei
 Manoel de Santa Izabel Alves
 Brandaõ.”

5

10

15

20

Tradição

Dizem que, naõ havendo em Santos
 agua encanada, o maior serviços desses
 escravos, eram o transporte de agua da
 bica do morro de Saõ Bento para o Convento
 de Santo Antonio. Outro serviço que faz
 ziam era a limpeza do Convento e
 da Igreja, e naõ eram mal tratados,
 pois cumpriam a risca com a devoç
 çãõ que tinham e estimavam
 muitos os Religiosos Franciscanos.

30

||fl.68|| Ordem Terceira de Saõ Francisco
da Penitencia

Apreciação em geral

Foi esta Veneravel Ordem

5 Fundada pelo seu Seraphico Pae
Saõ Francisco de Assis, en 1221 e
foi approvada sua Regra pela
Bula “Viva vocis Oraculo” até
que o *Soberano* Pontifice Nicolau IV a 17
10 de Agosto de 1288, novamente a
approvou. Esta Regra foi reforç
mada por Leaõ XIII na sua
Constituição “Misericors Dei Filius”
em 30 de maio de 1883.

15 A respeito desta Ordem
se manifestaram concedendo-lhes
graças e privilegios 41 Soberanos
Pontifices; como demonstraçaõ de
seu paternal affecto passou a
20 Bula “Paterna Sedis Apostolicae”
em 10 de Dezembro de 1725 o *Santo*
Padre Benedicto XIII de feliz me
moria, que confirmou nesta
Bula todas as graças e pri
25 vilegios aos filhos desta Vene
ravel Ordem.

Da mesma forma tem
sido approvada por trez Conci
lios Geraes a saber: O Vienense
30 no tempo de Clemente V; o

||fl.69|| Lateranense de Leão X e o Tridentino.

A Ordem Terceira em Santos

Começou a funcionar

5 em 20 de Outubro de 1.641, sendo o seu primeiro Ministro o
 Irmao Manoel da Silva Vasconcellos, praticando seus exercicios
 espirituaes em um Capitulo
 10 dos Religiosos da mesma Ordem até o anno de 1689 que teve co
 meço a edificação da sua Capella. O Capitulo era na bem
 dicta Sachristia do Convento
 15 de Santo Antonio, conhecido por muitos habitantes do lugar, durante a
 Guardiania do Reverendissimo Frei Luiz de Santo Ambrozio; celebra
 do-se missa ás sextas feiras o
 20 Reverendissimo Commissario Visitador, excepto a recepção de habito
 e profissão que eram feitos na Capella Mór da Igreja.

Possuindo a Ordem Ter

25 ceira o terreno doado por escritura passada pelo Tabelliao
 Manoel José da Silva em 24 de Novembro de 1691 no Definito
 rio do Ministro José dos Santos

30

||fl.70|| Luz e igualmente tendo licença dos Prelados Maiores; devido ao zelo e avultada esmola do Ministro João Cardozo de Oliveira em 1689, collocaram a pedra fundamental, sendo Provincial da Custodia da Immaculada Conceição - Frei Eusebio da Espectação, primeiro eleito no Capitulo que celebrou-se em 1.677 no Rio de Janeiro, estando separado da Provincia da Bahia desde 22 de Janeiro de 1677 pelo Breve o Santo Padre Clemente X, de 15 de Julho de 1675, que começa: "Pastoralis Officiae" em que foi elevada á cathegoria de Provincia

O Padre Mestre Frei Agostinho da Conceição e o Provincial benzeram e celebraram missa solemne em 24 de Março de 1.691, sendo Ministro Gaspar Rodrigues Vieira (ou Vianna).

Tem ainda o primitivo altar, obra ricamente entalhada onde não se sabe o que melhor apreciar, se o gosto que presidio a confecção ou se a passiencia do artista que executou, destacando no alto do rectabulo de armas da Ordem. Tem por Padroeira Nossa Senhora da Conceição,

||fl.71|| tambem sua imagem existe no nicho principal do altar, tendo do lado do Evangelho em nichos separados as imagens de

5 Santa Izabel Rainha da Hungaria e do lado Saõ Domingos e Santa Rosa de Viterbo.

O throno do mesmo altar representa o Monte Alverne, tendo sido collocado em 14 de junho de 1741, quando se commemorou o primeiro centenario da Ordem Terceira em Santos, a imagem do Senhor Crucificado, a qual tem á seus pés o Seraphico Patriarcha recebendo a impressaõ das chagas sagradas de Nosso Senhor.

O que foi esta Capella

As paredes lateraes eram forradas de azulejos mandados vir de Lisbõa em 1.726 e collocados por ordem do Ministro Pedro da Silva Corrêa, representando, do lado esquerdo:

25 O Patriarcha Saõ Francisco em um carro guiado por anjos, precedidos dos santos filhos da Ordem Terceira.

30 Do lado direito:

Symbolisava a Imaculada

||fl.72||Coracção de Maria

em um carro trium-
phal seguido procicio

nalmente os Santos

5 Doutores da Igreja,

estando o hierarcha

Luthero esmagado

por uma das rodas,

e Calvino atado ao

10 carro.

O Tecto

Era dividido em 24 quadros repre-
sendo algumas passagens da vida
do Santo Patriarcha, obra de gosto,

15 a qual em 1868, foi substituída
por um desses tectos communs.

A Sachristia

Era regular, tendo pintado no tecto
os martyrios da Paixaõ do Senhor,
20 e éra digno de apreço um painel
representando o triumpho de Jesus
Christo.

Fica assim descripto o
que foi a grandiosidade em arte
25 a capella da Ordem Terceira ate o
anno de 1868. Os ladrilhos artis-
ticos, já muito estragados em sem pos-
sibilidade de restauração desappa

||fl.73|| receram depois do anno de 1900.

Da grandeza do passado
no tocante a capella ainda
se conserva, apenas, o altar; o
5 mais foi tudo reformado, sem
o que não poderia resistir qua
si tres seculos de existencia.

Em continuação, vejamos a
documentação historica, tirada
10 do archivo da Ordem Terceira, tudo
com referencia ao velho convento
de Santo Antonio, desapropriado em
1860.

Acquisição do Convento

15 Quando a Companhia de Estra
da de Ferro, de Santos à Jundiahy,
apropriou-se do convento, lê se
na acta de 25 de abril de 1860
seguinte:

20 "O Irmaõ Ministro de
clarou que a presente sessaõ tinha
por fim faser sciente á Ordem que
a elle se apresentou Joaõ Hayden,
emissario do Baraõ de Mauá e que
25 declarou-se encarregado de saber
quanto a Ordem Terceira preten-
dia afim de ser desapropriada
a sua capella e mais depenu
dencias de sua propriedade pa
30 ra a Estação da Estrada de Ferro
que seria onde está o Convento, que

||fl.74|| se projectava fundar nesta cidade, abrangendo tambem a Ordem Terceira e passava (O Ministro) a ler um discurso analogo a materia a tratar, como de facto fez, com sublime eloquencia.

O Irmaõ procurador propoz que o dito discurso fosse mandado imprimir nas folhas publicas. O mesmo irmaõ propoz que fosse tambem inserido na acta Foi approvedo.

Estando em discussaõ a materia o Irmaõ Ministro respondeu que o encarregado de tratar com elle sobre a desapropriaçaõ dos bens da Ordem declarou-lhe que relativamente ao Convento de Santo Antonio já estava arranjado com os frades no Rio de Janeiro, porque, já estava vendido! e a meza portanto deliberasse o que entender conveniente.

Fallavam diversos irmaõs sobre a materia, e depois de bem discutida, resoveram por unanimidade de votos, que o Irmaõ Ministro respondesse ao agente da desapropriaçaõ dos bens da Ordem, que a Capella e mais dependencias, naõ entrou em negociaçaõ alguma a

||fl.75|| respeito.

O Irmaõ Ministro ponderou á vista da lei respectiva, deviam as plantas para taes

5 Estradas serem approvadas por Direito, que até áquella data não constava e, nessa duvida propunha que se levasse uma representação

10 ao Governo assignada pela Ordem e por todos que quizessem fazer pedindo a conservação da Igreja do Convento e de todas as dependencias de propriedade da Ordem Terceira.

15 Foi approvedo.

O Irmaõ Ministro nomeou membro da redacção da alludida representação o Irmaõ procurador Joaõ Feliciano da Silveira Anjos.

20

O Irmaõ procurador ponderou que julgava conveniente que alem da mencionada representação a Meza nomeasse uma commissão para, particularmente, tratar com o chefe da Companhia da Estrada de Ferro, pedindo a remoção

25 da Estação para outro lugar, que não fosse necessario tocar na Igreja do Convento e na Ordem Terceira. Approvedo

30

||fl.76|| O Irmaõ Cesar propoz que se officiasse ao Reverendissimo Padre Ministro Provincial no Rio de Janeiro extranhando que
 5 tenha elle deliberado a venda do Convento e sua Igreja, sem ter communicado á Ordem Terceira, que gozava na Igreja de Santo Antonio de certos
 10 indultos e por onde se servia.

Depois dos factos mencionados, passo a transcrever o referido discurso, que effectivamente, foi pronunciado com sublime
 15 eloquencia, assignado pelo Irmaõ Ministro dessa época Francisco Martins dos Santos.

O Discurso-protesto

"... Convidando-os para a
 20 presente reuniaõ fui compellido á este doloroso dever por motivo urgente e de interesse vital para a nossa Ordem e submetendo a vossa consideração, que
 25 apóz a necessaria discussaõ e maduro exame, resolvereis com a prudencia precisa para que possamos cumprir a missaõ que nos foi conn
 30 fiada quando adoptamos por symbolo o cordaõ do Sera

||fl.77|| phico Padre Saõ Francisco.

Meus Irmaõs!

O desgosto e indigna

çaõ de que me acho pos-

5 suido, me fazem talvez exor
bitar de minhas attribuições
como indigno Ministro des
ta Veneravel Ordem, me im
pellem á algumas reflexões
10 em desabafo! Desculpáe-me
pois!

Quando os nossos maio

res, que cuidavam mais da

alma e da virtude, que de

15 cifras com numeros, e onero
sos sacrificios, procuraram e con
seguiram fundar este Templo,
naõ anteviam certamente
que viria um seculo que
20 pouco modesto, e no desvario
da torrente em que se afoga,
apelidar-se o seculo das luzes,
o qual ac⁶errimo sectario do ge
nio destruidor, se empenha
25 naõ só em lançar um com
pleto olvido a tantos e taõ bel
los padrões de gloria, como des
truil-os desde seus alicerces, e
profanando-os com impuro
30 contacto e applicação!

Custa acreditar em

tantas e taõ rapidas degenerações de costumes!

⁶ Teria sido escrito algo antes, mas é nítida a letra "c" por cima.

||fl.78|| É bem doloroso sentir-se o
 desprezo em que são votados os
 mais santos dogmas da reli-
 gião de Christo! Mas a reali-
 5 dade existe e desgraçada-
 mente a decepção apparece
 e fallam mais altos os intereses
 ses pessoas que as nossas crenças!

A Empreza da Estrada

10 de Ferro desta Provincia quer
 chamar a si por compra ou
 desapropriação a nossa capella
 e seu edificio e d'est'arte conver
 verter taõ augusto e secular mo
 15 numento em ostentosos armazens,
 e quiçá, em luxuriosos botequins
 e mil outras futilidades!

Que a Empreza que po-
 deria ser só grandiosa e util,
 20 tornar-se vil instrumento de pro-
 fanação extreando a sua obra
 por um semi-sacrilegio, approvado
 do pela ingratitude dos poucos
 frades Franciscanos que não imi-
 25 tam os Jaboatoês, São Carlos, Gal-
 voês e Monte Alverne!!!

Entaõ teremos que assistir
 o revolver-se as cinzas venerandas
 dos nossos avós para sobre elles
 30 depor os carris da via ferrea!

Teremos de ver os fragmen-
 tos sagrados do nosso Templo
 calcados pelo tacaõ da industria

||fl.79|| apadrinhada sob o nome
de civilização e progresso - em
menoscabo da Santa Religião
que professamos e do Império
de Santa Cruz!...

Nós, meus irmãos, fracos,
tendo de lutar na arêna com
poderosos atletas; em lucta taõ
desigual, é certa a nossa der
10 rota. Embora! ~~que para que per~~
demais é bella gloriosa e prefe
rivel! e provará a humanidade
corrompida e abalada que
a virtude quanto mais rara
15 mais brilho ostenta, e que os fi
lhos de Saõ Francisco em Santos, fieis
ao seu preceito de honrar e con
servar seu templo e naõ de
mercadejar e aviltar, naõ pac-
20 tuaraõ com seus adversarios,
e naõ esquecerãõ os votos de
adhesaõ, respeito e culto, que ju
raram tributar-lhe e se con
servam firmes no posto de hon
25 ra que lhes cumpre guardar!

Pleiteemos, palmo a palmo,
e armados da arma legal
da petição appellemos para os
poderes supremos do Estado
30 e confiemos pouco na justiça
dos homens e muito na prote
ção de Nossa Mãe Santissima
e Poderosa!

||fl.80|| Só no derradeiro transe entaõ,
 curvemos a serviz, com a
 convicção e socego do justo
 como ultimo protesto de victi
 5 mas sacrificadas em holocausto,
 to, no altar corrupto do seculo!

Francisco Martins dos Santos."

Defendendo assim a Igre
 ja de Santo Antonio e tambem
 10 as suas propriedades, a Ordem
 Terceira vio coroada de exito a sua
 lucta, pois consta mesmo do archivo
 que os operarios da Estrada de Ferro
 por determinaçaõ dos seus superiores
 15 já estavam tentando tirar do altar
 a imagem de Santo, depois de
 terem demolido uma parte da
 parede lateral da sachristia, ameã
 çando a segurança da torre.

20 Sobre esta tentativa de de
 moliçaõ da Igreja, vejamos as occur
 rencias que se deram:

Facto Curioso

Quando estavam tentando
 25 retirar a imagem de Santo Antonio
 do Altar-Mór notavam os operarios
 que naõ havia força humana
 que conseguisse e, depois de tan
 tos esforços terminaram desisti
 30 do, levando ao conhecimento dos
 chefes, que observando o mesmo
 facto em nova tentativa, termina

||fl.81|| desistindo, e dando-se nessa
 occasiã a conversã de uma
 Senhora ingleza que era protes-
 tante, pedindo depos para
 5 faser parte da Ordem Terceira,
 o que nã conseguiu por ter
 a mesma Senhora se retirado de
 Santos para Jundiahy.

Esta noticia correu
 10 logo pela cidade e nã demo
 rou muito em rebentar

Um levante do povo

Aglomerando-se muita
 gente no logar do phenomeno,
 15 todos protestavam em altos brau
 dos contra a pretençaõ do pessoal
 da Estrada, chegando mesmo a haver

Um grande conflictu.

Nesse conflictu o povo sahio
 20 vencirdo em toda a linha, tendo
 ficado no logar a imagem de
 Santo Antonio e nã mais os
 operarios da Estrada tocaram
 na Igreja. Eis a rasaõ porque,
 25 diz a tradiçaõ, tem <o> Santo ao lado
 direito em descanço, uma

Bengala

que foi presendo⁷ do Visconde de Emu
 bare, como symbolo da repulsa
 30 aos que quizeram tiral-o do Altar.

⁷ Onde se lê presendo, leia-se presente, conforme intervençaõ do autor.

||fl.82|| Depois desta occorrencias,
 não demorou muito o "Aviso do
 Inperio" entregando a Igreja de
 Santo Antonio á Ordem Terceira,
 5 escapando da demolição depois
 da derrubada do convento.

Theor do aviso:

"Número 513 - Imperio - Aviso de 7 de No
 vembro de 1861, 6ª Secção - Rio
 10 de Janeiro - Ministerio do Im
 perio 7 de Novembro de 1861.

Foi ouvida a secção dos
 Negocios do Imperio do Conselho
 de Estado sobre o requerimento
 15 em que a Irmandade da
 Ordem Terceira da Penitencia da
 cidade de Santos, pede ao Go-
 verno Imperial que lhe seja
 entregue a Igreja do Convento
 20 de Santo Antonio pertencente
 a essa Corporação naquella cida
 de e bem assim os moveis, pa
 ramentos e alfayas, imagens exis
 tentes na mesma Igreja.

Sua Majestade o Impe
 25 rador conformando-se por
 immediata resolução de 26
 de Outubro proximo findo com
 o parecer da referida secção e
 30 xarada em consulta de 8 do
 dito mez.

Ha por bem mandar

||fl.83|| authorisar a Vossa Reverendissima confiar

a mencionada Irmandade

taõ somente a adminis-

tração da Igreja e Imagens

5 que nella se acham com os
competentes adornos de prata,
excluindo porem os paramentos
e alfayas necessarios a outros
conventos, etc..."

10 Este officio e identico
ao que foi enviado ao Provincial,
e a Ordem Terceira tomando pos
se da Igreja, a recebeu sob inventa
rio do que existia no Templo, em
15 11 de Junho de 1871, data do In
ventario, que foi assignado por toda
a Meza Definitoria, depois reconhe
cidas as firmas pelo Tabelliaõ Jooq
quim Fernandes Pacheco em 12 do
20 mesmo mez. Assignava em primei
ro logar o Padre Luiz Alves, como syn
dico do Convento e Commissario
da Ordem nesse tempo.

Devido ao mau estado

25 em que já se achava a Igreja,
a Ordem Terceira precisava faser
obras na mesma, por muito
tempo durou esse reparos, para evi
tar a sua ruina completa.

30 Requereu ao Juiz Prove
dor de Capellas, para executar
taes obras, com condição de ser

||fl.84|| indemnizada pela Ordem Primeira.

Esse requerimento teve despacho favorável em 21 de Outubro de 1863, assignado Pinheiro e Prado.

5 Por muito tempo ainda, a Ordem terceira na medida de suas forças, ia sustentando a Igreja, reparando o mais necessário para que o templo pudesse resistir, chegando mesmo a substituir as thesouras do telhado por outras novas, fazendo também o ladrilho de toda a Igreja que era assoalhada, e tudo esburacado e podre, cujas formigas, em grande quantidade, não deixavam os fieis em socego. (Pacote Número 8)

Altar de Nossa Senhora das Dores

20 Este altar foi construido pela Ordem Terceira em 1873 (Pacote Número 8) collocando nelle a respectiva imagem que ainda se conserva, sendo uma das mais perfeitas.

25 Assim foi o passado da Ordem Terceira em luctas constantes para a conservação da Igreja, agora antes de entrarmos na terceira parte deste trabalho vou referirme a outra lucta que muito tempo durou: - a falta de Commissarios, e cuja causa se vae ler a seguir.

||fl. 85|| Ecos da Independencia
em 1822

Falta de Commissarios – Esta
falta já se previa desde os primordios
5 da Independencia do Brazil em 1822,
pela natural animosidade entre bra
sileiros e portuguezes, cujos frades fran
ciscanos da entaõ mais que pujante
Provincia da Immaculada Conceiçaõ,
10 eram uma terça parte, composta
de portuguezes, ou mesmo se naõ
chegassem a tanto, podia se conside
rar a metade de brasileiros. No
seio da Provincia, é claro, onde reina
15 va o verdadeiro espirito do Evangelho
e a disciplina dos claustros, naõ ha
via entre os frades, a menor desintelli
gencia sobre a grande propaganda
que em todo o pais se fazia, para que
20 surgisse, como surgio em 1822, uma Pa
tria livre. A prevençaõ contra os fra
des portuguezes era somente entre o povo,
e por esse motivo, já começavam a ser
poucas as vocações para o claustro.

25 Acontecia que quando o Ca
pitulo elegia para Superior Geral um
frade portugues, as familias naõ que
rial enviar seus filhos a estudar
para ser frade, somente para naõ ficarem
30 sob o jugo de um portugues. Assim
foi por muito tempo, até que a Santa

||fl.86|| Sé para remediar esse estado de cousas,
 resolveu que, em cada treis annos, em
 que se reuniam os Capitulos fossem
 eleitos alternadamente, uma vez um
 5 frade brasileiro uma vez um portugues.

Em parte foi fe[i]ta a Santa Sé,
 que vio apparecer ainda algumas
 vocações para a carreira do convento,
 porem, mais tarde surgio o se
 10 gundo factor da falta de commis
 sarios e bem mais grave, pois não
 houve remedio: Quero referir-me a

Maçonaria

Havia a guera sem treguas entre
 15 a maçonaria, que nesse tempo ainda
 tinha forças, e a Igreja, de maneiras
 que, em 19 de Janeiro de 1855, appare-
 ceu um "Aviso", assignado pelo Con
 selheiro José Thomaz Nabuco de Araujo,
 20 Ministro, prohibindo terminantement
 às Ordens Religiosas, continuarem
 com noviciado no Brazil até um
 eventual accordo com a Santa Sé.

Este accordo nunca veio, até
 25 que depois veio a Republica, termi
 nando este estado de cousas.

Pelo exposto, vimos como vi
 eram a faltar os frades, que quasi
 se extinguiram, chegando mesmo
 30 a residirem no Convento de Santo
 Antonio apenas dois: Frei Joaõ do

||fl.87|| Amor Divino Costa, já fallecido, e Frei Diogo de Freitas, este ultimo ainda esta vivo e reside actualmente no Convento de São Francisco em São

5 Paulo, ultimo dos sobreviventes de tamanha perseguição injusta e maçónica.

As consequencias sofreram tambem todas as Ordens

10 Terceiras, cujos frades, poucos que existiam, não podiam attender aos constantes pedidos de Commissarios, por não terem frades em formação com a prohibição do noviciado no

15 Brasil.

Note-se que a Provincia da Immaculada Conceição, no tempo da sua maior pujança, chegou a ter em todo o sul do Brasil mais

20 de 700 frades, sendo que no Convento de Santo Antonio no Rio de Janeiro, chegaram a residir 120 frades, para depois, chegar ao aniquilamento completo.

25 Agora, novamente floresce a Provincia, tendo numerosos estudantes fazendo noviciado e as Ordens Terceiras novamente, retornaram a grande prosperidade, principalmente a de

30 Santos, cujo numero de Terceiros vae sempre crescendo para gloria de Deus.

⁸||fl. 89|| Terceira Parte

Bens da Ordem Terceira de
São Francisco da Penitencia

Terreno - Com 19 braças de frente

5 para a rua da Penha,
 hoje Marquez de Herval
 e com 14 braças de fun
 dos até as paredes da
 sua capella, inclusive
10 a grossura das paredes
 e dos muros.

Capella - Sacristia e claustro, No-

 viciado, etc, está funda
 do sobre terreno que oc
15 cupa 15 1/2 braças de
 comprimento, e 8 1/2 de
 largura.

Terreno - Na frente do seu con

20 sistorio, com frente para
 o Largo Monte Alegre,
 dividindo com o Cru
 zeiro que tem na frente
 da Igreja de Santo
 Antonio, e da parte do Sul, com 78 pa
25 mos de largura e
 170 de comprimen
 to.

⁸ O fólho 88 encontra-se em branco.

||fl.90|| No terreno com frente para a
 rua Marquez de Herval, é
 onde está actualmente os
 armazens de café, pertencenu
 tes á Ordem Terceira e occuu
 pados por contracto com a
 firma A. Ferreira & *Companhia*, de Santos.

5

Cemiterio - Possui á Ordem seu Jau
 zigo no Cemiterio do Paa
 quetá, em terreno de 165
 palmos de largura por
 161 de cumprimento.

10

Em 31 de Dezembro de 1,928

foi augmentado o Jazigo
 com mais 31 ms. 16 ², ad-
 quiridos por compra da
 Camara Mimicipal.

15

Tudo consta em archivo, no pacote
 42, documentos em original
 e publica forma.

20

Possue a Ordem Terceira da Pen
 nitencia alem dos seus actuaes
 bens estimados mais o menos em
 4.000; 000\$ 000 e mais 22 apolices

25

da Divida Publica, sendo 21 do
 valor de Rs 1:000\$000 e 1 do valor
 de Rs 200\$000, vencendo juros seu
 mestraes. Essas apolices vêm
 desde do tempo do Imperio e

30

reformadas depois da Rep
 publica, tudo muito bem guaru
 dadas em cofre forte, e bem
 conservadas pelo Syndico.

||fl.91|| Considerações

Até o anno de 1856, as propriedades em Santos, tinham um valor irrisorio, pois, a

5 Ordem Terceira possuia mais de seis predios em Santos e todos reunidos foram avaliados em Rs 12:500\$000 naquela epoca, de maneiras que a renda de alugueis, de Rs 25\$000 na rua Direita (hoje rua 15 de Novembro) e outros de Rs 10\$000 e 5\$000, mensaes não chegava para as despesas da Ordem. Assim sendo, foram vendidos esses bens com autorisação do Juiz de capellas, tudo legalmente feito, conforme despacho entre outros, um em 21 de Junho de 1858, e recommendações do

10 mesmo juiz em correcção de actas.

Para se acquilatar o valor que teriam hoje esses bens, tomamos por base os preços actuaes e chegase a conclusão de estimar-se

25 em 10:000:000\$000, se ainda hoje existissem.

Restam desse bens as applicacoes já referidas, que foram adquiridas com a venda dos predios

30 como determinava a Lei do Imperio naquelle tempo.

||fl.92|| Homenagem
Perpetua Memoria

Frei Luiz de Santo Ambrozio - primeiro Commissario em 1641.

5 Manoel da Silva Vasconcellos, primeiro Ministro em 1641.

Frei Eusebio da Espectação, Provincial da Custodia da Immaculada Conceição, primeiro eleito no Capitulo de 1677.

10

Joaõ Cardozo de Oliveira, Ministro que deu avultada esmola pelo terreno onde está installada a Ordem, em 1689.

15 José dos Santos Luz, Ministro quando a Ordem adquirio o terreno com a esmola do Ministro Joaõ Cardozo de Oliveira em 1.691.

20 Frei Augustinho da Conceição, que com Frei Eusebio da Espectação, benzeram e celebraram missa na capella (1ª missa) em 24 de março de 1.691.

Gaspar Rodrigues Vieira (ou Vianna), Ministro quando celebrou se a 1ª missa

25

||fl.93|| na capella em 1691, com grande pompa e repleta de Irmaões e fieis.

Joaõ Baptista de Lima, procurador, que solidificou os bens da Ordem,

5 dos quaes muitos ainda hoje possui, requerendo um "Inventario e Tombamento", que foi julgado pelo Juiz em 11 de Dezembro de 1856.

10

||fl.94|| Situação actual

Depois do historico da
Ordem Terceira da Penitencia com
relação a Igreja de Santo Antonio,
5 principalmente durante 51 an
nos que foi quanto durou a
administração, resultou com
fim em 1922, uma

Escriptura Publica

10 A Ordem Terceira fez entrega
da Igreja ao *Excelentissimo* Senhor Arcebispo de
São Paulo, conseguindo assim a vinda
dos frades para residirem nella e
consequente criação da Parochia
15 do Vallongo.

Resulta da mesma escriptu
ra ter a Ordem Terceira gasto:
~~R\$~~ 131:000\$000 mais ou menos em

reparos na Igreja; e
20 mais: Resulta que,
~~R\$~~ 68:000\$000 a Ordem terá que

reaver da parte da
Ordem Primeira, no
caso de desapropria
25 ção ou venda, isto
no caso de transac
ção em dinheiro.

No caso do negocio
ser feito com a con

30

||fl.95|| dição de em paga
 mento a parte interess
 sada construir nova
 Igreja para á Ordem 1^a
 e Ordem 3^a, num e noutro
 caso a Ordem Terceira
 tem que estar presente , sem
 o que a escriptura não
 poderá ser lavrada.

5

10

(Clausula do Contracto)

Este contracto somente foi feito
 com relação a Igreja de Santo Antonio,
 na parte em que se refer
 fere a venda ou desapropria

15

ção, nada tem que ver com
 as propriedades da Ordem Terceir
 Ra, que ficam junto a dita
 Igreja. Em caso de uma eventual

20

desapropriação da Igreja,
 ou de venda é que a Ordem
 tem que ser ouvida. Se a desap
 priação ou venda não attingir
 suas propriedades, a Ordem Terceira

25

continuará no mesmo lugar em
 sua capella, e mais depend
 encias, que nada tem a
 ver com a Igreja, recebendo ent
 taõ os 68 contos mencionados.

30

A parte da Ordem Terceira
 em caso de operação englob
 bada, está avaliade em quatro
 mil contos de reis, com tendencia
 par ser elevado a mais.

|| Fl. 96|| *Sumo Pontifice Pio IX e a Ordem*

Terceira da Penitencia.

Medalha de Nossa *Senhora* da Conceiçãõ,
concedida, conforme Breve da

5 Nunciatura Apostolica em 1861.

"Nós Marianus Farcinelli Antoniaci,
Ordinis Saõ Benedicti Congregationis
Cassinensis, Archiepiscopus Athena

10 rum, Pontificis Solio assistens, in Im
perio Brasiliense Internuntius Legatus
Extraordinarius, Sanctae Sedis, etc, etc, etc.

Dilectis in Christo filiis, Confr
atribus Ordinis Tertii de Penitentia,
Civitatis de Santos, Paulopolitano Diocesis,

15 saluten in Domino sempiternam.

Supplica exhibito libello petiistis
a Nobis, filii dilectissimi facultatem fe
rendi in actibus solemnibus, et sacris
functionibus vestrae Sodalitatis collo-

20 suspensum cum fasciula coerulea
argentum stigma, in quo sacra
effigies Beatae Mariae Virgenis Imma
culata Conceptione inculpita sit,

ut non solum exteriorem cultum Im

25 maculatae Deiparae inclitae Protectrici

vestrae exhibiatis in vobis, quod

declarati dogmatis ejusdem Confr

ceptionis ab labe originale ino

munis suavissimam excitet me

30 moriam. Sumnopere Cotanue, quod

inter tot tantanque scandala,

||fl.97|| quae magno animi nostri dolori
 in Ecclesia Dei videre cogimur pio-
 rum hominum societates existant,
 quae sub iisdem legibus Deum
 5 in Beata Maria semper Virgine
 glorificare cupientes, non in
 nibus verbis, sed salutaribus ope-
 ribus Religionem Catholicam in
 qua nati sunt, publice profiteri
 10 non erubescunt. Et cum ex al-
 lat documentis certo sciamus, vos
 dignos esse, qui singulare be-
 nignitatis nostrae testimonium
 recipiatis, libenter supplicationibus
 15 vestris annuere constituimus.

Quare Auctoritate, quo
 praedit sumus suffulti nos ab
 omnibus censuris et poenis ecclesiarum
 20 praesentium liberarem tantum ef-
 fectum consequendum absolventes-
 et absolutos fore consentes, vobis-
 facultatem concedimus ferendi
 in actibus, et functionibus solem-
 25 nibus vestrae sodalitatis collo-
 suspensum cum fasciula coerulea
 argentea stigma, in qua
 insculpta sit sacra effigies
 Beatae Mariae Virginis absque
 30 labe originali conceptae, ita vero
 tamem est non ad vanitatem
 et pompam colendam sed ad
 devotionem magis magisque

||fl.98|| angendam insolviat, servatis de
reliquo quae super his de pure
servanda sunt. Contrariis qui
busquunque minime obstantibus."

5 (Seguem se as assignaturas
e registros respectivos) Archivo da Ordem
pacote Número 2.

Considerações

10 Como sabemos Pio IX foi que pl
clamou o Dogma da Immaculada
Conceição em 1854 e, a medalha
concedida conforme Breve trans-
cripto, foi em comemoração a esse
dogma e também por não ter
15 se esquecido da sua estadia em
Santos no ano de 1.823, conforme
vimos no histórico da Igreja de Santo
Antonio. Essa medalha de prata
a Ordem Terceira usa pendente ao pes
20 çoço em fita azul, nos actos solem
nes somente, tudo de acordo
como o citado Breve, com beneplacito
Imperial de 29 de Abril de 1.861.

||fl.99|| A Ordem Terceira da Penitencia
 possui ainda outros Breves
 em seu archivo (pacote *Número 7*),
 sendo um muito importante quando
 5 do Santos ainda não possuía
 comunicação fácil com o Rio
 de Janeiro, isto em 1748, quando
 por diversos motivos o Provincial no
 Rio não quiz nomear commissario,
 10 tendo a Ordem Terceira recorrido directamente
 á Roma, e foi favorecida
 em audiência do Santo Padre
 concedida ao Secretario da Sagrada
 Congregação dos Bispos em 17
 15 de julho de 1748, tendo sua Santidade
 consentido em submeter ao arbitrio
 do Nuncio Apostolico de Lisboa,
 pelo que foi expedido um decreto ao
 Geral dos Franciscanos na Hespanha,
 20 que por sua vez se communicou
 com o Provincial no Rio de Janeiro
 para attender a Ordem Terceira em
 seu pedido.

Há ainda outro Breve do
 25 anno 1728, sobre precendencia da
 Ordem Terceira em todas as festas da
 Igreja, que sem lugar reservado depois
 do Clero Secular e Regular
 e obdecido em todo o mundo, sob
 30 pena de excommunhaõ de quem
 ousar contrariar a Constituição do
 Papa Benedito III^o - "Paterna Sedis".⁹

⁹ O fólio 100 está com um traço, de alto a baixo, com apenas uma palavra no centro: Annexos, anotação certamente tardia, à lápis.

||fl.101|| Santos em 1.870

Camara Municipal

Vereadores: Presidente, *Doutor* Ignacio

Wallace da Gama Cochrane

5 Coronel Antonio Ferreira
da Silva, R. 4.

Alferes José Teixeira da Silva
Braga Junior.

10 Capitão Joaquim José
dos Santos Cruz.

Francisco de Paula Coelho
José Carneiro da Silva Braga
Tenente Coronel Candido

15 Annunciado Dias e Albu
querque, R. 5.

Capitão Firmino Xa
vier.

Joaquim da Rocha Leite

Secretario

20 Capitão Manuel Ignacio da Silveira
Procurador

Tenente Joaquim Clemente da Silva
Fiscal

Martinho Lopes dos Santos

25 Porteiro e Ajudante do Fiscal

Joaquim Garcia de Sant'Anna
Arruador

Thomaz Antonio de Azevedo

Guarda Urbano

30 Evaristo de Freitas Nebias

||fl.102|| Vaccinador

Dr. Moysés Rodrigues de Araujo Costa

Matadouro

Encarregado: o guarda urbano Evaristo

5 de Freitas Nebias

Bombas para extincção de incendio

Encarregado: Clemente Vicente Ferreira

Iluminação Publica

Contratador: J. J. Marti

10 Aferidor

Florencio Daniel

Cemiterio Publico

Administrador: um dos vereadores nomeados
pela Camara.

15 Guarda: Firmiano Antonio dos Santos.

Tinha dois coveiros.

Guarda dos Chafarizes

Francisco Romano de Freitas.

Administração da Justiça

20 Juiz de Direito: *Doutor* Caetano José de Andrade
Pinto, moço fidalgo, com exercicio.

Juiz Municipal, de orphaõs, do com-
mercio e Provedoria: *Doutor* Francisco

Rodrigues Soares.

25 Supplentes

1 Coronel Antonio Ferreira da Silva, R. 4.

2 José Antonio Pereira dos Santos (capitão)

3 João Baptista da Silva Bueno.

4 José Carneiro da Silva Braga

30

||fl.103|| 5 *Doutor* José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho.

6 Roberto Maria de Azevedo Marques.

Promotor Publico

Doutor Luiz Ernesto Xavier

5 Deputados Provinciaes

1° Districto

Doutor Francisco Ribeiro de Escobar

Doutor Ignacio Wallace da Gama Cochrane

Doutor Joaquim Lopes Chaves

10 Padre João Vicente Valladaõ

Doutor José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho

Doutor Rodrigo Augusto da Silva

Doutor Antonio Ribeiro de Azevedo Ferreira

Doutor Manoel Firmino Pereira Jorge

15 *Doutor* Francisco Antonio de Araujo

Doutor João Mendes de Almeida

Doutor Joaquim Fernandes de Barros

Tenente Coronel Zeferino Jorge Damasceno

Advogados

20 *Doutor* Alexandre Augusto Martins Rodrigues

Doutor José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho

Doutor Joaquim Roberto de Azevedo Marques Filho

Doutor Luiz Ernesto Xavier

Solicitadores

25 João da Silva Oliveira

Pacifico Frederico Freire

Antonio Joaquim de Oliveira Barata

Bernardino Clementino Nebias

||fl.104|| Officiaes de Justiça

Francisco José Abrunches

Vicente Ferreira Rodrigues

Polícia5 Delegado: *Doutor* Francisco Rodrigues Soares.Suplentes1 *Doutor* José Luciano da Silva Barbosa2 *Doutor* José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho

3 Capitão Jose Joaquim dos Santos Cruz, em exercicio

10 4 Major Manoel Luiz Ferreira

5 João Nepomuceno Freire

6 João Domingues da Costa

Escrivão

Joaquim Fernandes Pacheco

15 Subdelegado

Francisco de Paula Coelho

Suplentes

1 Joaquim Prost Rodovalho

2 José Joaquim de Azevedo

20 3 João Teixeira Coelho

4 João Antonio Pereira dos Santos

5 Luiz José Ferreira

6 Alferes José Prostar Souza - em exercicio

Escrivão

25 Antonio Moreira Sampaio

||fl.105|| Inspectores de Quarteirão

- Do 1º Joaquim Garcia de Sant'Anna
- 2º João Francisco dos Santos
- 3º Domingos José de Salles
- 5 4º João Baptista da Silva Carneiro
- 5º João Domingues da Costa
- 6º Romaõ José Florindo
- 7º Antonio Benedicto Pereira
- 8º Manoel Evaristo do Livramento
- 10 9º João Joaquim Borges
- 10º Antonio Marques de Carvalho
- 11º Frederico José de Andrade
- 12º Alferes José Maria Largacha
- 13º Francisco Antonio da Costa
- 15 14º Antonio Pereira Guimarães
- 15º Antonio Manoel Fernandes
- 16º Candido Gonçalves Neves
- 17º Manoel Pedro Nolasco da Trindade
- 18º Joaquim da Silva Oliveira Pinto
- 20 19º Satyro Alves de Azevedo
- 20º Evaristo de Freitas Nebias
- 21º Carlos Francisco do Nascimento
- 22º -----
- 23º Henrique Geraldo Muniz Brunchen
- 25 24º Capitaõ Luiz Carlos Cortez
- 25º João da Silva Oliveira Pinto
- 26º João Francisco dos Santos
- 27º Procopio Felipe Guimarães
- 28º Antonio Pedro dos Santos
- 30 29º Matheus José do Nascimento Bittencourt
- 30º Francisco de Paula Machado
- 31º Antonio Botelho de Carvalho
- 32º Pedro Antonio Xavier

||fl.106|| Carcereiro da Cadeia

Antonio Joaquim de Oliveira Nazareth

Amanuense externo da Secretaria

da Policia da Provincia, encar-

5 regado das visitas do porto:

Ricardo Henrique da Rocha Lima,

Medalha da campanha naval

do Rio da Prata.

Companhia de Policia

10 Capitaõ Joaquim Ignacio dos Santos

Tenente Joaquim Ignacio da Silva

Repartição Ecclesiastica

Vigario da Vara

Padre Scipiaõ Ferreira Goulart Junqueira,

15 examinador synodal do Bispado.

Escrivaõ

Francisco Alves da Silva

Parochia

Padre Scipiaõ Ferreira Goulart Junqueira,

20 Vigario Collado.

Padre Manoel Macedo Vieira da Rosa,

Coadjutor

Sacristaõ

Manoel Athanzio de Moraes

25 Fabriqueiro

Florencio Daniel dos Santos

||fl.107|| Clerigos

Padre Mestre Joaquim José de Sant'Anna

Padre Luiz Alves da Silva

Padre Manoel Macedo Vieira da Rosa

5 Padre Scipião Ferreira Goulart Junqueira.

Alfandega, que antes era

apenas uma

Estação de Ar

recadação, foi

10 creada por Provi

saõ de 20 de Feve

reiro de 1720, com

as mesmas attri

buições, que a

15 do Rio de Janeiro

Inspector: Doutor João Ignacio Silveira

da Motta.

Primeiros Escripturarios: Tenente Antonio

Justino de Assis,

20 Capitaõ Joaquim

da Silva Oliveira

Segundos Escripturarios: Capitaõ Jose

Joaquim da

25 Silva Cypria

no Francisco

de Salles

Terceiros Escripturarios: José Francisco

Dias, Lourenço

José Martins Ramos,

30

||fl.108|| Capitão Antonio Martins Fontes

Quartos Escripturarios: Joaquim dos Santos

Bandeira, Francisco

Alves da Silva, Ma

5 noel de Jezus Couto.

Officiaes de Descarga: Joaquim Correã

dos Santos, Manoel

Joaquim da Silva

Antonio José da

10 Silva Bastos Junior
e um logar vago.

Officia[e]s de Descarga

Supranumerarios: Joaõ Ayres da Silva, Alfe

res José Martins dos

15 Santos Serra, Tenente

Joaquim Luiz Ferreira.

Thesoureiro: Major Antonio Eustachio

Largacha.

Primeiros Conferentes: Tenente Joaõ Baptista

20 de Lima, Capitão

Andrelino de Azeve

do Marques.

Segundos Conferentes: Venancio José Pinheiro

e Silva, Joaõ Carlos

25 da Costa Aguiar.

Porteiro e Administrador das Capatazias:

Tenente Arlindo Ramires Esquivel

Correio

Victorino Prost de Souza

30 Fieis de Armazens

Gabriel da Silva Oliveira e José Gabriel

Furtado da Silva.

||fl.109|| Addidos

Ajudante do Inspector

Joaquim de Jesus Pereira

Guarda Mór

- 5 Major Rodolpho Julio de Balbi,
Leopoldo da Camara Lima (de Paranaguá)

Administrados das Capatazias

Manoel Pereira Jorgel

Fiel de Armazem

- 10 Antonio Mariano de Azevedo Marques.

Traductor Juramentado

Dr. Guilherme Dilins.

Thesoureiro Aposentado

José Francisco Barroso.

- 15 Companhia dos Guardas

Commandante: Cabo Antonio José de
Sant'Anna.

Guardas: Honorio José Fernandes, Joa-

quim Mariano da Silva

- 20 Junior, Sebastião José de
Aguiar e Souza, João Ro-
mualdo de Oliveira.

Capatazias

Mandadores: Antonio Manoel de Andra

- 25 de, Domingos José de
Salles.

||fl.110||Conferentes: João Moreira de Sampaio,
 Joaquim Mariano de
 Campos Moura Junior.

5 Arrumadores: José Bento de Almeida,
 João Coldova de Jesus,
 Manoel Rodrigues dos
 Santos Oliveira, Bento Ge
 raldo de Oliveira.

10 Contramarcador: Christeano Ramires
 Esquivel.

Despachantes Geraes
 Capitão Joaquim Ignacio dos Santos, João
 Xavier da Silveira, José Honório
 Bueno, João da Luz Pimenta,
 15 Francisco Xavier da Silveira
 Junior.

Addido: Henrique Pedro de Oliveira

20 Ajudantes: Benedicto Matheus da Silva,
 José Moreira de Sampaio, Car
 los Moreira de Sampaio.

Patraão dos Escaleres da Alfandiga:

Jacinto de Almeida. Tem 4 remadores.

Conservatorio do Commercio

25 Conservador: *Doutor* João Ignacio Silveira da Motta,
 official Capitão Joaquim da
 Silva Oliveira

||fl.111|| Meza de Rendas da Provincia

Administrador: Major Francisco

Martins dos Santos

Escrivaõ: Major Hygino Botelho

5 de Carvalho

Escripturario: Porfirio José de Moraes

Conferente: José Candido da Costa

Claviculario: Tenente Guilherme Libo
rio Freire.

10 Guardas: Antonio Justino da Costa,
Carlos Francisco do Nasci
mento, Tenente José Francis
co do Couto, Francisco Figuej
redo dos Santos, Theophilo

15 da Luz Ferreira, Candido
Gonçalves Neves.

Agente: Benedicto Ayres da Silva.

Encarregado de passar revista de mos-
tra nas praças destacadas nesta cidade:

20 O Conferente da Alfandega Venancio
José Pinheiro e Silva.

Correio

Agente: Fernando Leite da Fonseca.

Ajudante: Antonio Joaquim Ferreira Paranhos.

25 Praticante: Feliciano Narcizo Bicudo

Carteiro: Antonio Augusto da Silva,
e um logar vago de entrega
dor de officios.

Barreira do Cubataõ: Administrador: Joaõ

30 Mariano de Azevedo Marques - Escrivaõ: Fernando
Gomes Nobrega de Albuquerque.

||fl.112|| Inspecção de Saude do Porto

Inspector: *Doutor* Henrique da Cunha Moreira,
residente Rua Aurea,18.

Secretario: Capitão Antonio Marques de
5 Saes, Rua Aurea,140.

Praças do Corpo Policial Permanente
destacadas nesta cidade

Commandante: 1º Sargento graduado
José Maximiano de Brito

10 Alembert, Cabo- Manoel
Pedro Cyrino. Soldados, 17.

Commando Militar da Praça

Commandante: Coronel do Estado Maior
Manoel Rolemberg de Al

15 meida.

Ajudantes de Ordens: Alferes honorario do
exercito Antonio Car
los da Silva.

Armazem de artigos bellicos

20 Encarregado: Alferes honorario do exercito An
tonio Carlos da Silva.

Fiel: Francisco Romano de Freitas

Fortaleza da Barra Grande

Commandante: Major honorario do exercito

25 Manoel Antonio de Lima Vieira

||fl.113|| Forte Augusto-Barra Grande

Zelador: Capitão Antonio Martins Fontes.

Fortaleza de São João da Bertioga

Commandante: Capitão Manoel do

5 Espírito Santo Guimã
rães.

Capitania do Porto

 Creada por Decreto no. 531,
 de 11 de Setembro de 1847.

10 Capitão do porto: Capitão de Mar e Guerra refor
 mado José Eduardo Wan
 denkolk, Av. 3, R. 6, Com.
 da Ordem de Ch. de Portugal

Secretario: Francisco Xavier de Aguiar

15 Andrade e Souza, fidalgo
 cavalheiro da Casa Imperial.

Patraõ Mór: José Vieira do Couto, con
 decorado por Sua Majestade

20 Fidelissima com a meda
 lha de prata – Distincção
 premio concedido ao merito,
 philantropia e generosidade.

Pharol da Ilha da Moela

25 Fixo: Cor branca

1º Pharoleiro: Manoel Francisco Dias

2ºs. : Francisco Borges

 Lourenço de Souza

Patraõ da Lancha de Socorro: Procopio Fernandes

30 Martins. Tem mais
 seis remadores.

||fl.114||Companhia de aprendizes marinheiros

Cre[a]da pelo Decreto
numero 4122 de 29 de Fe
vereiro de 1868.

- 5 Commandante: 1º Tenente José Carlos
Palmeira. R. 5, Ch. 3
Official da Fazenda Reformado: 2º Tenente Ma
noel da Silva
Pedroza
- 10 Medico: Doutor Alexandre Bousquet.
Fiel: Antonio Florencio da Silva.
Mestre: 2º Sargento do corpo de imperiaes,
José Alves da Fonseca.
Mestre d'Armas: José Thomé dos Santos
- 15 Guardiaõ Extranumerario: Manoel Anto
nio da Silva.
Praticagem do Porto
Praticos da cidade
José Bento de Almeida Junior
- 20 Fernando José de Moraes
Lourenço Justiniano dos Santos
Duarte José de Almeida
Joaquim Miguel
Joaquim Sereno
- 25 Praticos da Barra Grande
Capataz Manoel Antonio do Couto
José Mathias de Oliveira
Aproniano Joaquim da Silva
Benedicto Francisco de Paula
- 30 Francisco de Paula e Silva
Joaquim dos Santos Calistro
Custodio José Rodrigues

||fl.115|| Antonio Joaquim da Silva

Henrique Vieira da Silva

Estatística 1870

	Sociedades Beneficentes	3
5	" Musicaes	2
	" Carnavalescas	3
	" Dramaticas	2
	Theatro	
	No largo da Coroação	1
10	Pedreiras	4
	Olarias	4
	Cortumes	2
	Casas Bancarias	2
	Escriptorio de Descontos	3
15	<u>Profissoes</u>	
	Medicos	5
	Dentistas	2
	Typographos compositores	10
	Impressores	6
20	Architectos	3
	Professores de piano e canto	4
	Veterinarios	3
	Parteiras	2
	Professores de musica e instrumentos	7
25	" " desenho	1
	Afinadores de piano e orgãos	3

	fl.116 <u>Industria, Artes, Officios, etc.</u>	
	Armadores	2
	Agente de casas Commerciaes	2
	Depositos de moveis	1
5	" " instrumentos de musica	1
	Fabricas de charutos	5
	" " licores e vinagre	4
	" " carros, trolys, etc	2
	" " cerveja	1
10	" " cal	4
	Ouriveis	4
	Relogoeiros	4
	Officinas de Alfaiates	3
	" " Marceneiro	4
15	Carpinteiros	12
	Alfaiates	13
	Funileiros e latoeiros	6
	Officinas de ferreiros	4
	Contratadores de obras	6
20	Pedreiros	11
	Pintores e vidraceiros	6
	Barbeiros e sangradores (applicam Ventosas e sanguessugas)	5
	Mestre calceteiro	1
25	" calafates	1
	Fogueteiro	1
	Sapateiros	9
	Tanoarias	6
	Bufarinheiros	2
30	Officinas de selleiros	3
	Puleiros e colcheiros	4
	Silgueiro	1

	fl.117 Lojas de tamanqueiros	3
	Pharmacias	3
	Consultorio homoeupaticos	2
	Forneiros	3
5	Tintureiro	1
	Caldereiro	1
	Machinista	1
	Douradores	2
	Espingardeiro	1
10	Encadernadores	3
	Esculptor	1
	Açougues	4
	Padarias	5
	Cafes, bilhares, etc	4
15	<u>Hoteis, casas de pastos, boteques etc</u>	
	Hoteis	4
	Casas de pastos	4
	Banhos (Cysne Santista)	1
	Cocheiras de alugar cavallos	3
20	" " " carros	4
	" " " carroças	8
	Deposito de materiais para obras	2
	Loja de marmore	1
	Salsicharia	1
25	<u>Commercio</u>	
	Lojas de fazendas	15
	" " ferragens	5
	" " roupas feitas	4
	Mascates	4
30	Armarinhos	9
	Loja artigos de escriptoreo	6
	" de louças e vidros	6

	fl.118 Depósitos de assucar	3
	" " farinha de trigo	2
	" " calçados	5
	" " Kerozene	3
5	" " fructas	2
	Tavernas	58
	Armazens seccos e molhados por atacado	15
	" " " " a varejo	32
	" de toucinho	6
10	Casas commissarias de café	41
	" commissões em geral	12
	Exportadoras e Importadoras	27
	Armazens de Sal	27

Ultimas palavras

15 Caro leitor.

Creio que se tivestes passiencia em ler estas antiguidades e chegastes até o fim, estou certo que amas a nossa historia e não despresas as cousas antigas, sem
 20 o que não se pode acquilatar o valor do presente. Santos o que foi e o que é, certamente estará em vossa memoria e sabe
 25 construiram esta bella e hospitaleira Santos, que occupa um logar de grande destaque na historia Patria, enobrecida pelos seus gloriosos filhos.

Desculpae-me, pois, os vicios e
 30 lacunas, que não pude evitar pela carencia de tempo.

O Autor

||fl.119|| Fontes

Memorias para a Historia da *Capitania* de
Saõ Vicente - Frei Gaspar, da Madre de Deus

Noticias dos annos em se descobrio

5 o Brasil - Frei Gaspar da *Madre* de Deus

Historia do Brasil, Vol. III^o - Rocha

Pombo.

Armanack de 1870 - Anonymo.

Seiscentista

10 Historia Seiscentista de Saõ Paulo,
Tomo 1^o - Affonso de E. Taunay¹⁰

Santuario Mariano - Santa Maria

Orbe Seraphico - Frei Jaboataõ

Archivo da *Veneravel Ordem Terceira* da Penitencia - Lj

15 vros de actas e documentos.

Discurso de 1925 no Convento do

Carmo - Frei Mauricio Lans.

Diccionario Historico, Geographico e

Ethnographico, *Volume* 1^o

20

¹⁰ Data da publicação da obra de 1926

||fl. 121|| Índice

1ª Parte

	Introdução	Página 5
	Santos	" 6-7-8-9- e 10
5	Demarcação de limites	" 11
	Pontes e trapiches	" 12
	Filhos illustres	" 13-14- e 15
	Igreja Matriz	" 16-17-18-19-20 e 21
	Nossa Senhora do Montserrat e sua	
10	passagem para os Benedictinos	" 23-24-25 e 26
	Posse da Capella do Montesserrat pelos	
	Benedictinos	" 27 e 28
	Mosteiro de São Bento	" 28 e 29
	Igreja Jesus Maria José	" 30
15	Companhia de Jesus	" 31-32 e 33
	Collegio de São Miguel	" 34 e 35
	Os Carmelitos - Capella da Graça	" 36-37-38 e 39
	Carmo de Santos	" 39 - 40
	Ordem Terceira Nossa Senhora do Carmo	" 41-42 e 43
20	Santa Casa de Misericordia	" 43- 44 e 45
	Outeiro de Santa Catharina	" 46
	Igreja de Nossa Senhora do Rosario	" 47-48 e 49
	Fortaleza da Bertioga e outros	" 50 e 51
	Archiconfraria Nossa Senhora da Boa Morte e	
25	Irmandade Senhor Bom Jesus dos Passos	" 52
	Irmandade de São Benedicto	" 53

2ª Parte

	Convento de Santo Antonio	Página 55-56-57-58-59 60 e 61
30	Sepultamentos na Igreja de Santo Antonio	" 62-63-64-65 66

	Ordem Terceira da Penitencia	<i>pagina</i>	68 a 87
	<u>3ª parte</u>		
	Bens da Ordem Terceira da Penitencia	"	89 a 91
	Homenagem - Perpetua Memória		
5	da Ordem Terceira da Penitencia	"	92 e 93
	Situação actual da Ordem 3ª		
	da Penitencia	"	94 e 95
	[ilegível]	"	96 a 98
	Santos em 1870 - Camara Municipal	"	101
10	Administração da Justiça	"	104 a 106
	Clerigos	"	107
	Alfandega	"	107 a 110
	Meza de Rendas Provincial	"	111
	Correio	"	111
15	Inspecção de Saude do Porto	"	112
	Corpo de Permanentes Destacados em Santos	"	112
	Commando Militar da Praça - Ar		
	mazem de Artigos Bellicos	"	112
	Fortalezas	"	112 - 113
20	<i>Companhia</i> Aprendizizes Marinheiros e Pra		
	ticagem do Porto	"	114
	Estatistica 1870	"	115 a 119

9 APRESENTAÇÃO DOS *CORPORA* SECUNDÁRIOS

Os *corpora* que serão utilizados para comparação, neste trabalho, fazem parte de acervos em que a edição foi rigorosamente executada sob as normas da equipe do Projeto “Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil”, realizadas pela comissão de estabelecimento de normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil constantes no livro “Para a História do Português Brasileiro”, vol. II, organizado por Rosa Virgínia Mattos e Silva, e por esse motivo representam fontes confiáveis para pesquisa e conseqüente análise lingüística.

9.1 DOCUMENTOS DO SÉCULO XVII

Os textos deste *corpus* fazem parte do livro “Por Minha Letra e Sinal”¹, da Série Diachronica, representando o primeiro volume de edição de documentos originais manuscritos pesquisados dentro do Projeto Temático “Filologia Bandeirante”, e compreendem o período do século XVII.

Como consta na apresentação do próprio livro, a proposta desse projeto é selecionar texto de língua escrita da época das bandeiras, e proporcionar estudos lingüísticos que confirmam a retenção de traços arcaicos na produção textual desse século. A sua composição é basicamente:

Além de documentos específicos sobre minas, como o “Regimento que há de guardar o General Salvador Correa de Sá e Benevides na administração das minas de São Paulo e São Vicente”, há outros, como testamentos, inventários e partilhas em que ocorrem menções a descoberta de minas, a ida para o sertão, a permanência no sertão, a carregação, a armação, a ouro, a prata, a roteiros e caminhos, a povoamento e povoações etc. (MEGALE e TOLDO NETO (org.) 2005)

¹ MEGALE e TOLEDO NETO (org.) (2005).

9.2 DOCUMENTOS DO SÉCULO XVIII E XIX

O *corpus* selecionado é composto de trinta e seis documentos, perfazendo um total de quarenta e quatro fólios, sendo que, 34 deles fazem parte do “Fundo Milícias”, pertencente ao Arquivo Permanente da “Fundação Arquivo e Memória de Santos”. Esse acervo possui aproximadamente 1300 documentos que cobre o período de 1794 a 1832, e, quase todos, são relacionados à administração das diversas companhias que faziam parte do Regimento de Artilharia Miliciana com sede na Praça de Santos.

Os outros dois documentos que compõem esse *corpus* são da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sendo um com datação de 1777 e o outro datado de 1803. Dessa forma, esses manuscritos possuem uma delimitação exata de um período de cinquenta anos. Estes textos fazem parte da dissertação de Mestrado de Silveira (2004).

10 DEFINIÇÃO DE PRONOME

Este capítulo visa discutir a desarmonia existente com relação às definições da classe gramatical dos pronomes demonstrativos com o uso efetivo dos mesmos, questões elucidadas nos fatos lingüísticos realizados na produção escrita do português brasileiro. Vê-se que, mesmo para os que seguem a norma culta padrão, a utilização dos demonstrativos é sempre de difícil absorção, fazendo com que se tenha a necessidade de uma constante revisão para verificação do adequado uso da norma ao que foi escrito.

Normalmente, as classes de palavras têm sido definidas segundo suas propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas, com as gramáticas tradicionais privilegiando o aspecto semântico na conceituação do substantivo, do adjetivo e do verbo, e recorrendo ao aspecto funcional na conceituação da conjunção, da preposição e do pronome. A classificação das palavras dentro de cada classe gramatical é, com freqüência, ora feita sob uma perspectiva estritamente funcional, ora feita sob uma perspectiva morfológica. Essas oscilações é que gerariam essa dificuldade, fazendo com que o enquadramento dos fatos lingüísticos observados nas definições existentes, muitas vezes filosoficamente bem elaboradas, como coloca Bassetto (1998), sejam inconsistentes na sua finalidade de orientação.

Câmara Jr. (2001) oferece uma classificação baseada em critérios mistos, bastante satisfatória, que abriu caminho para as novas explorações e tentativas de se tornar os estudos lingüísticos mais científicos. Para ele, os vocábulos formais do português se agrupam, segundo um critério morfossemântico, em 4 classes: nome, verbo, pronome e conectivos. Sendo as três primeiras classes constituídas de palavras variáveis, enquanto a última é formada de palavras invariáveis, numa linha de análise seguida por vários outros estudiosos como Azeredo (2001).

Mas, recuando na história, vê-se que foi lá em Platão, para quem, “para cada ser, existe uma designação exata”, que se começo a buscar uma abordagem do estudo lingüístico de forma especulativa, servindo essa premissa de ponto de partida, Aristóteles elaborou o sistema de categorias que exprime a constituição da

frase, e a sua divisão em unidades e classes de palavras. Esse sistema aristotélico se converteu no sustentáculo de todo o pensamento formal nos séculos posteriores.

No século XVI, as gramáticas admitiam oito partes designativas do sistema gramatical: *Nome, Pronome, Numeral, Verbo, Advérbio, Preposição, Conjunção e Interjeição*. Havia variações, conforme a gramática, quanto ao número de partes que a comporia, na importância atribuída a cada uma, bem como quanto à terminologia usada, porém, não se definia a parte que seria relacionada ao discurso ou à oração (sintaxe), e quando discutida, encontrava-se muitas divergências, ou antes, pontos controversos, no que diz respeito a essas partes.

A classe gramatical dos pronomes nem sempre era abordada, mesmo tendo suas referências iniciais datadas de 170-90 AC, com Dionísio Trácio, quem primeiro definiu o pronome: “é uma palavra empregada no lugar de um nome, revelando pessoas definidas”. Esse conceito evidencia o caráter vicário dos pronomes, como ressaltado em Bassetto (1998, p. 74) e identificaria os demonstrativos, com suas características dêiticas, à função de apontar e estabelecer uma relação entre um antecedente e o seu conseqüente.

Dionísio Trácio, com essa definição considerou pronomes apenas os pessoais, que determinam as pessoas do discurso e, posteriormente, como derivados, os possessivos, e somente quatro séculos depois, é que Apolônio Díscolo (século II d.C.) passa a considerar os demonstrativos e os relativos, também, como pronomes, no que é seguido, nessa linha de pensamento, por Prisciano (século VI d.C.).

A partir daí, o quadro dos pronomes foi-se ampliando até que se chega à variada e, às vezes, controversa situação atual, na qual, se consideram pronomes, palavras que não se enquadrariam, de forma alguma, na clássica definição de pronomes, como os demonstrativos.

O termo “pronome” remonta ao latim *pronomen*, o qual, por sua vez, é a tradução do grego *ajntwnumiva* ‘o que se emprega em vez do nome’. Consideraram-se, nesse sentido, como pronomes, apenas as duas primeiras pessoas do discurso. Tanto Bassetto (1998), quanto Bechara (2001) são unânimes em reconhecer e defender que a “terceira” pessoa, por apontar para um terceiro elemento em relação aos participantes da relação comunicativa, não se encaixaria nesse conceito e que, mesmo assim, foi considerada pronome desde os primeiros tratadistas do assunto, contrariamente às suas próprias definições.

Numa tentativa de se evitar tais questionamentos, as gramáticas mais modernas já estão ampliando a definição para “palavra que substitui ou acompanha um substantivo (nome), em relação às pessoas do discurso”, fazendo, *a posteriori*, a divisão entre pronomes substantivos e pronomes adjetivos, numa explicação totalmente funcional, como em Sacconi (2001).

Para se perceber a extensão da questão e o quanto é difícil um consenso, para a definição do pronome vale a pena refletir nesta passagem de Bassetto (1998, p. 81):

“Extensões e incorpor[a]ções indevidas e progressivas levaram a considerar pronomes elementos do sistema lingüístico que nada têm de pronome, isto é, não substituem nome algum, mas apresentam conteúdo significativo próprio. Assim, por exemplo, em ‘meu carro é este’, é muito mais simples considerar ‘este’ como dêitico apenas, com a elipse do substantivo antes do enunciado, do que transformar ‘este’ num pronome; de fato, o demonstrativo mantém seu conteúdo dêitico e não substitui o substantivo, que está apenas elíptico. (...) Dêiticos são apenas dêiticos, não substituem a rigor nome algum; o mesmo se pode dizer dos possessivos, dos indefinidos, cuja ordenação lógica se tornou extremamente difícil, porque essa espécie se transformou em verdadeiro quarto de despejo, onde são lançados todos os elementos de difícil classificação.”

CLASSIFICAÇÃO DOS PRONOMES

Quanto à classificação dos pronomes, a maior parte das gramáticas tradicionais entra no tema sem muitas reflexões, informando que são seis os tipos de pronomes e, imediatamente após a definição e classificação, executam a análise de cada tipo separadamente. Bechara (2001) registra: “Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos (abarcando o artigo definido), indefinidos (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.” Diferenciando, logo a seguir, o pronome substantivo do pronome adjetivo, ou tentando fazê-lo, uma vez que, após dois exemplos e pouca reflexão, afirma: “Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções” e

encerra o assunto. Mesmo parecendo sucinto demais, ainda dispensa uma maior discussão sobre o assunto do que na maior parte das gramáticas.

Em Sacconi (2001) encontra-se apenas: “Pronomes substantivos são os que substituem o substantivo; pronomes adjetivos são os que acompanham o substantivo”. Em Cunha e Cintra (1985, p.319), a definição é dada com os seguintes termos: “os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo”. Bechara (2001) vai mais adiante nesta definição, situando no espaço, no tempo e no discurso. É justamente com essas noções de proximidade ou afastamento das pessoas gramaticais equacionando também as questões de tempo, espaço e discurso que as definições e orientações vão se complicando e evidenciando a desarmonia reinante entre regras convencionais e o real uso dos demonstrativos.

Nos manuais prescritivos, encontra-se as seguintes orientações: o uso de *este, esta, isto* para a proximidade com a primeira pessoa do discurso (*eu*), *esse, essa, isso* para a proximidade com a segunda pessoa (*tu*) e *aquele, aquela, aquilo* para a proximidade da terceira (*ele, ela*), e é justamente com a entrada da terceira pessoa que as definições começam a se complicar, pois, muitas vezes, não é a proximidade com a terceira pessoa que orienta o uso do demonstrativo, mas sim o afastamento das duas primeiras pessoas do discurso. Maiores estudos sobre o assunto e trabalhos mais científicos se fazem profundamente necessários para que as observações das gramáticas tradicionais, após as regras, com o aviso de que nem sempre essas regras são usadas com rigor, pois estão sujeitas a situações especiais¹ passem, na verdade a reger a aplicação dos demonstrativos nas realizações textuais.

Fazem parte, também, do rol dos pronomes demonstrativos, segundo orientação das gramáticas prescritivas, as palavras mesmo, próprio, semelhante e tal, suas variações quando houver, e suas classificações quanto a serem substantivos ou adjetivos dependerão de suas características dêiticas e fóricas. Bechara (2001) ressalta que o uso do demonstrativo *mesmo* com emprego anafórico é considerado impróprio por muitos estudiosos.

¹ BECHARA (2001, p. 167);

11 A EVOLUÇÃO DO PRONOME DEMONSTRATIVO LATINO

As mudanças ocorridas, no decorrer do tempo, na classe gramatical dos pronomes demonstrativos foi sempre no sentido de se entender e adequar o seu uso, às necessidades e dificuldades encontradas nas produções textuais, e para tanto, houve a tentativa de se formular definições e enquadramentos que atendessem a essas demandas. O próprio Coutinho (1976, p. 256) já mostrava que apesar de bem definidos os pronomes demonstrativos e suas respectivas correspondências às três pessoas gramaticais: *hic*, *iste* e *ille*, no latim vulgar, a variação no uso desses pronomes era evidente, sendo freqüente se encontrar um sendo usado no lugar de outro.

Os quadros abaixo, elaborados a partir de Rezende (2000, p.89-93) demonstram como era a formação inicial dos demonstrativos latinos.

11.1 FORMAÇÃO LATINA

O demonstrativo de primeira pessoa HIC (ESTE), HÆC (ESTA), HOC (ISTO)

Nominativo (sing)	hic	hæc	hoc
Genitivo	huius	huius	huius
Dativo	huic	huic	huic
Acusativo	hunc	hanc	hoc
Ablativo	hoc	hac	hoc
Nominativo (plural)	hi	hæ	hæc
Genitivo	horum	harum	horum
Dativo	his	his	his
Acusativo	hos	has	hæc
Ablativo	his	his	his

QUADRO 1 - Demonstrativo de primeira pessoa

Esse pronome era usado no latim clássico como sendo de primeira pessoa, indicando o que está próximo ao falante. Coutinho (1976) afirma que, desde o tempo de César, o pronome de segunda pessoa *iste* substitui o de primeira, *hic*, e esse último, desaparece, completamente, antes mesmo do fim do latim. Ocupará o lugar de *iste*, o pronome *ipse*.

**O demonstrativo de segunda pessoa
ISTE (ESSE), ISTA (ESSA), ISTUD (ISSO)**

Nominativo (sing)	iste	ista	istud
Genitivo	istius	istius	istius
Dativo	isti	isti	isti
Acusativo	istum	istam	istud
Ablativo	isto	ista	isto
Nominativo (plural)	isti	istæ	ista
Genitivo	istorum	istarum	istorum
Dativo	istis	istis	istis
Acusativo	istos	istas	ista
Ablativo	istis	istis	istis

QUADRO 2 - Demonstrativo de segunda pessoa

Esses pronomes eram utilizados para indicar a proximidade da 2ª. pessoa, o próximo à pessoa com quem se fala. Apesar de representar, dentro do latim, os demonstrativos esse, essa, isso, na mudança para o português passou a ser representado por este, esta, isto.

**O demonstrativo de terceira pessoa
ILLE (AQUELE), ILLA (AQUELA), ILLUD (AQUILO)**

Nominativo (sing)	ille	illa	illud
Genitivo	illius	illius	illius
Dativo	illi	illi	illi
Acusativo	illum	illam	illud
Ablativo	illo	illa	illo
Nominativo (plural)	illi	illæ	illa
Genitivo	illorum	illarum	illorum
Dativo	illis	illis	illis
Acusativo	illos	illas	illa
Ablativo	illis	illis	illis

QUADRO 3 - Demonstrativo de terceira pessoa

No latim clássico, o valor específico desse demonstrativo é de aquele, aquela, aquilo, pois junto a *ille*, *illa* e *illu*, era freqüentemente usada a palavra *ACV* (*ACV+ILLE*) como reforço do pronome demonstrativo, formando, dessa forma, aquele, aquela e aquilo. Talvez tenha sido por isso que os pronomes *ille*, *illa* e *illu*, tiveram sua variação de mudança para ele, ela, por não ter se adaptado totalmente ao sistema pronominal latino dos demonstrativos, mantendo uma característica adjetiva e aparecendo constantemente subordinado a substantivos.

O Anafórico

Nominativo (sing)	is	ea	id
Genitivo	eius	eius	eius
Dativo	ei	ei	ei
Acusativo	eum	eam	id
Ablativo	eo	ea	eo

Nominativo (plural)	ii	eæ	ea
Genitivo	eorum	earum	eorum
Dativo	iis	iis	iis
Acusativo	eos	eas	ea
Ablativo	iis	iis	iis

QUADRO 4 - Anafórico

No latim clássico, esses demonstrativos executavam o papel específico de representar, na frase, uma ou mais palavras que já tinham sido referidas anteriormente, com características totalmente anafóricas. Talvez, essa ambigüidade, que se chocava com a própria definição dos demonstrativos que se destacavam por seu aspecto dêitico e fórico, tenha sido responsável pelo desuso desses pronomes e posterior apagamento na evolução para o português.

PRONOMES REFLEXIVOS

IDEM, EADEM, IDEM (O MESMO, A MESMA, O MESMO)

Nominativo (sing)	idem	eædem	idem
Genitivo	eiusdem	eiusdem	eiusdem
Dativo	eidem	eidem	eidem
Acusativo	eundem	eandem	idem
Ablativo	eodem	eadem	eodem
Nominativo (plural)	idem	eædem	eædem
Genitivo	eroundem	earundem	eorundem
Dativo	isdem	isdem	isdem
Acusativo	eosdem	easdem	eædem
Ablativo	isdem	isdem	isdem

QUADRO 5 - Pronomes reflexivos

O pronome *idem*, utilizado para identificar e/ou caracterizar o termo ao qual se refere, não apresentou mudança, quando da sua realização no português e permanece, hoje, em uso na língua portuguesa a forma latina *idem*, classificada como um empréstimo erudito, é considerado um elemento neutro substantivado.

O “mesmo, mesma” do português, segundo Coutinho (1976, p.257), é resultado da mudança no seu uso constante, em latim, da partícula de reforço *met*. Como ele descreve: “Em *semet ipsum*, por equívoco de composição popular, ligou-se *met* a *ipsum*, de que resultou *metipsum*. (...) A par de *ipse*, havia a forma superlativa enfática *ipsimus*, redução de *ipsisissimus*, que combinada com *met* deu *metipsimus*, cujo acusativo *metipsimu* veio a dar o vocábulo português mesmo. Portanto, com a configuração evolutiva em: *metipsimu* > *metissimu* > *medesmo* > *meesmo* > *mesmo*, J.J. Nunes considera a queda anormal do –d- como devida provavelmente à próclise. *Metipse* > *metisse* > *medesse* > *medês* (arcaico)”

PRONOMES DE REFORÇO

IPSE, IPSA, IPSUM (PRÓPRIO/A, PRÓPRIO/A, PRÓPRIO/A)

Nominativo (sing)	<i>ipse</i>	<i>ipsa</i>	<i>ipsum</i>
Genitivo	<i>ipsius</i>	<i>ipsius</i>	<i>ipsius</i>
Dativo	<i>ipsi</i>	<i>ipsi</i>	<i>ipsi</i>
Acusativo	<i>ipsum</i>	<i>ipsam</i>	<i>ipsum</i>
Ablativo	<i>ipso</i>	<i>ipsa</i>	<i>ipso</i>
Nominativo (plural)	<i>ipsi</i>	<i>ipsæ</i>	<i>ipsa</i>
Genitivo	<i>ipsorum</i>	<i>ipsarum</i>	<i>ipsorum</i>
Dativo	<i>ipsis</i>	<i>ipsis</i>	<i>ipsis</i>
Acusativo	<i>ipsos</i>	<i>ipsas</i>	<i>ipsa</i>
Ablativo	<i>ipsis</i>	<i>ipsis</i>	<i>ipsis</i>

QUADRO 6 – Pronomes de reforço

O pronome *ipse* é usado para indicar a individualidade da palavra a que se refere. Deixou de ser pronome de reforço para tornar-se demonstrativo de 2ª. pessoa, posição deixada vazia com a elevação de *iste* para demonstrativo de 1ª. pessoa.

11.2 NATUREZA DÊITICA E FÓRICA DOS DEMONSTRATIVOS LATINOS

Segundo Antonio Andrade da Universidade de Aveiro, de Portugal, pode-se, assim, esquematizar as funções dos pronomes do sistema dêitico, em latim:

- a) *hic, haec, hoc* – função dêitico /fórica;
- b) *iste, ista, istud* – função dêitico /fórica; função enfática (negativo);
- c) *ille, illa, illud* – função dêitico /fórica; função enfática (positivo).

Verifica-se, com alguma frequência, a identificação da série dêitica com a categoria de pessoa (*hic* é associado à primeira pessoa; *iste*, à segunda e *ille*, à terceira). No entanto, essa associação não é correta do ponto de vista lingüístico. Com efeito, só uma análise superficial permite fazer esta identificação. Se *hic* e *iste* indicam proximidade em relação, respectivamente, ao falante (*ego*) e ao interlocutor (*tu*), não é verdade que *ille* assinale proximidade da terceira pessoa, mas, pelo contrário, afastamento quer do falante (*ego*) quer do interlocutor (*tu*). Pode-se, assim, entender a associação dos pronomes da série dêitica à categoria de pessoa como uma consequência do seu valor localizador.

A verdade é que o sistema é tripessoal nas desinências verbais, mas bipessoal nos pronomes. A indeterminação da terceira pessoa verbal faz com que os falantes explicitem o seu sujeito em forma nominal/pronominal, quer seja através de simples referência (*is*), de “dêixis” (*hic-iste-ille*) ou de ênfase (*ipse*).

A debilitação gradual do carácter dêitico dos pronomes, com a perda da relação com a categoria de pessoa gramatical, traz como consequência o seu emprego indiscriminado e a alteração das funções antes desempenhadas por cada um deles. A mudança do pronome *is* deixa em aberto a expressão da referência fórica, e o seu lugar acaba por ser ocupado, em particular, por *ille*, pronome que já antes entrava em

concorrência com *is*, pelo fato de fazer referência ao afastamento de objetos e pessoas da esfera do *ego* e do *tu*.

Com a alteração de funções do pronome *ille*, terceiro elemento da série dêitica, ficou em aberto um espaço que foi ocupado por formas reforçadas, já existentes desde o latim arcaico, como *ecculle*. Se antes este reforço se fazia por razões de expressividade, no latim tardio, *ecculle* passa a ocupar a posição que pertencia, anteriormente, à forma simples *ille*.

A função do pronome *iste*, segundo elemento da série deítica, passa, por sua vez, a ser desempenhada pelo enfático *ipse*. A função enfática, antes expressada por *ipse*, começa a ser assumida pela forma reforçada *metipse*. O pronome *idem*, entretanto, tende a cair em desuso. Em suma, pode-se dizer que a dissolução definitiva do antigo sistema demonstrativo latino veio provocar uma redistribuição dos elementos já existentes, quer pela própria mudança e variação de alguns pronomes, quer pela alteração de funções de outros. Além disso, essa reestruturação do sistema encontra-se, com certeza, na gênese do aparecimento de um novo elemento nas línguas românicas — o artigo.

Nas Gramáticas Latinas atuais, verifica-se que o sistema demonstrativo/fórico latino é descrito de uma forma bastante simplista, sem dar conta minimamente das funções próprias de cada pronome. Sob a designação de pronomes demonstrativos surgem, tal como acontece na gramática tradicional, os pronomes *hic*, *iste*, *ille*, *is*, *idem*, *ipse*, como se de um conjunto homogêneo se tratasse. Em relação à série dêitica, ao lado de cada pronome, tem-se apenas a sua tradução para português e, entre parêntesis, a indicação.

(junto de mim), para *hic*,

(junto de ti), para *iste*, e

(junto dele), para *ille*.

A oposição entre os pronomes da série dêitica fundamenta-se no binômio proximidade-afastamento. Por isso, não está correto dizer-se que *ille* indica proximidade de um “ele”, isto é, da terceira pessoa, o que nos remete de novo para a questão já

aflorada da problemática da terceira pessoa; de fato, *ille* indica afastamento quer do falante quer do interlocutor.

Após a apresentação da declinação de todos os pronomes tradicionalmente incluídos na classe dos demonstrativos, nessas gramáticas, são apresentadas, sem comentário algum, frases exemplificativas e, por fim, em anexo, têm-se breves considerações, sobretudo de ordem morfossintática.

12 O pronome demonstrativo entre os séculos XVII, XVIII e XIX

Mattos e Silva (2001) estudiosa do português arcaico, apresenta o quadro abaixo como uma compilação dos pronomes demonstrativos encontrados no decorrer desses séculos, em documentação escrita:

FORMA	NUMERO GENERO	SIMPLES		REFORÇADA	
		SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
1. campo do Emissor (E)	m.	este	estes	aqueste	aquestes
	f.	esta	estas	aquesta	aquestas
	n.	esto ~ isto		aquesto ~ aquisto	
2. campo do Receptor	m.	esse	esses	aquesse	aquesses
	f.	essa	essas	aquessa	aquessas
	n.	esso ~ isso		aquesso ~ aquisso	
3. fora do campo do E é do R	m.	-		aquele	aqueles
	f.			~aquele	
	n.	- -		aquela aquele ~aquilo	aquelas

QUADRO 7 - Pronomes demonstrativos entre os séculos XVII, XVIII e XIX

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, não se encontra, nas ortografias e manuais de língua portuguesa, um estudo sistematizado em que os pronomes demonstrativos fossem apresentados de forma clara e que determinasse ou indicasse as diretrizes para seu uso. Encontra-se, normalmente, quando o ortografo se refere à categoria dos nomes, um parágrafo para a apresentação dos pronomes em geral, ficando, os pronomes demonstrativos, entre os pessoais, relativos, indefinidos e possessivos, como nos textos de:

- 1- João Franco Barreto, de 1671, em que no capítulo reservado para estudo do “nome”, ele indica “Do pronome”, com a seguinte observação: “Despoys dos nomes se seguẽ os pronomes, que saõ certas partes da oraçã, que se poẽ ã lugar dos nomes próprio & apellativos, como, eu, tu; & dizendo (...) Também saõ pronomes, elle, esse, este, aquelle, meu, seu, teu, nosso, vosso, aos qiaes todos se ajunta algumas vezes esta palavra, mesmo, ou mesma; assi como entre os latinos, o *met* porque diremos, eu mesmo, tu mesmo, elle mesmo, nos mesmos, vos mesmos, &tc.” Sendo esta, a única referência aos demonstrativos.

- 2- Luis de Monte Carmelo, de 1767, já pressupõem uma divisão na classe gramatical dos nomes e se refere aos pronomes: “O pronome se diz, e escreve em lugar do *Nome* para evitar suprefluas repetições; mas significa o mesmo, como Eu, Tu Nós, Vós, Esse, &tc.” Ainda mais sucinto que João Franco Barreto.

BARRETO, João Franco, 1600-1674?

Ortografia da lingua portugueza / per Joam Franco Barretto. - Em Lisboa : na Officina de Ioam da Costa, 1671. - III, 279, [9] p. ; 20 cm <http://purl.pt/18>

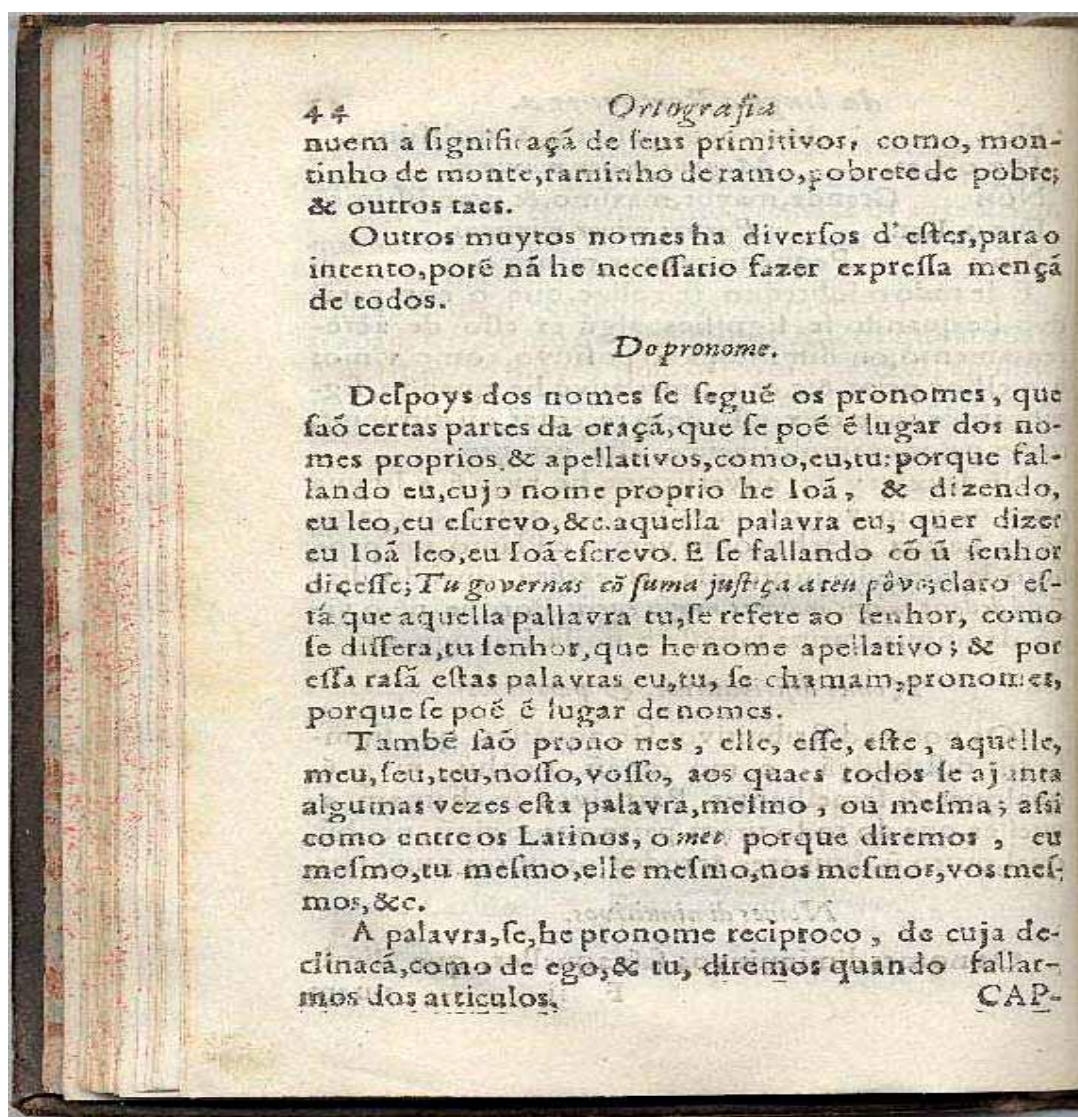


FIGURA 20 - Ortografia da lingua portugueza / per Joam Franco Barretto

MONTE CARMELO, Luís de, ?-1785, O.C.D.

Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras... / composto pelo R. P. M. Fr. Luis do Monte Carmelo

Lisboa : Off. Antonio Rodrigues Galhardo, 1767. - [28], 772, [7] p. ; 22 cm

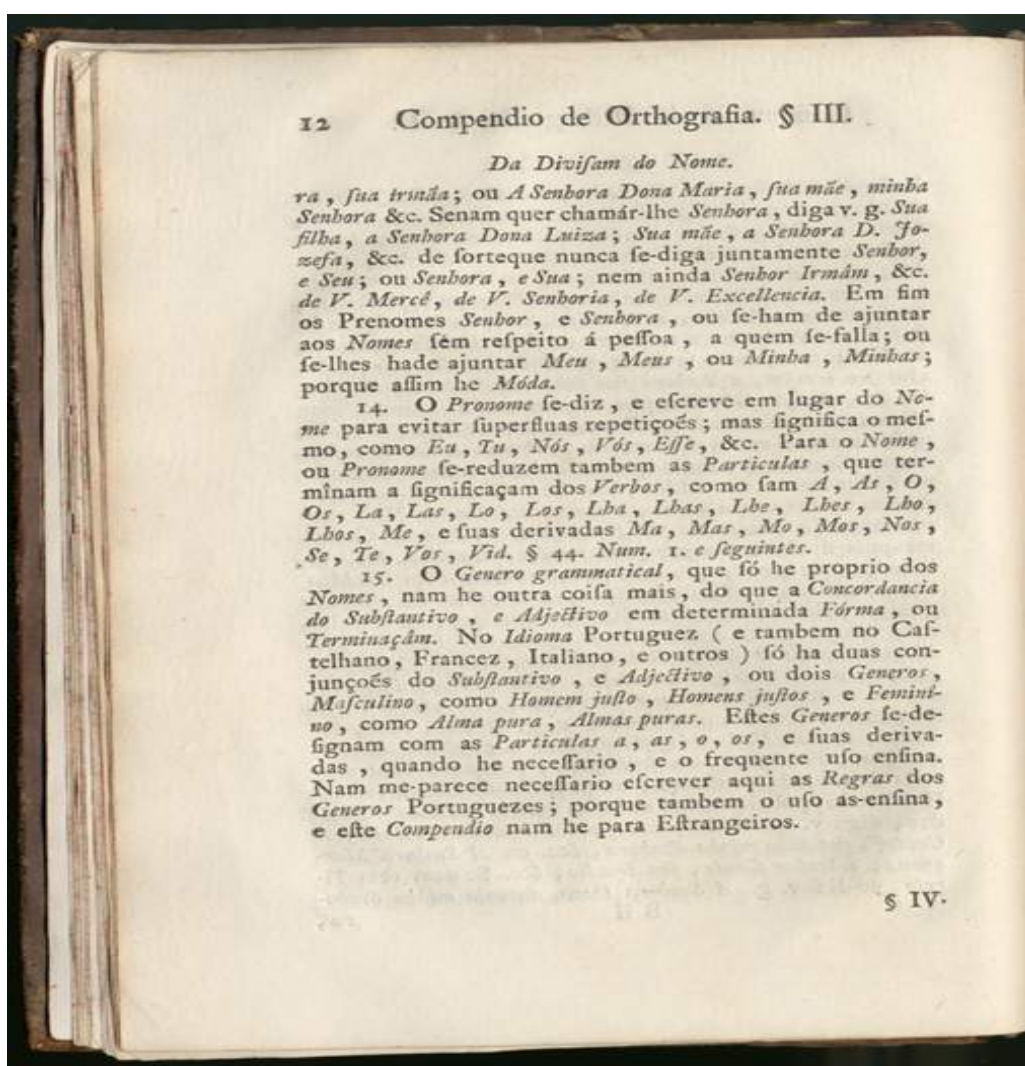


FIGURA 21 - Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras... / composto pelo R. P. M. Fr. Luis do Monte Carmelo

12 USO ATUAL DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Estas são as prescrições orientadas pelas principais gramáticas:

Pronomes	Espaço	Tempo	Discurso	Enumeração
este, esta, isto, estes, estas	Perto de quem fala (1ª pessoa).	Presente	Referente aquilo que ainda não foi dito.	Referente ao último elemento citado em uma enumeração.
	Ex.: Não gostei <u>deste</u> livro aqui.	Ex.: <u>Neste</u> ano, tenho realizado bons negócios.	Ex.: <u>Esta</u> afirmação me deixou surpresa: gostava de química.	Ex.: O homem e a mulher são massacrados pela cultura atual, mas <u>esta</u> é mais oprimida.
esse, essa, esses, essas	Perto de quem ouve (2ª pessoa).	Passado ou futuro próximos	Referente aquilo que já foi dito.	Para se referir ao elemento do meio, num universo de três elementos.
	Ex.: Não gostei <u>desse</u> livro que está em tuas mãos.	Ex.: <u>Nesse</u> último ano, realizei bons negócios Ela chegará por <u>esses</u> dias	Ex.: Gostava de química. <u>Essa</u> afirmação me deixou surpresa	As crianças, os homens e as mulheres são diferentes, estas são intuitivas, esses são racionais e aquelas são alegremente ingênuas.
aquele, aquela, aquilo, aqueles, aquelas	Perto da 3ª pessoa, distante dos interlocutores.	Passado ou futuro remotos		Referente ao primeiro elemento citado em uma enumeração.
	Ex.: Não gostei <u>daquele</u> livro que a Roberta trouxe.	Ex.: Tenho boas recordações de 1960, pois <u>naquele</u> ano realizei bons negócios.		Ex.: O homem e a mulher são massacrados pela cultura atual, mas <u>esta</u> é mais oprimida que <u>aquele</u> .

QUADRO 8 - Uso atual dos pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos possibilitam localizar o substantivo em relação às pessoas, ao tempo, e sua posição no interior de um discurso.

- O, a, os, as (que também podem ser artigos e pronomes pessoais), são pronomes demonstrativos quando equivalem a isto, aquilo, aquele, aquela, aqueles, aquelas.

Leve **o** que lhe pertence. **o (=aquilo)**

É esta **a** que você quer? **a (=aquela)**

- ...! A Locução "o quê", salvo melhor interpretação, é pronome demonstrativo em frases como:

O médico examinou minuciosamente o enfermo; após **o quê**,
prescreveu-lhe repouso absoluto. **o quê (=isso)**.

- Os demonstrativos formam contrações com as preposições *de*, *em* e *a*.
- A locução "por isso" é mais comum e se trata de uma expressão cristalizada e não constitui relação anafórica propriamente dita.

Funções dos demonstrativos

- Os demonstrativos possuem características que os aproximam tanto da classe dos pronomes, como da dos adjetivos, e possuem, sintaticamente, função de substantivo ou de adjetivo, por exemplo:
 - Portam idéia de pessoa, embora isso se dê no plano semântico e não no sintático como é típico dos pronomes.

- São uma classe fechada o que é típico dos pronomes e atípico para adjetivos.
- Apresentam formas determinadas e formas indeterminadas em gênero e número.
- São empregados também para expressar relações espaciais de proximidade e afastamento e relações temporais. Quando usados nessas funções, perdem a idéia de pessoa associada que lhes é típica em outros usos.
- Determinados em gênero e número tem valor de adjetivos.

Aquela cidade me encanta.

Essas meninas são traquinas mesmo.

Este livro é meu.

Comportamento sintático dos demonstrativos

- Não se pode determinar um item simultaneamente com demonstrativo e artigo.
Não são aceitas frases como:
 - * ***Os esses*** livros são meus.
 - * ***Uns aqueles*** turistas voltarão.
- Os demonstrativos não podem ser determinados por artigo ou adjetivo.
 - * ***O isso*** é uma vergonha.
 - * *Os livros que comprei* são ***os estes***.
 - * ***Belo aquilo*** você vez.
- Os demonstrativos podem ser determinados por alguns advérbios.
 - Era* ***bem isso*** que eu queria.
 - Não contávamos com* ***tudo aquilo***.
- O demonstrativo precede imediatamente o determinado e seus outros determinantes. Exemplos:

Este belo e bem ilustrado livro.

Aqueles formidáveis tempos idos.

- Os demonstrativos determinados em gênero e número, quando em função adjetiva, concordam com o determinado em gênero e número.

Estas palavras.

Esse livro.

Aquelas conclusões.

- Os demonstrativos variáveis em gênero e número, quando em função substantiva, concordam em gênero e número com a idéia portada.

Essas não apresentaram problema. (peças)

Aquele está com defeito. (aparelho)

- Nas frases em que *isto*, *isso* e *aquilo* estão em função sintática que define a concordância, esta é feita com a idéia portada pelo demonstrativo. Exemplos:

Isto é o resultado obtido.

Aquilo foram apenas as primeiras conseqüências.

Os pronomes demonstrativos possuem, ainda, uma:

- função dêitica, como palavras sem referencial fixo, tendo sua significação dependendo da situação de emprego.
- função fórica, ou seja, nas situações em que operam remissões intradiscursivas. Trata-se então de empregá-los para fazer alusão a termos que já foram (anáfora) ou que ainda serão (catáfora) mencionados.

14 ANÁLISE DOS DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos possuem uma relativa imprecisão em seu uso e este capítulo discutirá algumas linhas de pesquisas que tentam defini-lo e cientificar o seu estudo. Referindo-se ao uso de “este” e “esse”, Bechara (2001, p.188), por exemplo, afirma que há exemplos de consagrados escritores que contrariam os princípios prescritos, chegando até, em alguns casos, a criarem normatizações momentâneas, sem que exista, para tais expressões, uma separação rigorosa por linhas de demarcação. Também em Cunha e Cintra (2007, p.331) há explicitamente a indicação de que tais distinções oferecidas pelo sistema ternário dos demonstrativos não são rigorosamente obedecidas na prática.

Silva (2000, p. 04) afirma:

Sabe-se que os filólogos utilizam essa diferenciação (manutenção ou não do sistema dicotômico)¹, entre outras, para distinguir as línguas românicas em inovadoras e conservadoras, respectivamente, entretanto, acredita-se que esse assunto (pronomes demonstrativos)² merece maior atenção, porque ele não pertence ao grupo de fenômenos lingüísticos denominados pelos sociolingüistas de estigmatizados pela sociedade, ou seja, como o sistema de demonstrativos não identifica um membro de uma comunidade lingüística como, por exemplo, culto ou não-culto, não é cobrado pela sociedade em geral e, conseqüentemente, não é dado na escola, e quando isso ocorre, não se dá a devida importância, mesmo porque muitos professores nem têm consciência de como se deve utilizar o sistema, pelo menos, na função anafórica.

A autora ainda afirma, mais adiante em seu texto, que os fenômenos lingüísticos devem ser estudados, levando-se em conta a matriz social que lhes é própria, mas, com relação aos demonstrativos, nenhuma variável social parece ter alguma influência.

Nas gramáticas normativas contemporâneas, os pronomes demonstrativos são identificados como componentes de dois subgrupos³: a) os que localizam o substantivo, como *este*, *esse* e *aquela*, além de suas respectivas variações de gênero e número; e b) os que identificam a coisa: *mesmo*, *próprio* e *tal*, além de

¹ Parênteses desta autora.

² Parênteses desta autora.

³ Almeida (1965, p.171).

suas variações de gênero e número. Castilho (2002, p.119), apresentando um trabalho que se afasta deliberadamente dessa tradição gramatical portuguesa, reproduz o trabalho de Rodrigues (1978, p.65), que afirma:

Do ponto de vista morfo(fono)lógico o subsistema dos demonstrativos se caracteriza pelo seguinte:

a) Quatro bases ou temas, distribuídas segundo a natureza da indicação: 1. /este/ indicação ostensiva de proximidade ao falante, 2. /ése/ indicação ostensiva de proximidade ao ouvinte, 3. /akéle/ indicação ostensiva de afastamento dos interlocutores, 4. /ele/ - /o/ indicação contextual. Em algumas variedades do Português do Brasil desaparece a distinção entre 1 e 2, prevalecendo só 2 (ou só 1), ou usando-se ambos aparentemente de modo indistinto.

b) Acréscimo do sufixo *-o* para a referência a objeto não especificado. As bases 1 a 3 sofrem mudança morfonêmica da vogal acentuada que, sendo média, passa a alta: 1. /isto/, 2. /íso/, 3. /akílo/. Na base 4 o sufixo se acrescenta ao alomorfe /o/, com o qual se funde: *o-o > /o/.

c) Acréscimo do sufixo *-a* para a concordância com nomes do gênero feminino. As bases 1 a 3 e o alomorfe /éle/ da base 4 sofrem mudança morfonêmica da vogal acentuada que, sendo média, passa a baixa: 1. /ésta/, 2. /ésa/, 3. /akéla/, 4. /ela/. A junção do sufixo *-a* ao alomorfe /o/ da base 4 acarreta a supressão do *o*, segundo regra morfonêmica de aplicação mais geral, e resulta em /a/ (cf. /boníto/ + /-a/ > /boníta/.

d) A distribuição dos dois alomorfes da base 4 é a seguinte: /éle/ ocorre como sujeito, como predicativo e como complemento preposicionado (*Ele* veio. *N* o sou *e/e*. Saí com *e/e*.), mas nunca diante de nomes; /o/ ocorre nas mesmas situações sintáticas em que ocorre /éle/, mas diante de nomes) *O* professor veio. Não sou *o* professor. Saí com *o* professor.) e, além disso, também como objeto direto *O* aluno conhece-*o*. *O* aluno conhece *o* professor.), diante de orações relativas restritivas (*A* [aluna] que esteve aqui não viu nada. *O* [professor] que ensina matemática é simpático. *O* [a coisa] que você diz é verdade (objeto não especificado) e diante dos pronomes *qual* e *tal* (*O* homem com *o* qual eu falei não veio. Ele é *o* tal, de quem você falou.). No português do Brasil o alomorfe acentuado /éle/ ocorre também como objeto direto (*O* aluno conhece *e/e*), ficando o alomorfe átono /o/ limitado a uma distribuição proclítica (RODRIGUES, 1978, p.65 apud CASTILHO 2002, p. 119).

Castilho salienta que essa análise rompe com a tradicional distribuição de classe de palavras, na medida em que une numa mesma classe, além dos demonstrativos, os elementos de outras classes gramaticais, o que cria um subsistema morfológico, cuja redistribuição, já sugerida por Câmara Jr. (1971, p.104) e Raposo (1964-1973) que afirma:

Partindo das quatro bases propostas por Rodrigues (...), os Pronomes Pessoais *ele* e *o*, o Artigo Definido *o*, os Pronomes Demonstrativos *o*, *este*, *esse*, *aquela*, *isto*, *isso*, *aquilo* compartilham propriedades sintático-

semânticas comuns tais que nos permitem ordená-los numa classe única, que será aqui denominada *Mostrativos*⁷.

O autor enfatiza ainda que todos eles possuem propriedades semânticas básicas, como: retomar conteúdo e indicar posição espaço-temporal ou textual de um referente, além de especificar que fazem parte dos Mostrativos: a) *ele*, b) *este*, *esse*, *aquela*, *isto*, *isso*, *aquilo*, c) *aqui*, *ali*, *lá*, e d) o clítico nominal ou verbal.

Encontra-se, também, em Biderman (2001, p.270) uma reclassificação da classe gramatical dos pronomes, que são agrupados em duas categorias básicas: a) os pessoais e b) os demonstrativos. Com relação aos demonstrativos, a autora afirma que eles são dêiticos, em sua maioria, e, buscando base na semiologia, afirma que os semas mostrativos que os caracterizam não indicam apenas elementos do espaço, mas também a sucessão temporal do discurso. Une, então, a característica mostrativa dos pronomes a alguns advérbios que possuem as mesmas características, seguindo, portanto, na mesma linha de raciocínio de Castilho.

Perini (1998, p.333) também propõe um reagrupamento da classe gramatical dos pronomes, o qual se apresenta no quadro abaixo.

<p>Classificação dos itens - Tradicionalmente chamados “pronomes”</p> <p>Substantivos 1: eu, nós, ele, isto</p> <p>Substantivos 2: alguém, tudo, algo</p> <p>Relativos: que, o qual, quem</p> <p>[+PDet]: todos, ambos</p> <p>[+Det]: o, um, este, esse, aquele, alguns</p> <p>[+Poss]: meu, seu, nosso</p> <p>[+Qf]: muitos, vários, único, terceiro</p> <p>[+Num]: outro, dois</p>
--

⁷ BÜHLER, K. (1934), 1979 - *Sprachtheorie*, Jena, Gustav Fisher; tradução espanhola, *Teoria del Lenguaje*, 3ª ed., Madrid, Alianza Editorial. Estabelece uma distinção entre o campo simbólico e o campo mostrativo. Silvia (2000, p.48) afirma que Bühler, a partir das reflexões de Brugmann, chega à formulação do conceito de *campo mostrativo* e também à noção de *déixis* para o âmbito da teoria da linguagem, pois antes disso era apenas uma subclasse dos pronomes. Esse autor estabelece a distinção entre *nomear* (*nennen*) e *mostrar* (*zeigen*) como formas básicas e complementares da significação lingüística, que é, por sua vez, complementar da representação conceptual. O conceito de *campo* é proveniente da psicologia.

QUADRO 9 - Quadro de classificação dos pronomes

Essa classificação é baseada no comportamento sintático dos lexemas que compõem a classe gramatical dos pronomes, daí agrupá-los, conforme seus traços comuns como: a) itens que só podem ocorrer como complementos do predicado ou núcleos de um SN; b) itens que podem ocorrer no SN acompanhados por outro termo; c) itens que configuram sua posição através de suas propriedades semânticas; d) itens que podem ser predeterminantes; e) os que podem ser determinantes; f) os que podem ser possessivos; g) os que podem ser quantificadores e h) os que podem ser numeradores.

Como foi apontado, no item 1, da segunda parte deste trabalho, o consenso sobre a definição de pronome é algo ainda distante, pois ficou claro, com as tentativas de reclassificação dessa classe gramatical, que as atuais prescrições da Gramática Normativa não conseguem conciliar toda a extensão de uso e significado dos pronomes.

Segundo Bagno (2002, p.32) o que a Gramática Tradicional sente falta é de um alcance maior para as regras que ela tenta descrever, pois o erro está em não se avançar além da frase; todas as regras ficam restritas à frase. E todas as vezes que se fala ou se escreve, está-se produzindo um texto, por menor que seja essa produção. Para ele, enquanto se praticar o *isolamento da língua*, não se conseguirá estudar os pronomes demonstrativos, pois eles possuem, intrínsecos, em sua essência, um caráter *dêítico* e *fórico*.

Carvalho (1967) foi o introdutor, na terminologia da lingüística portuguesa, dos termos “dêítico” e “dêixis” afirmando:

Temos finalmente a significação deíctica ou mostrativa (a deixis), a qual consiste na significação realizada por certas formas lingüísticas que equivalem a um gesto ou, melhor ainda, o acompanham ou esclarece, mostrando um objecto pertencente ao contexto real (extra-verbal), ou que já foi ou vai ser imediatamente mencionado no contexto verbal.

Percebe-se que Herculano além de validar o gesto de apontar, ainda introduz a noção de que os demonstrativos estão relacionados a conteúdos *endofóricos* e

*exofóricos*¹⁰. Lyons (1980, p. 261) afirma a Dêixis é responsável pela localização e pela identificação de pessoa, objetos, processos, acontecimentos e atividades envolvidos no processo de comunicação e relacionados pelo contexto espaço-temporal criado e mantido por esse mesmo ato.

Que esses conceitos possuem sua raiz etimológica da palavra “dêixis”, remetendo para a noção de mostração, indicação, não há dúvida, a exemplo de vários estudiosos que já discutiram essas equivalências, como Martins (2000) e Silva (2000, p.12). E esses estudos refletem o afastamento, encontrado nas produções de texto, que o uso dos demonstrativos e dos dêiticos tiveram dos conceitos de apontar. Afastar-se do gesto de apontar não significa, entretanto, deixar de perceber “a faculdade que têm as línguas de designar os referentes através da sua localização no tempo e no espaço, tomando como referência básica o falante”¹², como afirma Costa (1990, p.15), que, em seu texto, ainda introduz o termo “ponto-dêitico”, para indicar o ponto espacial e temporal em que o falante se localiza no momento da fala, embora advirta que, dentro do texto, em determinadas frases, há dificuldade em se diferenciar se o termo é dêitico ou anafórico, pois nem todas as expressões lingüísticas que se referem ao tempo e ao espaço são dêiticas.

A título de ilustração, citemos Castilho (2002, pg.122): “Esses processos, sendo nocionalmente separáveis, podem, entretanto confluir num mesmo uso dessas ‘classes’, o que tem provocado certa promiscuidade terminológica”. E Lahud (1979, p. 40), expõe toda a divergência terminológica quanto a esse termo:

Dêiticos (δείξις): a designação talvez a mais difundida e que adotamos por esse motivo. Formada a partir de *dêixis*, o termo grego “δείξις”, significando a ação de mostrar, indicar, assinalar, etc., e recentemente transformada em termo técnico da teoria gramatical, esta forma é freqüentemente usada pelos filósofos e lógicos para designar uma das classes da categoria mais larga das *expressões referenciais definidas*. Encontramo-la também utilizada pelos lingüistas, alguns dos quais consideram-na equivalente à noção bastante larga de *enuniação*;

¹⁰ *Endofórico*, formado pelos termos gregos: a) *endos* que significa interno, dentro de e b) *phoreo* que significa levar. Os demonstrativos são usados, nesse sentido, como referenciadores textuais, porque estabelecem uma relação entre elementos internos do próprio texto. A endófora pode ser de dois tipos: a) anáfora, quando se refere a elementos que já foram citados dentro do texto; e a b) catáfora, quando se relaciona a elementos que ainda serão citados. *Exofórico* formado pelos termos gregos: a) *exo* que significa fora exterior e b) b) *phoreo* que significa levar. Nesse caso, os demonstrativos são usados como referenciadores situacionais, extra texto.

¹² Silva (2000, p.27) “Os dêiticos levam consigo o movimento *virtual* de apontar, dispensando qualquer gesto físico humano, que sendo desempenhado pode ser interpretado como redundante”.

a) Já em Peirce, trata-se daquilo que o autor chama de *indexical symbols*, inaugurando assim uma tradição terminológica, seguida, por exemplo, por Busks, Bar-Hillel, etc. Traduz habitualmente a expressão de Peirce por *signos (ou símbolos) indicadores, símbolos-índices*, ou simplesmente *indicadores*.

b) *Shifters*: termo inglês formado a partir do verbo *to shift*, “mudar, variar, tocar”, introduzido no domínio gramatical por Jespersen e cuja tradução francesa por *embrayeurs (propre à designer ces unités du code qui “embrayent” le message sur la situation)* foi sugerida por Ruwet;

c) Para Benveniste e o grupo constitutivo da chamada “lingüística da enunciação”, comum é o uso de expressões tais como *indicadores de subjetividade, índices (ou signos) do discurso, índices (ou signos) da enunciação, etc;*

d) Finalmente, Bertrand Russel trata das palavras “cuja denotação é relativa àquele que fala” num capítulo sobre os *egocentric particulars*, termo que Devaux traduz para o francês por *circonstanciels égocentriques*, enquanto que Vuillemin prefere a expressão *indicateurs de subjectivité*, que encontramos explicitamente em Benveniste.

Lahud (1980) chega à conclusão de que, independentemente da denominação dada aos dêiticos por esses vários lingüistas, todos querem definir uma classe lingüística com bases mais sólidas. Para ela, não obstante, fica evidente que esses autores não se basearam em dados, daí suas conclusões serem fundamentadas em “intuições”; por outro lado, constata, ao final da sua pesquisa, que os dêiticos possuem todos os semas atribuídos por cada um dos pesquisadores em estudo. Afirma também que, quanto maior o número de estudos sobre os demonstrativos e a dêixis, maiores são as categorias gramaticais que vão sendo consideradas dêiticas, e não apenas os pronomes pessoais e demonstrativos, como apresenta a tradição gramatical.

Sob o ponto de vista das propriedades sintáticas dos demonstrativos, Mira Mateus et Al. (1989, p.184-7) chega a equação [SN > Especificadores + Nome + Complementos], em seguida descreve a atuação dos Especificadores como sendo: 1) os Determinantes [Artigos e Dêiticos Demonstrativos e Possessivos], 2) os Quantificadores e 3) as Expressões Qualitativas. Afirma, ainda, que atuam como Complementos: 1) os Sintagmas Adjetivos, 2) os Sintagmas Preposicionados, 3) as Relativas e 4) os Epítetos.

Complementarmente a essas classificações, Lyons (1980, p.452), por sua vez, esclarece que os determinantes têm justamente a função de determinar (ou

seja, restringem, tornam mais precisa) a referência dos SNs nos quais eles ocorrem. Além de também afirmar que um determinante é qualquer elemento cuja função seja entrar na estrutura de expressões referenciais e determinar sua referência como definida, em vez de indefinida, ainda enfatiza que a “identidade do referente”, e, especificadamente, do Artigo e do Demonstrativo, teria pelo menos três propriedades semânticas: 1) esclarecer a identidade dos referentes, 2) retornar conteúdos e 3) localizar referentes no espaço e no tempo.

Nessas três propriedades, enfocam-se as atribuições dêiticas e fóricas dos pronomes demonstrativos. O referente¹ tem sido tema de muitos trabalhos acadêmicos, e a tentativa de esclarecer como ele ocorre no texto, suas funções, atribuições, bem como toda a força semântica e filosófica contida nesse termo, é o objetivo de muitos pesquisadores.

No dicionário Houaiss, a definição de que *referir-se* significa ter relação com vem de encontro com o que Silva (2000, p.63) define para o ato de referência dêitica, um processo que permite, como traço fundamental, a identificação de um singular, o que aproxima, cada vez mais, as noções de dêiticos e fóricos². Fonseca (1992) afirma que anáfora é um termo grego usado para dar conta da função textual dos dêiticos, uma função que consiste em remeter para algo presente no contexto verbal. E em Bühler, informando que este propõe a utilização do termo catáfora para representar, junto com a anáfora, o caráter retrospectivo e prospectivo da mostração textual.

Segundo Câmara Jr (1986, p.49), a anáfora representa qualquer referência a um termo já constante do contexto. Há anáfora, em vez de dêixis, no uso dos pronomes, quando, em vez de uma indicação no espaço, há uma referência ao contexto. E encerra, afirmando que os demonstrativos, ao lado de seu emprego dêitico, têm outro, o anafórico. Silva (2000, p.68) segue mostrando que, embora a definição de Câmara Jr. pareça simples e de fácil identificação, na prática não é o

¹⁸ Bechara (2001, p.35); Benveniste (1988); Silva (2000); Fonseca (1992) e muitos outros.

¹⁹ “Fórico” empregado aqui como termo genérico representando o ato de referir-se, seja em função de Anáfora, seja de catáfora.

que ocorre, pois, conforme demonstra, o limite que separa os dois usos – dêitico e anafórico – é tênue.

Realmente, esse limite é tão tênue que Moura Neves (2000, p.491), em seu capítulo destinado ao Pronome Demonstrativo, inicia com a definição da natureza dos pronomes demonstrativos e declara que os **demonstrativos** são palavras **fóricas**. Faz essa afirmação sem maiores explicações ou definições, e parte para a análise de cada um deles, esclarecendo, antes, que eles sempre fazem referência: 1) seja ao contexto ou 2) seja à situação do discurso. A autora sequer utiliza qualquer definição de dêixis, ou emprega esse termo, para a associação a esses pronomes, e segue o capítulo na identificação de: a) as formas dos demonstrativos; b) as posições sintáticas desses demonstrativos; c) seu emprego – aqui retoma a noção de referenciadores textuais, discutindo o seu uso em situações endofóricas e exofóricas; d) a organização do espaço situacional entre os três demonstrativos (*este, esse, aquele*); e) as particularidades do emprego dessa classe gramatical; e e) o uso dos demonstrativos na composição de expressões fixas.

Esse é um ponto de vista que desvincula da debatida discussão sobre o aspecto dêitico dos demonstrativos a noção fórica, o que se pode inferir, nessa análise, que os dêiticos estão incluídos na foricidade da classe pronominal, como um “tipo de”, um subitem classificativo. O impasse é se a foricidade existe dentro do dêitico³, como uma das características desse, ou se o aspecto dêitico pertence à foricidade, como o princípio defendido por Moura Neves em sua análise dos demonstrativos. Lyons ainda defende que se confunde Dêixis textual e anáfora por causa da formulação tradicional da referência pronominal e pela falta de uma distinção clara entre entidades lingüísticas e não lingüísticas.

²¹Lyons (1980, p.298): “Sugeriu-se, sem demonstrá-lo até aqui, que a dêixis era mais fundamental que a anáfora. A ligação entre a função dêitica e anafórica dos pronomes se encontra nisso que se pode chamar de dêixis textual. Se pode empregar os pronomes demonstrativos e as outras expressões dêiticas para referir entidades lingüísticas de diversos tipos (formas, partes de formas, lexemas, expressões, frase de texto, etc.) no co-texto da enunciação”

15 OCORRÊNCIAS SELECIONADAS DOS TRÊS *CORPORA*

Segue, abaixo, um quadro com o total geral das ocorrências encontradas de pronomes demonstrativos, nas três edições semidiplomáticas. As colunas recebem o nome da origem dos documentos, o século em que foram produzidos e o número de linhas que compunham cada edição.

	Ouro - XVII (4185 linhas)	Milícias - XVIII e XIX (665 linhas)	Promessa - XX (865 linhas)
Este	190	19	38
Esta	201	38	51
Isto	08	02	12
Esse	09	0	25
Essa	05	07	25
Isso	30	09	03
Aquele	24	02	01
Aquela	28	02	0
Aquilo	01	0	0
mesmo	40	17	43
mesma	30	19	24
proprio	09	03	02
propria	04	0	0

QUADRO 10 - Ocorrências selecionadas nos três *corpora*

Algumas considerações devem ser feitas a respeito do quadro acima:

Primeiramente, o superior número de linhas dos documentos consultados da “época do ouro” é evidente. Mas, conservando-se a noção de equivalência que o quadro proporciona, é inegável a sua contribuição nesta análise evolutiva dos pronomes demonstrativos, e necessário também ressaltar que todos os arquivos possuem um veio comum, o fato de possuírem o Estado de São Paulo como região demográfica para produção ou tema.

Em segundo lugar, os documentos que compõem o arquivo “Milícias” possuem datação inicial de 1794 a 1832, o que o torna produtivo para análise, por vir de encontro à época em que o português brasileiro culto começa a definir-se,

como consta em Mattos e Silva (2004, p.71), em decorrência das políticas geral e pombalina.

O terceiro ponto é situar o manuscrito do “Promessa” com sua produção datada do início do século XX, antes, certamente, de 1930, ano da aprovação religiosa do manuscrito, o que também vem de encontro, convenientemente, ao início da tentativa governamental brasileira em estabelecer determinadas normas ortográficas e gramaticais como padrão de uso em todo o território nacional. Após essas breves considerações, seguem abaixo os dados do quadro acima representados em gráficos.

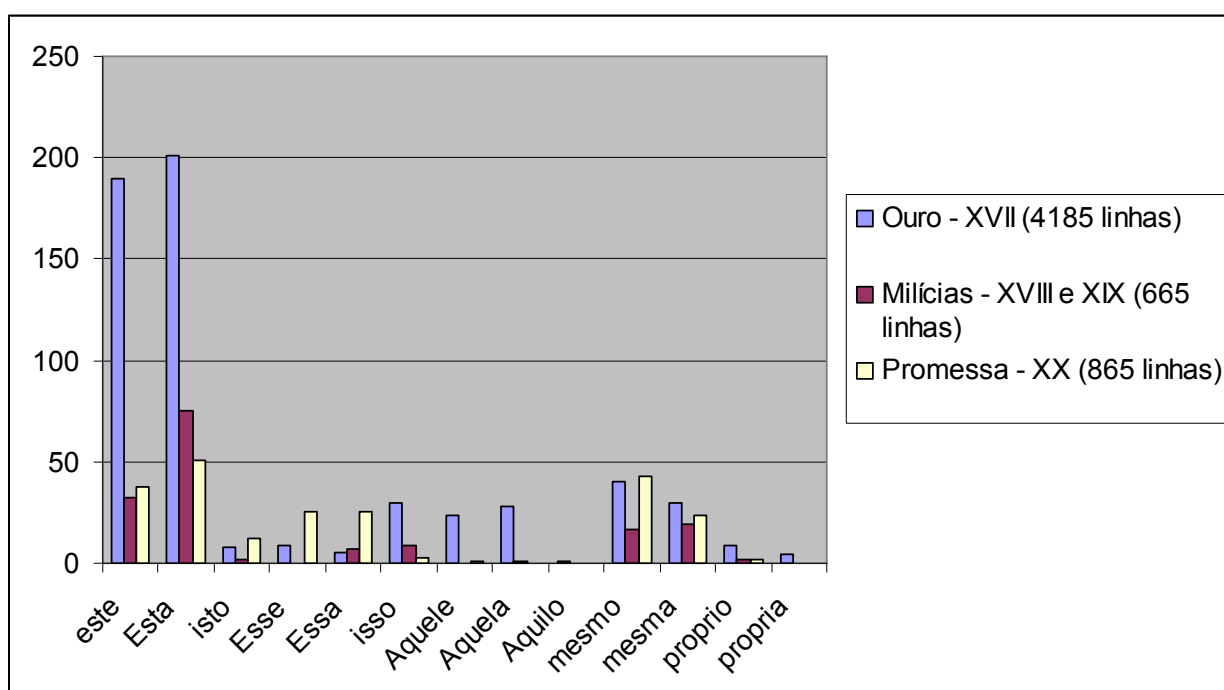


Gráfico 1 - Ocorrências de pronomes demonstrativos nos três *corpora*

16 COMPARATIVOS DOS DEMONSTRATIVOS

“Reminiscencias de Santos” de João Luis Promessa
 Demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos

	Substantivo	Adjetivo
Este	8	30
Esta	2	49
Isto	12	0
Esse	0	25
Essa	1	24
Isso	3	0
Aquele	0	1
Aquela	0	0
Aquilo	0	0
mesma	7	17

QUADRO 11 - Comparativo demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos
 “Reminiscencias de Santos”

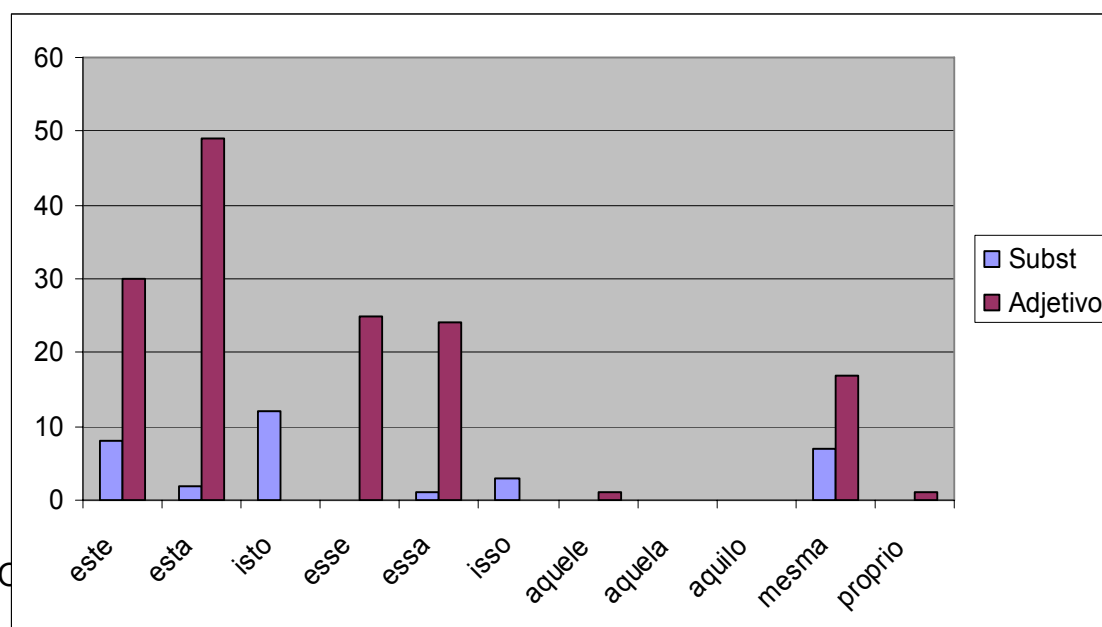


Gráfico 2 - Comparativo entre demonstrativos adjetivos e demonstrativos substantivos
 “Reminiscencias de Santos”

Ocorrências no *corpus* Milícias

Demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos

	Substantivo	Adjetivo
Este	6	26
Esta	19	56
Isto	2	0
Esse	0	0
Essa	0	7
Isso	9	0
Aquela	0	1
Mesma	4	15
proprio	0	2

QUADRO 12 - Comparativo demonstrativos substantivos e demonstrativos adjetivos
Corpus Milícias

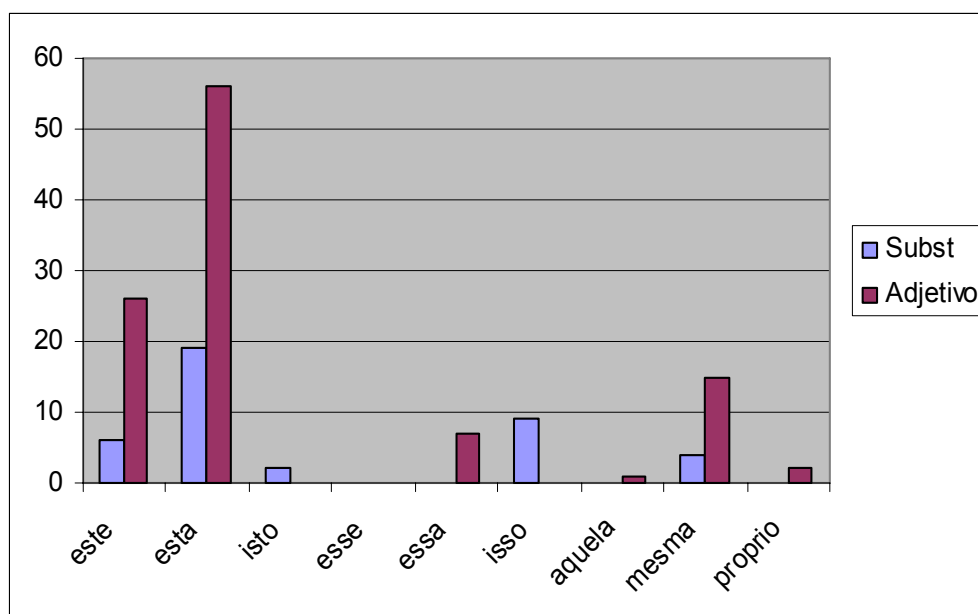
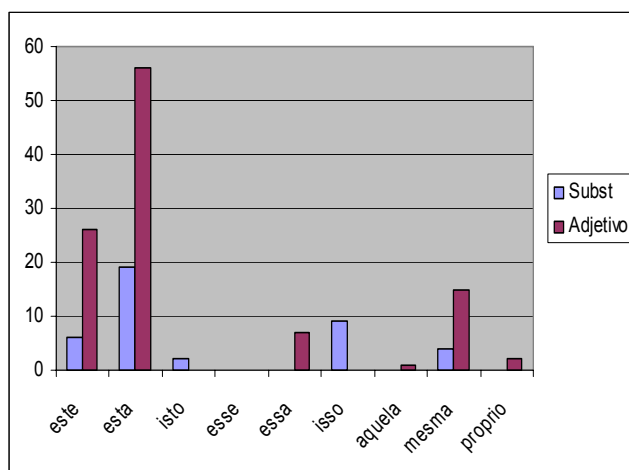


Gráfico 3 - Comparativo entre demonstrativos adjetivos e demonstrativos substantivos
Corpus Milícias

Gráfico comparativo das ocorrências dos pronomes demonstrativos em posição substantiva e posição adjetiva, em dois dos *corpora* selecionados:

Milícias



Promessa

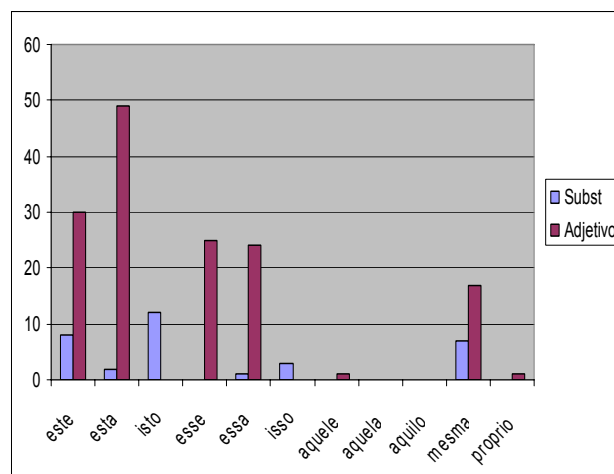


Gráfico 4 – Gráficos 3 e 4, dispostos lado a lado, em ordem cronológica

4- Considerações finais:

Este estudo levou às seguintes reflexões:

O uso dos demonstrativos em “st” para referencial já mencionado (anáfora), nos textos analisados, é muito maior que o uso de “ss”, mas, mesmo em menor número, ele aparece com as mesmas funções dos pronomes em “st”, como na frase “não receio em concluir que essa ultima data se refere a conclusão do convento...”. Isso mostra que tanto “st” é usado anaforicamente, quanto o “ss”, mostrando um possível caminho de análise a ser confirmada que é a teoria da neutralização dos demonstrativos em “st” e “ss” para uso anafórico. É importante ressaltar, pelos estudos até este momento, que essa neutralização não interfere diretamente na competência metagenérica¹ dos leitores dos textos analisados.

Mattos e Silva (2004, p.144 e 145) enumera uma série de conseqüências provenientes; a) da expansão de “você” e do “a gente” como pronomes pessoais e b) da redução do uso do “tu” e do “vós”. Essas conseqüências que são: 1) a redução no paradigma flexional número-pessoa do verbo; 2) a ambigüidade para o uso do possessivo “seu”; 3) a eliminação dos pronomes complementos clíticos, sobretudo os de terceira pessoa “o, a, os, as”; 4) o recente uso do pronome complemento clítico “lhe”, originalmente objeto indireto, como objeto direto por sua correlação com o pronome sujeito “você”; 5) a preferência nacional pelo uso da próclise, o fenômeno mais debatido e motivo de muitos estudos científicos, principalmente em início de orações, enquanto que o uso da ênclise, em posições de prescrição de uso da próclise, aumentou consideravelmente, como nas orações subordinadas e nas negativas, convém ressaltar que o texto do “Promessa”, possui inúmeros exemplos desse uso. Todos esses fenômenos lingüísticos reforçam a teoria da existência da neutralização dos demonstrativos

¹ Essa competência é utilizada, neste trabalho, sob os parâmetros de que para a compreensão dos textos mobilizou-se as três grandes redes de conhecimento: o lingüístico, o enciclopédico e o interacional.

“st” e “ss”, uma vez que eles já vinham se neutralizando desde a entrada dos mesmos no nosso sistema lingüístico.

Essa neutralização pode estar relacionada, também, à fragilidade do caráter dêitico desses pronomes desde que eles tiveram o enfraquecimento da relação com a categoria de pessoa gramatical o que pode ter provocado o atual uso indiscriminado desses pronomes e uma alteração no papel de cada um. Nota-se, ainda, que a oposição entre os uso de “este” com relação a “esse”, e estes dois em oposição a aquele, sistema ternário no uso dos demonstrativos vem se perdendo. “Este e “esse” estando cada vez mais neutralizados encontraram oposição apenas com relação a aquele, o que pode configurar uma mudança de sistema de ternário para binário.

Há, também, um abundante uso dos demonstrativos em “ss” para representar um tempo remoto, com um uso menos freqüente do demonstrativo “aquele”. Este fato pode sugerir que em relação à Dêixis temporal “esse” e “aquele” tendem a se neutralizar, enquanto que “este” faz uma oposição clara a esses dois demonstrativos. O que já não ocorre em relação a Dêixis espacial, situação em que “este” ou “esse” não substituem, de maneira alguma o uso de “aquele” para o que está longe do locutor ou do receptor.

Os estudos, até este momento sugerem que os demonstrativos mantêm seu valor localizador das pessoas dentro do discurso, normalmente, quando se encontram em posição adjetiva, mas, em posição substantiva, eles perdem essa característica, momento em que a neutralização é mais evidente.

Percebe-se, nos textos analisados, que os demonstrativos em “ss” foram tendo seu uso mais acentuado com o tempo, o que corrobora com os estudos de Castilho (2002), mas os pronomes em “st” não desaparecem como sugeriu Mattoso Câmara Jr. Essa hipótese requer mais estudo, pois é clara a ocorrência, em muito maior número, dos demonstrativos em “st” nos textos mais antigos, do que nos textos mais recentes. Neste sentido, há três reflexões, que se pode fazer a esse respeito:

- Se, nos séculos passados, usava-se “st” tanto para referencial já mencionado como para referencial a ser mencionado, as atuais prescrições para esse uso, contidas e reproduzidas em todas as gramáticas prescritivas contemporâneas, tiveram sua origem em que século?
- Qual teria sido o maior motivador para o surgimento do sistema confuso que rege os pronomes demonstrativos, atualmente, uma ação conservadora ou uma ação de caráter inovador?
- Pode-se aplicar, ao uso desses demonstrativos, a “Lei de Gresham”², em que num universo em que dois termos possuem o mesmo valor, a tendência é a do desaparecimento de um deles. E para esse desaparecimento o aspecto fonológico pode ter alguma influência, pois é mais fácil a pronúncia de “ss”, em oposição a “st”, princípio da economia.

Outra possibilidade de análise com relação à neutralização dos demonstrativos “este-esse” ser de data muito remota é a possível hipótese de que o uso dos demonstrativos não acontece no campo do inconsciente³ deixando um registro de uso herdado do convívio social, ou seja, o uso dos demonstrativos deve ser estudado na escola e sua aprendizagem é lenta e precisa ser constantemente reforçada para sua fixação. A criança pequena, em idade de aquisição da linguagem, não percebe diferenças no uso deste ou daquele demonstrativo.

Estas reflexões são um primeiro estudo que, longe de serem definitivas ou exaustivas, requerem um aprofundamento mais apurado. Por enquanto, são apenas indicações de estudo que podem configurar numa rica e produtiva trilha a ser percorrida no campo das reflexões filológicas e linguísticas.

² A Lei de Gresham afirma que a má moeda tende a expulsar do mercado a boa moeda.

³ Na Psicologia, há uma vertente (a analítica criada por Carl Gustav Jung) que afirma que todos os seres humanos possuem um *inconsciente coletivo*, que seria uma camada mais profunda da psique humana e constituída por materiais que foram herdados da humanidade.

17 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT – NBR 12225, NBR 14724, NBR 6023

ALI, M. Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica/Melhoramentos, 1971.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

ALONSO JUNIOR, Clóvis Luiz. **Reflexões sobre o pronome relativo e a oração “adjetiva” em latim e português**. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH, USP. São Paulo, 2001.

ANDRADE, Antonio. **Demonstrativos e anafóricos em latim**. Universidade de Aveiro, 2001.

AZEREDO, José Carlos de. **A palavra e suas classes**. In: Idioma, 21, Centro Filológico Clóvis Monteiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Disponível em: www.uerj.br/~institutodeletras/idioma. Acesso em: maio 2008.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. 3.ed. São Paulo: Parábola, 2002.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Contribuição para um reestudo dos pronomes**. In: BASTOS, Neusa Barbosa de (Org.) Língua portuguesa - história, perspectiva, ensino. São Paulo: Educ-Puc, 1998.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 1988.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. 2. ed. São Paulo – SP: Martins Fontes, 2001.

BUENO, Francisco da Silveira. **A formação histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

CALÇADA, Guiomar Fanganiello. **O valor intensivo dos demonstrativos na farsa de Gil Vicente**. In. ANAIS do XVIII GEL, Lorena, 1989.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CAMBRAIA, César Nardelli. “**Subsídios para uma proposta de Normas de Edição de Textos Antigos para Estudo Lingüísticos**”. In: I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa, Humanitas/FFLCH/USP. São Paulo, 1999.

CARVALHO, José Herculano. **Teoria da linguagem**. Tomo I. Coimbra: Atlântida Editora, 1967.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Os mostrativos no português falado**. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.) **Gramática do português falado**. Campinas/São Paulo: Unicamp/Fapesp, v. 3, 2002.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1974.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

DE BIASI, Ana Maria Chamiso Silva. **Valongo arte e devoção**. Santos: A Tribuna, 1995.

FREITAS, Regina Célia Pereira Werneck de. **O léxico gramatical e sua semântica na gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira**. UFRJ.

FONSECA, Fernanda Irene. **Deixis, tempo e narração**. Porto - Portugal: Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 1992.

GUIMARÃES, Elisa. **Função dos dêiticos na organização textual/discursiva**. In: Língua portuguesa: reflexões lusófonas, org. Neusa Barbosa Bastos – São Paulo: EDUC, 2006

LYONS, John. **Semantique Linguistique**. Paris: Larouse Université, 1980

LUCHESE, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**. Lisboa: Colibri, 1998.

MAIA, Clarinda de Azevedo. **Periodização na história da língua portuguesa: status quaestiones e perspectivas de investigação futura**. In: GÄRTER, Eberhard e outros (Org.). Estudos de história da língua portuguesa, Frankfurt am Main: TFM, 1999.

MARTINS, Ana Cristina Sousa. **O lugar da DÉIXIS na descrição da língua**. 2000. Disponível em: http://www.ipv.pt/forumedia/f2_idei7.htm. Acesso em: fev. 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **O português arcaico - Morfologia e sintaxe**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Silvio de Almeida (Org.). **Por minha letra e sinal: documentos do ouro do Século XVII**. São Paulo: Ateliê, 2006.

MIRA MATEUS, Maria Helena et AL., **Gramática da língua portuguesa**. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1989.

MULLER, Ana Lúcia. **Pronomes e anáfora** - o estado da arte. Revista Linha D'Água, n.16, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora /UNESP, 2000.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. 9. ed. Lisboa: Clássica, 1989.

PAIVA, Dulce de Faria. **História da língua portuguesa II**. Século XV e meados do século XVI. São Paulo: Ática, 1988.

PAIVA RAPOSO, Eduardo. **Algumas observações sobre a noção de "língua portuguesa"**. In: Boletim de Filologia, n.29. Lisboa, 1984.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

PIRES, Regina Helena. **Um estudo contrastivo da língua portuguesa: Brasil/Portugal - Para um modelo semântico**. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH, USP. São Paulo, 1993.

REZENDE, Antônio Martinez de. **Latina Essentia** - preparação ao latim, 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. **Os demonstrativos em português: descrição morfológica sincrônica e superficial**. Estudos Lingüísticos. (1978, p. 64-66).

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

ROCHA, Marco. **Relações anafóricas no português falado: uma abordagem baseada em Corpus**, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática** - teoria e prática. 26. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2001.

SILVA, Sílvia Santos da. **Demonstrativos, dêiticos e anafóricos**: duas sincronias em confronto (séculos XV e XVI). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2000.

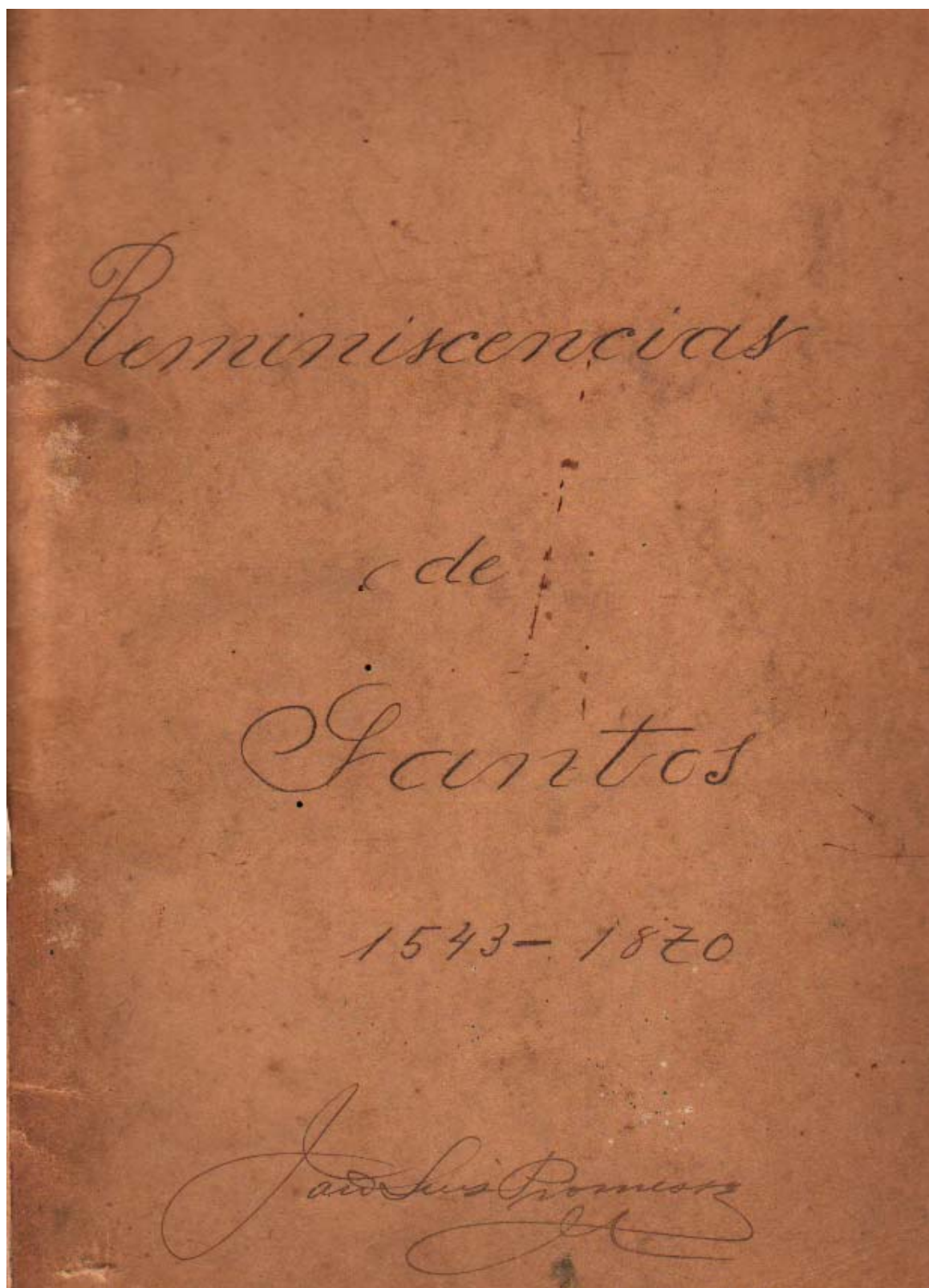
SILVEIRA, Cláudia Damião L. de A. (2004). **Edição de Textos Relativos à Defesa, Segurança e Fiscalização Portuária da Baixada Santista no Período Final do Século XVIII e Início do Século XIX**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

SOUSA, Ana Rita. **Deíxis**, 2007. Disponível em:
<http://www.gxnu.edu.cn/Personal/szlin/deixis.html>. Acesso em: fev. 2008.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro método de estudar**. ed. Org. por António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa, (a 1.^a é de 1746), 1949.

VIANA, A. R. Gonçalves. **Ortografia Nacional**: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Lisboa: Viúva Tavares Cardoso, 1904.

19 ANEXO 1 – IMAGENS DO MANUSCRITO



Reminiscencias
de
Santos

1543 — 1870

por

José Luis Promesa

Sentença (Causa 1393,84)

Li o trabalho "Reminiscências de
 "autores" de auctoria do Sr. João Luis
 Promessa, cumprindo-me declarar que,
 salvo melhor juizo, nada ha nessa obra
 contra a fé catholica ou contra os bons
 costumes. Não tratamos o auctor de
 alguns pontos que attingem a historia
 eclesiastica e nem se fará mister
 censura previa dos livros de que trata
 Tit. XXI, Cap. 7. do Direito Canonico.
 Nihil obstat.

Causa, 24 de Janeiro de 1930

Padre Brito Franco

(Censor ad hoc)

Com approvaçoes Lubeciactua.
Lentes, 29-1: 30
2.º José Maria, Bispo de Leão

5

" A Villa de Santo he
uma das quatro prin
cipaes da Capitania
de São Paulo, e dista
de São Paulo 12 legoas.
Prova a Maxima Affon
so de Paixão de marta
arbo gente que em
seguirava de Portugal"
Luzes de Santa Maria no Pau
taua Mariae, Tomo 8, Livro 21, Tit. 19,
pag. 112

Se a tempo e o grande
fator da destruição do passado
e a malandragem do que se cha
ma progresso completa a obra
destruidora do tempo, uma razão
sábia não se deita: tudo o
que fica escrito!

Este é o motivo do pu
blico trabalho para que os don
os factos citados não consigam
apagar o nobre nome
ainda e sempre glorioso do
grande e hospitaleiro Santo,
para o que officiu ad' Feminis
evicas de Santo

g
m
g

Ilha dos Castros
 situada na parte Sul do
 Rio São Francisco do Maranhão
 em 1.543, em latitude aus. 1.543
 tral de $23^{\circ} 36' 15''$ e longi-
 tude de $331^{\circ} 39' 30''$ da Ilha
 do Para, fica distante da ca-
 pitãl de 2 leguas.
 Em suas barras: uma
 denominada Barro Grande, por
 onde entram os rios de gran-
 de volume; e outra da Pedra
 que da entrada sempre
 apeguara as barragens.
 O lugar em que está si-
 tuada é baixo e humido. Foi
 tanto de Santos, até a formação
 do Estado, que lhe foram
 anexada por Lei de 1.º de Março
 de 1841, e que communicou se-
 sua terra para o Estado do Para,
 e por isso pelo rio os mesmos
 nome, que traz as pedras originas
 da face maritima da Ilha
 Parapiacaba.
 O rio dos pedros de ca-
 ma, que corre através do Para,
 e por esta se despende, for-
 mando varios caudalhos,
 é o tributario mais septentrional,
 a sua direccão mais geral,
 depois que desbarca da

Serviu i' a O. E. e Lanza se
 na saturday de Noite do lo
 gium de Santos, por quatro
 bocas com o nome de Furo.
 O rio Sabon e' m' m' m' m'
 m' m' m' m' m' m' m' m' m'
 m' m' m' m' m' m' m' m' m'
 m' m' m' m' m' m' m' m' m'
 m' m' m' m' m' m' m' m' m'
 m' m' m' m' m' m' m' m' m'

Existe tambem o Rio
 Sabon de Sabon, que e' um pe
 gueno estero que communica
 os municipios de Conceicao
 de Itapuaçu e São Vicente com
 o de Santos, e por elle são trans
 portados os productos agricolas
 do valle, principia para o mu
 nicipio de Santos, e de lá m' m' m'
 m' m' m' m' m' m' m' m' m'
 m' m' m' m' m' m' m' m' m'
 m' m' m' m' m' m' m' m' m'
 m' m' m' m' m' m' m' m' m'

Coadeira

Até no logar onde hoje e' a Praça
 da Republica.
 Até Martes
 1870 no logar onde hoje e' a Praça
 Tuller.

do seu "Silva"
 Era então o principal
 ponto da Província por onde se
 exportavam os maiores bens
 do seu produto, e que se
 admirava por se pelo progresso
 e futuro de se pelo seu desenvolvimento e
 prosperidade.

Foi na cidade de
 Santos que nasceu em algum
 Brasil o illustre e nobre
 como se viu. Foi o grande
 tholomeu de se em se, e se
 irmos, e se de se, e se
 de se de se e se de se.

São os seus pontos de
 seu o primeiro e se de se
 que se de se de se de se
 quim, e se de se de se
 America.

Foi Martin Affonso de
 Souza o primeiro donatario de
 Capitania de se de se.

Passou a cidade de
 Santos no seguinte tempo
 de se de se de se de se.

padroaria de se de se de se
 de se de se de se de se.

Parais de se de se de se
 com a mesma igreja, e que
 ainda existe, reformada quasi
 completamente.

Jesus Maria José
 Igreja da família como o no
 me...
Capellas
 N. S. do Monte Serrate,
 Ordem de S. Francisco, e S. Antonio,
 que ainda e' a mesma,
 Igreja,
 S. Francisco de Paula, da
 S. Francisco de Paula,
 S. Francisco de Paula,
 com o lauro e nobreza
 da Ordem de S. Francisco
 da Penitencia, que
 ainda existe, e
Conventos
 N. S. do Carmo
 Santo Antonio, que
 hoje existe somente
 a igreja, pois o resto
 convento foi demolli-
 do em 1800.
 S. Francisco de Paula
 as capellas de S. Antonio
 da Fortaleza da Barra, S. J. do
 Baptista na Curitiba, N. S. da Piedade,
 no S. J. dos Reis, antigos conventos
 da familia Aguiar de Menezes.
 Sobre os conventos, igre-
 jas e capellas, adigute, em o
 sumo procurari historica o
 um labe dos doo que con-
 qui, alguns d'elles mention e

outros em nome publico e pro
 noma em 1870, e tambem fusao
 de freguesias, sendo que a
 gerencia do Concelho de Santo Amaro
 no e Ordem da Cruz da Penitencia
 e a ser a sua patria em virtude
 de ter na sua villa archiepiscopio
 veneravel. Oella freguesia de Penitencia
 reorganizada e a seguir a seguinte
 lista de freguesias

Annuncio de freguesias
 da diocese de Santos
 em 6 de Junho de 1868.
 Decreto n.º 4.124 de 28 de
 Junho de 1868, Art. 2.º
 3.º 2.º

Do rio de Saldador, caudaloso,
 pelo do Saldador a ponta do
 mouro de Parha, Galdeano e o
 mouro de uma extremidade a
 outra até o mar, ficando
 equiparadas a Martim de São
 Paulo, Santa Casa de Misericordia,
 chácara de D. Angelina Martim
 Rodriguez e estabelecimento de
 cortices de Henrique Perhat.
 Ficam designados os tenentes
 Manoel Cardozo Annuncio
 Gaspar Albuquerque, Major Francisco
 Martins de Santos e Capitão
 Antonio Martim Perhat. Devem
 ser este ultimo designado.

Portes austrais

Quarta Mandagu - Keranica - Ste
Ignacia - 1870

Becco de Assomel - Antares - Lubris
Rodrigues

Onze de Junho - Jan Antonio -
Mendes - Gabiza

Praia - Alixayda - Jernun - de - Lhas
Consulador - Merra - Provincial - em

Capeta - Co. Budick - Ho^a

Gal - Souza - Luvira - & - Vinguino

Estrada de Terra - (entre muros) - Lha
Estrada de Terra de
Santos

Praia - Lha - Lha - Lha - Lha
Repromissao - Ponta

Exame este os pontos que se
viam ate o acum de 1870 para
subargu e desembarque de mo
cudoria em toda a extensao da
praia. Mentos desse trapixes em
du cantinas ate do inicio das
obras do porto grande a effeito
para Campanha de Pesca de Santos.

Umto em vista de
su assumpto e extraordinario local
dizei eu rapidas e breves alga
mas palavras sobre alguns pontos
illustres filhos de Santos para
depris extemar me mais que

de sua referenda Sr. Teodoro e ca-
 pellas e episcopos da antiguidade
 Registris aqui apparez alome-
 nor data sobre seu filho illustre,
 pois a biographia de cada um
 d'elles certamente ja existia e se-
 ria superfluo reproduzila aqui
 José Pompeo de Andrade e Silva
 nasceu em Santos em 13 de Junho de 1763.
 Por engano alguns biographos da-
 ro seu nascimento em 13 de Junho
 de 1765, por esse motivo se appare-
 a certidão de baptismo que attesta
 a verdade da primeira data:

"No acto do baptismo ce-
 lebrado em 18 de Junho
 de 1763, pelo Nepomuceno João
de Souza Marcia de
Silva, recebeu o no-
 me de José Antonio,
 por esse motivo tarde
 substituiu por Pompeo
Jacis."

Falleceu em São Fernando, no Rio de
 Janeiro, aos 6 de Abril de 1838, e seu
 do seu corpo exalssamado, por
 disposição testamentaria, foi traes-
 portado para o convento do Carmo,
 em Santos, sua terra natal
 onde descansou
Martim Francisco Ribeiro de Andrade
 nasceu em Santos em 1775, sendo
 baptisado em 27 de Junho do

Thomaz Feliciano em Santos, em
 23 de Fevereiro de 1844.
 Antonio Carlos Ribeiro de Almeida
 Machado de Silva. Nascido em Santos
 em 1.º de novembro de 1773, e falleceu
 em 5 de Setembro de 1845.
 José Feliciano Fernandes Pinheiro (Vis
 conde de São Leopoldo). Nascido em
 Santos em 9 de Maio de 1774, e falle-
 ceu em 6 de Junho de 1847, em es-
 tado de Porto Alegre.
 Padre Bartholomeu Bueno de Jesus
 (Bueno). Natural de Santos, falle-
 ceu em 19 de novembro de 1724, em
 sua casa de Misericórdia de
 São João. Inventor dos balões aereos taticos, e
 obtendo o privilegio por alvará
 de 19 de abril de 1709, fez a primei-
 ra demonstração de sua machina
 em Santos ao Sr. de Aguiar do mes-
 mo anno, na presença de El
 Rei e fidalgos no Pátio da Casa
 da Justiça.
 Alexandre de Gusmão. Nascido
 em Santos em 1695, em casa de
 mãe do Padre Bartholomeu de
 Jesus, curou com elle as au-
 las das sciencias que se davam
 pelas noites, bem residou e se
 casou na Colônia, e estabeleceu
 das segredarias que se acham
 em Santos e Companhia, e

qual se chama de ex. subro. dos
 livros de Santo Thomaz de 1640,
 servico de hospitalidade do ex. subro.
 e ainda que no Alvará de que se
 trata do mo. lugar em que se edificou
 edificou na Recreio da de Pen
 das do Estado.

Não obstante os grandes
 servicos que prestou em nome
 por espas de 7 annos, na di
 plomacia, e a que se chama "di
 dentum" de El Rei D. João V
 comtudo este Rei, tobo tempo, nos
 comtudo, que elle se comtudo
 a dignidade de Principe do
 Brazil, e he offerecido ao
 Papa Benedicto X^{VI}, e nos obs
 tante continuou a servir
 com a mesma zelosidade.

Em Alexandre de Gusmão
 que se levantou El Rei, e a sua
 e a dos Bispos de São Paulo,
 São e Minas.

Em 1756, depois da
 morte de D. João V, em que de
 egio da graça do novo Rei
 D. José I^o, e a sua tristemente, e a
 seu nome, uma dozeira de
 Paz e Montes, e a sua dozeira
 thro que os perdes em um
 incendio que lhe levou em
 1751, e a sua e a sua que
 possuia, e a sua pouco.

Não obstante a estes
 supostos de se quando que
 intensamente passasse a
 Lisboa, successivamente a 3 de
 Dezembro de 1723, que Santos de
 Serra Lisboa e foi se pella
 igreja dos Remedios da
 Carmelita de Lisboa.

Igreja Matris

Ato o anno de 1709, quan-
 do se fez a solidão a velha igreja
 parouca de 366 annos. No in-
 eio em 1543 por São Vicente en-
 tica da Capitania, e em pou-
 cas se moveo as Santos em
 frequencia de S. Vicente e coinci-
 dendo a frequentar este ponto
 e tempo se fez bastante a igreja ¹⁵⁴³
 de elle seira Magitudo e faul-
 duar para se fazer uma igreja
 com o titulo de Misericordia em
 a qual assistia um capellão
 sujeito ao Vigario de São Vicente,
 de licença do qual baptisam
 e administrava o S. Sacramento,
 e era o dito capellão tempo da
 Capella antiga e nella governa-
 do pelo Frade da Misericordia,
 mais durado com elle o
 dito Frade da Misericordia

Sobre a Igreja, recuperam a Sua
 Mãe de quem diz o seu que a di-
 ta Igreja tem sido de Mãe e
 que os Erasmos da Misericórdia
 e da Graça e fizeram outra
 Igreja da Misericórdia que com
 objecto comum executaram e fa-
 zem a Igreja da Misericórdia,
 traçando para ella os orna-
 mentos e alfaias que lhes pe-
 tencia, e que mandam au-
 tizar sobre igreja e assim
 ficarem divididos uma da
 outra. Este foi o principio
 que tirou a igreja Mãe e
 os Erasmos da Misericórdia.

Tinha a Igreja Mãe sete
 altares e gachas.

Altar Mãe - Invocação de N. S. do
 Rosário dos Brancos.

Altar de S. Miguel - Do lado do Evangelho,
 sempre também das
 Almas.

Confissões e Fernandades

S. Miguel, Almas, e em confissão
 com a obrigação
 de dizerem de mis-
 sura a cada dos
 irmãos que falle-
 cião.

N. S. da Piedade - Do lado do Epistola,
 sem confissão

nel a sua igreja e compo da
 militares da Praça
 e a obrigação de
 se dizerem eimar
 missas pelo annuo
 de cada um dos fal-
 lecidos, e alem desta
 obrigação tambem
 tinham obrigação de
 dizer uma missa
 semanal todas as
 sextas feiras pelo re-
 gimento de deputados,
 assim tambem que
 o Altar das Almas
 de cima referido, ou
 para melhor dizer,
 a dita mandada no
 no Altar das Almas
 tinha a obrigação
 de mandar dizer to-
 das as segundas
 feiras com provisor
 pelo adro da igreja,
 pelas Almas.

Existia ainda alem deste altar
 lateral no corpo da Igreja,
 na parte do Evangelho, a quella
 do S. Sacramento. Altar onde
 estava o sacra-
 rio da dita i-
 greja. Tinha
 comprimeira com

e os promissos e a obrigação de
 mandarem dizer quarenta missas
 a cada missa que fadarem, e
 além desta obrigação, terão mais
 uma missa semanal que
 se diga na capella dos
 mais viros e deficientes, todas as
 quintas-feiras.

Em frente a referida
 capella na parte da Epistola,
 estava o altar da Comenda
 de S. S. do Paraiso, dos pretos
 e no retábulo do dito altar
 também estava a Senhora do
 Terço. Tinha jurisdicção dos pre-
 tos, seu camponesio; serviam
 a missa e outra Senhora, com a
 obrigação de mandarem dizer
 todos os domingos uma missa
 pelas almas viros e deficientes da
 mesma paróquia.

Abaixo do altar do Terço
 estava a capella de S. S. do
 Amparo; serviam também a
 mandado dos mesmos pretos,
 seu camponesio com a obriga-
 ção de mandarem dizer uma
 missa semanal, todas as
 sextas-feiras, o que se suspende
 por causa de se dar a terra e
 aumento da comenda, para
 maior da capella de frente
 do qual estava o altar de

Aho m...
 P...
 b...
 M...
 s...

P...
 de...
 m...
 de 1754...
 N...
 P...

O...
 J...
 t...
 q...
 P...
 m...
 M...
 e...
 p...
 n...
 b...
 p...
 s...
 p...
 J...
 e...
 de 1754...
 P...
 P...

mrento sobre a fundação de
 V. g. M. Matris, v. g. a. d. d. d.
 mrento mais antigo, v. g. t. t. t.
 mrento de Pedro Luis de S. Paulo
 em Santos, aos 17 de Setembro
 de 1628, e conta ter sido a
 primeira Casa de Misericórdia
 desta cidade de Matris, onde
 se enterra Braz Cutas, tendo
 a sua sepultura o seguinte
 epitapho:

" J. de Braz Cutas, camlei-
 ro titular da Casa
 d'El Rei. Teve oves-
 ta Villa sem o Capito,
 e Casa de Misericórdia
 no anno de 1548, e
 entrou a ser metao
 em 60, fez fortaleza
 por mandado de El
 Rei S. João III. Falleceu
 no anno de 1592."

O documento de doação de terras
 fundadas em terra, no or. v. hist.
 rias da Villa Matris, que de ap.
 parem em 1709, e por esse resumo
 se vê a origem que tiveram muitos
 immundaes, e companhias, assign-
 como a origem da Santa Casa
 de Misericórdia de Santos, e de
 nota, como adiante se verá, que nem
 todas as immundaes mencionadas
 tiveram fundação nos primeiros

tempo do Padre Dom Amador
 padre della applicada a par
 anno de 1700 em mesma
 e gregos e osso eante do Livro
 da Parochia que foy a litta em
 17 de Junho de 1746. A litta foy tucida
 edificada no lugar Villa de S. Antonio.

Passamos agora a par
 na Capella do Nome de Deus
 do Montserrat

S. Joao Montserrat

Dequella applicada a par
 colligida no mesmo anno de
 Janeiro a cidade de S. Paulo
 no Montserrat de S. Paulo e pata
 nada seguiu como a par
 a par applicada a par de
 modo de foy e par interna
 dig da litta de S. Paulo de
 1602. Montserrat foi pata de
 par S. Paulo. Foy de publi
 cado no foy de S. Paulo.

A Capella de S. Joao de Monte
 S. Paulo foy a par de S. Paulo
 de S. Paulo ainda em Villa de
 S. Paulo de S. Paulo que par
 dou tomou o nome de
 S. Joao de S. Paulo de
 S. Paulo de S. Paulo de S. Paulo

Diapara da Paula...
 com a...
 cu de...
 rep...
 part...
 ella...
 no...
 proi, antes era...
 a...
 fu'...
 Dites, p...
 que se dign...
 exp...
 ann...
 le...
 de...
 tom...
 e...
 L...
 de...
 equi...
 cap...
 de...
 de...
 go...
 go...
 que...
 me...
 mo...
 con...
 cu...
 g...
 L...
 19 de...

Comenda de que faz parte
 com nos ter produzido,
 primeiro que seja
 ministrada pelo padre
 de S. Paulo, no tempo
 da vigia de S. Paulo a isso
 subscrito. Por de Janeiro
 quinze de abril de mil
 seiscentos e cinquenta e
 seis.

A Posse

1655
 "A 27 de abril de 1655 o Re-
 verendo Padre Vigário Capelão
 da Paróquia Ecclesiastica, Fernão
 Rodrigues Bandeira, Vigário
 da Matriz de S. Paulo, deu pro-
 se a favor da Comenda de Nossa
 Senhora do Monte S. Paulo, seu arce-
 bispo Provincial da Bahia
 do Patriarcado de S. Paulo, e cetera
 Comenda situada no Outeiro
 da Vigia da Villa de S. Paulo,
 desmembrando a da Matriz
 e unindo a da Matriz de
 S. Paulo sob a invocação de
 Nossa Senhora do Outeiro.
 Foram testemunhas Frei Pau-
 lo da Victoria, Grego Lopes,
 Frei Agostinho de Jesus, Antõ-
 nio Gonçalves, e outros.

do Imperio Ecclesiastico Anno Rodu
 gues Sepultas, pro quem se a
 etiam in unum v. g. de p. m. H
 etiam de dita Convento Garau
 entregas em seguida pelo di
 to Provincial da Antares Janal
 des. que ficau sendo "Comitad
 do Comida"

Mosteiro de São Bento

O lugar onde está fundado
 do este Mosteiro, em 1650
 do seu scriptum publico do
 anno de 1650 por Bartholomaeu
 Fernandes Moura, sua mulher
 Izabel Barbara, seu filho Ant.
 mo Fernandes Moura e seu 1650
 mulher Maria Gabello.

Antes do edificio do Mosteiro,
 foi edificada no lugar um
 capella de Nossa Senhora do Ros
 touro, depois de se fundar para a
 edificacao do Mosteiro em 1755.

Nesta capella foi abrigado
 o Padre Regador Frei Manuel
 de Santa Maria, Custodio da
 Provincia Franciscana em Por
 tugal que veio fundar a
 Provincia Franciscana no
 Sul do Brasil, que adiante
 se vae ler quemos deveser

de historia do convento de Santo
 Antonio. Esta capella foi em-
 tua em 1637, muito antes
 da data da doação aos Mon-
 jos Benedictinos, como se deus
 do seu nome do Convento de
 Santo Antonio em 1634-1640, da
 fazem que foi Marcos de
 Santa Maria esta a Hospida-
 da "na capella do Destino. Pa-
 ra o momento que os monges
 Benedictinos se recardiam na
 sua capella, porque não se pode
 officiar com segurança pelo fa-
 cto de se logar ter sido deus
 morto em 1658.

O actual Mosteiro de São
 Paulo conta ter sido edificado
 no anno de 1758, e sendo ainda
 deus o mesmo deus a sua
 edificação e momento. Foi Gaspar
 de Madalena de Deus, em sua historia
 da capitania de S. Paulo, que
 parte firme governo e cultura
 e entrada em religião no Brasil,
 e deus fundado na página
 27 deus a data de 1658, pelo o
 mosteiro de Santos, logo os monges
 residiam de facto na capella do Des-
 tino, antes de edificação do ac-
 tual Mosteiro. Neste mesmo
 mosteiro esta sepultura o referido
 Frei Gaspar de Madalena de Deus, o

a melhor historia que
 se encontra, e certamente
 a mais verdadeira que se
 encontra.

Jesus Maria José

A capella de Jesus Maria José,
 situada localidade em Santa, ao su-
 dor, a chamada "Ponte de Piopi", mu-
 lher, e a do Piopi, corresponden-
 te ao povo de Piopi, e os curatidos
 M. de S. do Povo.

Foi edificada nos primeiros
 tempos da fundação de Santa, como
 vemos na historia do velho Matos
 que se refere a mesma capella em
 iguiza. Era sua proprietaria D.
 Anna Teferina, filha de Caralhos.

Pelas raras photographias que ain-
 da existem quando essa capella
 foi edificada em ruinas, para se co-
 mpor que teve seu tempo de gran-
 de decoreza a "Laguado Familiar", on-
 de certamente era muito com-
 eada pelos contemporaneos.

Tanto tambem nesse tempo
 se resumia em uma pequena
 area de grudeo que era capella
 e a sua situacao, quasi no
 centro da villa, com qua-
 si todas as iguizas e conventos
 alguns ainda existentes.

A Companhia de Jesus

Sei muito seguramente e
 esta Ordem que mais tra-
 bulhou no Brasil para a forma
 da sua missão nacional de
 São Paulo, e por isso todos os
 historiadores, e sobretudo, por de-
 mais, factor necessário na de-
 dução dos seus feitos de Santo
 Agostão de Loyola, torna-se
 algo difícil, dados seguros se-
 ão muitas, e por isso, e sobretudo,
 de diversos pontos da Ordem, e
 por isso, e sobretudo, e sobretudo,
 pouco muitos de antigos documentos.

Sei, e sobretudo, e sobretudo,
 parte local, e sobretudo, e sobretudo,
 e sobretudo, e sobretudo, e sobretudo,
 e sobretudo, e sobretudo, e sobretudo,
 e sobretudo, e sobretudo, e sobretudo,

Trinidade, e sobretudo, e sobretudo,
 e sobretudo, e sobretudo, e sobretudo,
 e sobretudo, e sobretudo, e sobretudo,
 e sobretudo, e sobretudo, e sobretudo,
 e sobretudo, e sobretudo, e sobretudo,

que as primeiras femi-
 tas praticam de São Paulo
 em 10 de Fevereiro de
 1549, e chegaram
 à Bahia em fins de
 março ou princípios
 de abril do mesmo
 anno, com nome

de Lourenço, que ao tempo
 eram seus governadores
 e o Padre Manoel da
 Nobrega... e mais
 adiante segue-se,
 em 1533!
 entranha-se sujeito a
 Província de Portugal
 e Nobrega no nome
 da Subordinação com
 o título de Vice-Província
 de...

Aqui nota-se uma confusão
 de datas: como em 1549 e de seguida
 a Bahia e em 1533, por consequente
 muito antes, e não governador, por
 Nobrega como Vice-Província? e sujeito
 a Província de Portugal? Foi
 certamente tratado de...
 a respeito e não podia ter sido
 outra a motivo. De mais na
 obra citada, página 367, que
 em 1553 Santo
 Inácio criou nova
 Província independente
 de... no Brasil.
 Foi o Sr. João Colégio de
 S. Vicente o primeiro fundador no
 Brasil em 1549, aqui nota-se
 entre confusão, por se chamar o
 mesmo antes em 1549 e chega
 ao nome de Bahia e logo após que
 o Colégio de S. Vicente foi fundado

dadas para a dita e se
 quior se ajs;
 " Depois de fundada
 a dita e adose a
 S. Sebastião, a dita
 de fundação se metteu
 a colligir em
 1547, extinguiu-se
 Pedro Fernandes
 de Alencar, Dito
 do Jure de Jure
 de Santos, o qual
 era de S. Vicente,
 e por ser terra
 muito pobre, e
 as Religioes muito
 escitadas, man-
 dou os pais o Rio
 de Janeiro, como
 dantes por um anno
 para quem sem
 Religioes tinha
 na Villa de Santos
 o qual ao depois
 foi colligido em
 S. Miguel -"
 Logo se teve concluido que o Col-
 legio de S. Miguel, em Santos, foi
 construido em 1653, por ter sido em
 1550 S. Nicolau edificadas em 1549
 e seguiu-se no Brasil, por, quan-
 do for extinto, de S. Vicente
 foi extinta a casa de Santos!

Collegio de S. Miguel

Esta es el Colegio de que no
 ocupamos una habitación a la que se
 refiere el Pape, estando en el lugar en que
 se proyecta edificarlo en la Calle de
 San Juan de los Rios. El fin de
 residenciar en ella desde el año de
 1640 e, pero que se le da el nombre de
 San Juan de los Rios con que se nombra
 el "Censo" de San Juan de los Rios
 de San Juan. Como sigue:

(4) pag.
367

"Pero como en 1611 se
 citaron se grandes con-
 tendas entre los jesuitas
 e portugueses moradores
 en esta Capitania, e de
 discordias originadas
 de la libertad de los indios
 que los Padres defendian,
 todos con sus exasivos
 viciaron produziendo se-
 guitas atentos:

Todas las Villas e Pueblos
 Camaracas constituiran
 procuradores que asis-
 tieran a un Congre-
 so celebrado en capi-
 tal de S. Vicente, para
 resolver expulsi-
 on de Padres de todas las
 Capitania.

A cidade de Paulo era
 então esse acendo em 18 de
 Junho de 1640, tendo feito
 o mesmo a de Santos. To-
 ram-se os feudos tudo de
 guerra de 18 annos e extermínio.

Depois destes aconteci-
 mentos, São Magenta de São Paulo
 em 1648 e 1649 andam nos
 que voltassem para seus col-
 legios, que foram a elles res-
 tituídos em 1653 anno, mo-
 ficando no momento em seus
 annos.

No Collegio de S. Miguel
 em Santos, estudou o grande de-
 plomado Alcaide de Juiz de
 fora, e o Padre Bartolomeu Sou-
 rinho de Juiz de fora. Este é a histo-
 ria dos feudos em Santos, onde
 tanto bons senhores sustentam a
 esta cidade, preparando seus
 filhos illustres que foram
 dignos de grande Patria do
 nosso Brasil.

A seguir passo a referir
 para me aos Carmelitas em San-
 tos, desde a sua origem na
 Capella de Nossa Senhora
 do Graço, que tem sua his-
 toria ligada as grades de
 Nossa Senhora do Carmo.

Capellania da Capella de
 N. S. da Graça
 Logradouro Lopo e Domingos (Piedade cap. Quarta de Coimbra)

Capellania da Capella de N. S. da Graça
 datada do anno 1589 e, por esta
 capella se permitta residencia
 dos Padres de N. S. do Carmo. Vija
 nos o decumuto historico.

Tendo Jose de Azevedo e sua
 mulher Catharina Monteiro fei
 to doação desta capella dos
 Religiosos do Carmo em 24 de
 abril de 1589, com assignação
 de quatro mil reis por annos nas
 festas do Nascimento, Purifica-
 ção, Annunciaçã e Assumpçã,
 e em cada quinta com suas
 vesperas no dia do Crago da
 Igreja, tomou posse della o
 Rev. m. Frei Pedro Vianna em
 1.º de setembro do mesmo anno,
 em presença do Administrador
 Bartholomeu Lima Pereira, estan-
 do presente Frei Lucas.

Respeito a doação
 da esta capella se encontra
 uma publicação do anno
 de 1870, que diz ter sido
 a mesma fundação em 1560
 sendo Vigario Communiario o
 mesmo Frei Pedro do Crago 3.º
 de N. S. do Carmo, e havendo

deo apparencia a primeira tras-
 lada de doação entregue
 a aquella communitaria, o
 Sr. Frei Valentin Pariza
 pstante a mesma Ordem,
 requireu segundo, que se lhe
 deu por tres annos e meio
 quando deo a saque a esta
 Villa, e rebato a primeira sen-
 do o novo traslado de doação
 confirmada por Frei Adorno
 na escriptura de 8 de Junho
 de 1603, quando se fez o Ju-
 ral da Capitania desta Ci-
 dadem, e esta Villa, Jorge Romi-
 guez.

Ja estava escripta esta li-
 nha quando um amigo o
 Sr. Affonso Matta me offer-
 tou um "Percorso", de Frei Mau-
 ricio Lous, superior do Convento de
 Carmo actual, pelo veigades da
 inauguração das reformas in-
 troduzidas no mesmo, em 31 de
 março de 1925, onde de primeira
 pagina 5, em que diz que Frei
 Pedro Vianna aportou a Santos
 em 1589; ate aqui e confesso. Logo
 o documento em que me baseo,
 da a fundação da capella
 em 1562, "Sendo Vigario Com-
 missario o mesmo Frei Pedro",
 rezamos que ha uma sequen-

na discordancia, mas pro-
 se que os suppor que tinham
 duas pessoas com o mesmo no-
 me, e a cidade seguiu de um
 das partes ou de outra, e se
 provir, segue e assim se resolve.

Foi Jaspas da Madru de
 D. João de S. João "Memoria para
 a historia da Capitania de
 Par. Viante fada, em pagina
 262, em um ataque de ingle-
 zes piratas em 1593 no lado
 de entro cubica da Capitania
 Par. Viante. E de suppor se
 que tiverem sido nesta mesma
 occasio e ataque feito a S. Paulo
 quanto ao fazam o documento
 original de doacao da capella
 de S. Jo. da foz de S. Paulo.

Quanto ao ponto que precisa
 fazer e de clareza se foy feito.

Foy visto como foi feita a
 doacao da capella de S. Jo. da foz
 de S. Paulo no "Diario" de S. Paulo
 novo Lano, foy entao, e em pagina 5,
 apparece Braz Luis de S. Paulo, do-
 nador do e haos em que se acha
 na a capella de S. Jo. da foz de S. Paulo
 constar de 44 + 107 braças etc.

Parce entao que haive
 doacao de cauda foy doada? Puz
 supor que nao. O que de certo
 haive foi doacao de terrenos foy

to a' cupella para os frades como
 trocisco. ~~Sei~~ ~~com~~ ~~virtu~~ ~~a~~ ~~de~~
 bo cupella. ~~Se~~ ~~peguem~~ ~~para~~ ~~a~~
 sua ~~utilidade~~.

¶ Quanto a outra parte
 onde se disse que Frei Valentim
 Bergo sequeiro seguiu traslado
 de d. roque, frade que devia ser
 do mesmo convento, no entanto
 na sua ~~transcriç~~ ~~o~~ ~~de~~ ~~laus~~, obra citada,
 diz pag. 5.º que era confessor
 e se foi feita a Frei Antõnio Cai
 rano, e que de facto, confessor, pois
 pelo facto era requerido, não que
 diga que por motivo de confissão,
 se foi feita a outro do mesmo
 Convento. ~~Carro~~.

Barrodo de Santos
 ¶ ~~Ex~~ ~~ta~~ ~~no~~ ~~de~~ ~~1602~~ ~~em~~ ~~1602~~ ~~em~~ ~~1602~~
 Exta no de 1602, ali se lê que
 não se a respeito do frade, ~~mentan~~
 ta, não se conseguiu um documento
 que declarasse exactamente a se
 pção esta do ~~de~~ ~~con~~ ~~vento~~.
 Recorri ao ~~de~~ ~~curso~~ ~~de~~ ~~1602~~ ~~de~~ ~~1602~~
 do Frei Manuel mas mesmo assign
 não encontrou um ~~de~~ ~~1602~~ ~~de~~ ~~1602~~
 elle no pagina 6.º. O comento t~~u~~
 em 1602 uma
 ext~~u~~ ~~o~~ ~~de~~

54 braças, que em
 a' Ordem
 a quantia de
 62400 e pelo
 espaço de 10 an-
 nos, os prazos
 ficaram rest-
 ar no capel-
 la da Graça
 mantendo
 a mesma
 prazaria em 2 de
 dezembro de 1599,
 e terceiro em que
 está o convento
 actual".

Como vemos na ha referencias eu-
 tas sobre sua edificação. Se este reli-
 riam do capella da Graça em 1599 pa-
 ra onde foram? primeira 1603 e
 que as 54 braças estavam a' Ordem
 62400 e, certamente nesse epocho
 não poderia estar concluido o Con-
 vento da era os mais o actual era
 muito tem na frente em cima da
 porta da Graça de data 1759!
 Não receio em concluir que
 essa ultima data se refere a con-
 clusão do convento ou a alguma
 grande reforma entre feita
 nesse epocho.

2.º de Pontificia de
 Benedicto XIII, Levamos
 a pedreira Duas da
 Ordem do Carmo
 Miguel das Aguias
 Loureiro e o Frades
 deite Ordem Manuel
 Jorge e o Ministro
 da Ordem de J.º
 Francisco da Penha
 Tenente J.º José
 da Silva e o Tenente
 de guerra Ordem
 Sebastião de Moraes
 ga.

No mesmo lugar prazeres tem
 um termo de herança da Capella
 em 8 de abril de 1766, pelo Visi-
 tação Frei Bento de Sant'Anna, Tenen-
 te do Rio da Ordem Antunes José
 de Carvalho, etc.

Agora mediante o que fu-
 me referido sobre a Ordem de
 do Carmo, para garantir que elle
 e' muito mais antiga do que
 a data da fundação da
 Capella. Isto porque?

No veloz archivo da Ordem
 de J.º de Francisco da Penha
 consta o registro de uma pre-
 catória que esta Ordem enviou
 a quella no anno de 1709, por
 consequente prova se tira a

e aze-luzes de que a Ordem
 Terceira do Carmo foi exortada
 a dar-lhe o valor de 1700
 e a dar-lhe o que a Ordem
 que encontra com a referida
 a esse valor de 1700

Santa Casa de Misericórdia
 fundada do Terceiro

A Fundação de Santa
 Casa de Misericórdia de Santos,
 a primeira fundada no Brasil,
 e pleto da Armada de Santos
 foi fundada por Braz Cubas
 no anno 1543 e confirmada
 em America por D. João
 III. de Avil de 1551
 concedendo-lhe todos os pri-
 vilégios e honras por seu rei
 João III. de Avil de 1551
 confirmando-lhe todos os pri-
 vilégios e honras por seu rei
 João III. de Avil de 1551
 confirmando-lhe todos os pri-
 vilégios e honras por seu rei
 João III. de Avil de 1551

O mesmo Braz Cubas com
 o adjuvante dos escrivães
 e habilitantes do lugar edifi-
 caram um hospital e a igreja
 com o titulo de N. S. da Mi-
 sericórdia e fundou a ella
 um hospital e a igreja de
 nomeada de "Santos"

imputar as que entras que em
 Distrito Terkham e mesmo nome.
 Este nome que geralmente
 era proprio do Hospital se
 communicou logo a pouco
 e em principalmente a cha-
 mada-lhe "Posto de Santos",
 como se pode verificar nos
 documentos antigos. Isto se
 lê sobre de offerecimentos no
 Relatorio do Populador de Terkham
 e de o Sr. Landi Luis de
 Costa, em 1857 de Junho de 1857.
 Foi Gaspar, no de 1857.
 "Abundancia que a Capitania de
 Capitania de S. Vicente no
 pagina 810 diz o seguinte;
 "na Terkham se comprehen-
 dia no tergo de S. Vicente,
 e em tempo estavamos
 sujeitos todos os deos
 d'esta Capitania, e nem
 da sua jurisdicção se
 eximiam os Terkham
 e nem de que os outros
 alcançamos que a fre-
 quencia se dividisse em
 duas e para isso conser-
 varam os Terkham de
 Misericordia, que na
 sua offerecimentos se eximiam
 de as Terkham de

1.º *propheta*, e que se se não
 edificasse no templo pa-
 ra a Mãe, porem se de
 que se trata se não se fizesse
 pelo tempo occorrido, porque
 a rainha de S. Paulo, e a
 Mãe, obtiveram ordem do
 Rei a seguir a morte do
 Rei, que se assigna de
 expressão da Misericórdia,
 e se construiu a Igreja Par-
 chial. O certo certo e certo
 de que se levantou a Igreja
 da Misericórdia contra a
 rainha, no logar onde hoje
 existe a Misericórdia, e que
 a Mãe, a quem se chama
 Mãe, a quem se chama Mãe
 no tempo, e a Mãe, a quem
 se chama e terceira, por
 ambas as razões que se
 edificadas no mesmo logar
 da Misericórdia antiga.

De ter sido a Mãe a
 terceira igreja feita no logar da
 mesma no Cartão Registo do
 de S. Paulo, Registo de Terras, N.º
 1, Livro, no título 1555. folho 70.

De maneira que a
 primitiva Mãe foi edificada
 pelo Rei da Misericórdia, e
 a segunda igreja foi
 em hospital da mesma.

Cuteira de Santo Catharina

Esta cuteira foi no logar onde hoje se ergue a casa vicaria do Rio Branco com a sua constituição. Ainda existe sobre o logar uma pedra grande em cima do qual está edificada uma cruz.

Ha nessa pedra uma placa de bronze mandada collocar pelo Governador Minicipal em 1902, com o seguinte texto a fundação de Santo José de Curitiba em 1543.

Hoje não ha decisão sobre a cuteira e fundação de Santo e, segundo seu Governador "Memorias", a povoação de Santo teve origem em 1541, isto se lê na pagina 212 em diante. De facto quem tomou de se oficialmente a fundação de Santo em 1543, precisando notar que para isso fu hoveu população sufficiente, e foi o quem se deu, quando que originou no cuteira de Santo Catharina. Assim sendo, em mais logar data a fundação de Santo o anno de 1541, isto é, dois annos antes.

Igreja de N. S. do Rosário

Com a preciosa doação
 não se pode afirmar a data
 da sua fundação, mas a
 vista do provimento feito em 20
 de agosto de 1756 pelo Escrivão
 da Villa de Praia de Santos Al-
 berto José Gonçalves Bandeira,
 de mandado do Sr. Provedor de
 Capela Fr. Francisco Custodio de
 Almeida F. do S. Rosário Es-
 crição da Paróquia de Nossa
 Senhora do Rosário que então
 occupava ambas as cargas
 Miguel da Costa, ordinara
 que largasse no livro de cre-
 dito a quantia de 1000000000
 plicios para dote da igreja
 visto não se dar em tempo

Em 1757 foi feita a en-
 camatação da igreja como se
 desprende da conta apresen-
 tada pelo S. Rosário e Escrivão
 Domingo Pereira Viega onde
 gastou a quantia de 1072230;
 pro um m. funcionaria, acto
 algum; tudo é que se firmou
 da Trindade e da Paróquia de Santos
 e da Igreja de N. S. do Rosário, em
 contrario de seu dote apre-
 sentado em 1757 por Domina

como se viu no decreto
de nome Francisco no pa-
re de 24 horas, o que não
cumpriram, tendo custado
em quantia de 110.800.

Em 1876, em uma pu-
blicação de uma época, diz-se
que a Fundação de Presença
quatro apólices da Dívida
Pública.

Entretanto que se sabe da
Imprensa da Fundação de N.
S. do Paraná, no tempo em que
apresenta se encontra logo para
Muy Barbara recentemente refor-
mada na sua fonte, man-
tenha se ainda o estilo colo-
nial.

3

Passo agora para a mediada
de presença a dar um resumo
histórico das antigas fortalezas
de Santos, que tem por serviço
pretariam no defesa da praça
local, que por parte de ataques
de mar ou de parte de ar, e
quero audazes que pretendiam
conquistar a terra de Santa Cruz,
nos primeiros tempo da colo-
nização portuguesa no Brasil,
por Martim Affonso de Souza e
Druz Cubo, na parte de Santos.

Fortaleza de Santiago e Outras

Das suas "Memorias" a pagina
125 - continua assim - diz que
Gonçalo de Mada de Deus, que
foi levantado por Martin Af-
fonso de Souza - Fortaleza
de S. Felipe - e como tirado
sido atacado pelos indios Pa-
mays, edificou a de Santiago
na mesma septentrional
da Barra do mesmo nome, e
o Capitão João Jorge Ferreira
reconstruiu a de S. Felipe em
1757.

Emos sido Martin Affon-
so o Donatario da Capitania de
São Vicente, como menciona o
Dictionari Historico Geographico e
Ethonographico, na pagina 770, onde
lê-se que as Capitancias foram creadas
em 1534, e é claro que Martin Af-
fonso, quando menos, tirou da
inicia a construcção das fortalezas em
1535.

Quanto as Fortes de S. Paulo, comhe-
cões por "Praça" fronteiras a Fortaleza
da Barra Grande, e tambem a
Fortes de Itapiranga, não resta a me-
nor duvida que foram todos cons-
truidos por Luiz de S. Paulo, até o an-
no de 1560, conforme se deprehende
de do epitaphio de seu tumulo.

Quinto artigo do Estatuto,
 diz com o seguinte paragra-
 pho em Santos, em 23 de Outubro de
 1573, que se communicante
 a nobreza e Capitão José Teixeira
 de Carvalho, por seu pios a mesma
 edificada em terra de

Formosa, e em 1829, e em 1870
 e que se nomeia o primeiro Com-
 mandante Militar em Santos, Faria
 meado o General José Clemente de Car-
 valho e Silva, em 18 de Outubro
 de 1829, conforme livro existente
 em 1870 em Secretaria do Commando,
 tendo em termo da criação da
 Comandancia datado de 10 de
 Junho de 1846. O primeiro com-
 mandante serviu até 7 de fevereiro
 de 1863 quando falleceu.

Segundo a tradição que na
 Perteira haem uma Praca com
 o nome de 'Armaes do Padre',
 cujo vestigio de apparencia con-
 sistentemente

Antes de comecar a seguir
 da parte deste trabalho, prometti
 a referir-me tambem a outras
 distinctas Comandancias e For-
 tificacoes de Santos, heranca tam-
 bem de nosso ante-passado, a
 medida do que conseguia a respeito.

Igreja Paroquial de S. João
Boa Noite

A data exacta da fundação dos arcebispos em Vila Rica não há documento que se lembre, porém em um "Decreto" do Rei Manuel I, em 1725, por ocasião da inauguração das reformas no Seminário do Carro, dá o seguinte do incidente:

"Também tem sido S. João no século XVIII, na grossa igreja, a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Boa Noite; pois, nos livros do arcebispo do Convento, de vários documentos sobre a dita Igreja Paroquial, data de 1793.

Omeu Sr. Manuel I, na obra citada, também se refere a respeito de

Fundação do S. João Com Jesus
dos Passos.

"... Mas antiga ainda é a S. João que tem em nome de S. João Com Jesus dos Passos, erigida em 1760."

Tambem, em alguns Livros se
 co apuram com referencia a
Irmandade de São Benedito

Ha ha um documento
 que se refere a origem desta ir-
 mandade, pois, tem que poder,
 assim tem de mais actas, um
 livro de registro de irmaos, tem os
 os assentamentos mais antigos
 as datas em 1862-1864-1865.

Sabe-se que esta irman-
 dade appareceu na Velha Matriz
 que foi demolida e de lá se
 transportou em 1707 para a Igreja
 de Santo Antonio, onde esteve muito
 tempo e, depois para attenda con-
 certo que se tornava necessario
 nesta Igreja, esta Irmandade foi
 assignada pela Cadea Real da
 Penitencia em dependencia da
 referida Ordem, onde ainda se
 encontra, ate que saquemos nos
 abrigos, em mesmo Joseph de Sa Ca-
 pella, como e ponto de co irmaos
 da gloriosa São Benedito.

Não resta a nome d'um
 que e uma das Irmandades mais
 novas por não ser mencionada
 no historico da antiga Matriz
 que havia comente, e não devemos
 confundir a Irmandade dos he-
 meus paços, que não e a mesma.

Segunda parte

Convento de Santo Antonio etc
desapparecido em 1860
Igreja do mesmo Convento
edificada em 1640

De todas as antiguidades
de Santos, que ainda se conserva
de peço a igreja de Santo Antonio.
Para a historia da igreja
e do seu extincto convento, recorri
ao velho archivo da Veneravel
Ordem Terceira de São Francisco
da Penitencia, onde achei dados
precisos com referencia ao mesmo
convento e igreja, assim como
outras antiguidades santistas.

O principal objecto deste
historico e para que não desap-
pareça por completo, todo esse
trabalho das nossas antepassadas,
que não mediram esforços
e com os maiores sacrificios
consequencia devar esta bemo-
dita cidade e grannia por-
tun no conceito do Brasil

e do estrangeiro. Não se
 muitas notas em referencias
 na maior parte de se traba-
 lis e igrejas etc., com seus con-
 vito, mas, não se corrigi, que
 quem quer que não, que foi com
 a dedicacão da igreja que
 tendo se fez no Brasil no
 primeiros tempos da nossa in-
 colonialidade tomamos como
 ponto mais importante a ins-
 tancia primária e secundária.
 Cito isto de passagem,
 prossequer.

Compilacões de vultros
 papéis ja todos estragados pelo
 tempo, quasi tres seculos,
 queo fuzer eubecer a que
 não deve ser a condicão,
 de ser o a historia do Con-
 vento de Santo Antonio e de S. Jo-
 aquim, perpetuando de este modo
 a sua memoria.

O Convento de Santo An-
 tonio e respectiva Igreja foi fun-
 dado pelos Religiosos da Ordem
 Franciscana, pela piedade e
 zelo dos habitantes de Santos
 e de Vila Rica e Praga de Santos, per-
 tencente a Capetania de San-
 ta Cruz, que com seus annos
 contribuiu para a sua edi-
 ficacão, como fizeram tam

posteriormente em 1860, que pa-
ra não desaparecer a Igreja
do Convento, ajudaram a
Ordem Terceira de Praxeiros
em tirar o que fosse possível
para que a Igreja não tivesse a
mesma sorte do Convento, isto
é o seu desaparecimento, para
dar lugar à Estrada de Ferro,
como adiante se verá, a igreja
continua e continua a ser

O velho Convento de Santo
Antonio demolido em 1860, esta-
va edificado no local onde
está actualmente a Estação
da Estrada de Ferro, tendo sido
do desapropriação nessa época.

O Convento não existe
mais, porém a velha Igreja con-
tinua desafiando a ação do
tempo, passando os séculos, por re-
paros e limpezas, e ostenta ab-
tamente na sua fachada
três séculos ajudando a data 1680.

Históricamente pois, se
sa herança dos antepassados.

O Padre pregador Frei Ma-
nuel de Santa Maria, Superior
da Província de Portugal, al-
cançando do Capitão Gene-
ral do Brasil D. Terradas

Marcauista, foyra da Torre,
 Licença, veio para a entre Villa
 de Santo Traseu para preta
 do local o Padre Rega ou Frei
 Pedro de São Paulo, natural da
 da cidade da Bahia com
 mais alguns camponeses,
 os quaes recolheram de pro ca-
 pella de N. S. do Destino, que se
 existe no lugar onde hoje es-
 tá o Mosteiro de São Bento.

Doações

Estas terras em quinq. heredi-
 cões o Convento de Santo Antonio
 e a Igreja dos Religiosos de São
 Francisco, comprados que em 1860 foi
 comprados como bnos este; sendo
 na vicaria da circunscricão do
 Minio Frei Antonio de Lourenço
 de Maria Almeida, foi doado
 em 22 de março de 1640 ao Lus, 1640
 todos de Santo Antonio Frei Manoel
 de Santa Maria, por D. Felippe
 Perim de Souza, em escritura pas-
 sada pelo Tabelião Vicente Torres da
 Motta.

Entre outros em diante
 os religiosos fizeram com more-
 dia provisoria passamos de du-
 cupla do Destino com o fim
 de darem começo ás obras

do Convento de Santo Antonio. Es
se recolimento providorio fez-se
com praxias a aquies do mar
no Pracinha de Wallorago.

Iniciu da Construcção

Em 13 de Junho de 1840 de
ram iniciu as obras e a 19 de Ju
lho do mesmo anno lançaram
a primeira pedra, celebrando
no lugar umu missa, onde
foze o Altar Mãe e Padre Frei
Manuel de Santa Maria.

Historico deste velho conven
to tem muito, relatei com a Vene
ravel Ordeca Terceira de Portran
coim de Portugal, como na
sua historia se me completas.

Missa do Imperio

O Bispo do Imperio, em 3 de Au
tubro de 1860, libertou a freguesia
de passar pelo roiti do Convento
por ter seos demarcario, e veito
do accordo do Exmo Presiden
te da Provincia de Polycarpo Jo
seph de Leão e do Exmo. Fiscal
de Ignacio Wallace de Garra
Lobranne, mandando o

Governo de Sua Magestade Empre-
 saria por "Aviso" de 17 de Novembro
 de 1861 que a Igreja fuisse en-
 tregue a Veneravel Cullem Perceira
 da Penitencia, ficando as orn-
 guras e seus adornos.

O. Serra grande da Igreja

Este com que ainda está
 no campanario tem tambem sua
 historia:

"Vindo no navio Lusitano"
 da cidade do Porto, per-
 maneceu muito tempo em
 bagueo no Alameda do por-
 to terao e Religiosos (a quan-
 tia necessaria para o pa-
 gamento do fete e omes
 despezas, ate que Jose Car-
 reo dos Santos fez esmolva
 de toda a quantia e a 28
 de Julho de 1829 foi colloca-
 do no campanario"
 (Public. do Diario dos Santos - Annuario 1870)

Ainda com referencia as mes-
 mo contexto, transcrevo os dizeres
 de um placu communitario
 que existe na Igreja de Santo Antonio
 relativa a um facto historico:

15 de Junho de 1889 o Padre João
 Maria Mastai Ferrata, de
 nome Papa com o nome
 de Pio IX, de passagem
 para o Chile em mis-
 são Apostólica, morou
 alguns dias neste con-
 vento, sendo Santos o pri-
 meiro parte da hierarquia
 do Sul visitado pelo u-
 nico Pontífice que veio
 ao novo mundo.

Sobre a colocação desta placa
 occorre ainda que o decreto da
 mesma foi ditado pelo Papa Pio
 X, ao Ex. Coiza de Brasília de Br-
 as, em Junho de 1905, na
 ocasião em que se achava em Br-
 as, a Commissão do Sr. Manuel
 Afonso Rodrigues, que tinha ido
 a cidade eterna, não só para tra-
 tar de interesses do Estado Brasileiro
 como representar a mesma nas
 festas do jubileu 50º aniversário
 do proclamação do Dogma da
 Immaculada Conceição, sendo a
 única do Estado Brasileiro do Brasil
 que estava representada nessa
 ocasião, tendo sido o Sr. Com-
 missionário Afonso Rodrigues, pelo
 Sr. Pontífice, Pio X por interme-
 do do Sr. Ministro de Br. Coiza,
 com o nome de Chefe de Estado.

Sepultamentos
na Igreja de S.
Antonio

3

Atendendo ao Decreto da Ordem Terceira
da Relação, Livro respectivo, com
termo de abertura em 8 de Janeiro de
1826, por Manuel Jeronymo de Oli-
veira - Ministro;

Assentamentos

Se para uma quantidade de en-
terramentos de mortos, feitos de
cima das Ordens Terceiras, seguem-se:

N.º 1 - Barbara de Carvalho, fallecida
em 19 de
Janeiro de
1829 - Lado
do Evangelho.

N.º 7 - Jose Martin Viana - fallecido
em 11 de
agosto de
1834 - Lado
do Evangelho.

N.º 8 - Anna J. de Castro - fallecida em
18 de novembro
de 1830 - e
Maria Victoria, fallecida em
24 de maio de
1835 - Lado do
Evangelho.

Nº 9 - Valentina Jones de Miranda,
fallecida em 25
de Maio de 1829.

Nº 11 - Manoel Francisco de Aguiar,
fallecido em 27
de Outubro de
1839, e

José de Souza Soares, fallecido em 25
de Setembro de
1841.

Manoel José Dias Gonçalves, fallecido em
10 de Junho
de 1849.

Nº 10 - Sargento Moisés, Governador
da Portoga, fallecido em 14 de
Junho de 1826.

Capitão Francisco Aguiar de Santos,
fallecido em 4 de Novembro de
1830.

Nº 13 - José Pereira Vianna, falleci-
do em 26
de Janeiro
de 1838.

Nº 14 - Brigadeiro Antonio Fernandes
de Souza, professor
na Ordem 8ª em São
Paulo, fallecido
em 18 de ... 1833

Nº 15 - Antonio Pereira, fallecido
em São Paulo
em 13 de Jun-
ho de 1847,

deixando a
 quantia de
 100\$000 de es.
 para pagar a
 Ordem executiva.

N.º 16 - Leonardo Pereira, fallecido
 em 1.º de novembro
 de 1826 e
 Manoel Joaquim Gomes de Miranda, falle-
 cido
 em 25
 de maio
 de 1830

N.º 18 - Manoel Marques
 de Fonseca, fallecido em 2 de
 maio de 1839.
 Maria Angelica, fallecida em 20
 de agosto de 1843.
 Antonio Jose de Almeida, fallecido em
 5 de setembro
 de 1845.

N.º 20 - Manoel Jose dos Guimarães, falle-
 cido em 15 de
 setembro de 1839.
 Francisco... fallecido em 22 de
 maio de 1848.

N.º 21 - Domingos Geraldo Pereira, falle-
 cido em 28 de março
 de 1826.
 Felles... fallecido em 14 de maio
 de 1850.

N.º 23 - Manoel Lopes do Santo, falle-
 cido em 23 de setem-
 bro de 1828.

José Bernardes Magagnoli, fallecido em
 8 de outubro
 de 1832.

José Marcizo, fallecido em 18 de Novem-
 bro de 1849.

N.º 25 - João da Silva Oliveira, fallecido
 em 8 de
 maio de
 1833, Sr.
 mór da
 Cidada de
 S. Paulo.

N.º 26 - José Gomes, fideiúta da Cidada
 em S. Paulo, falleci-
 do em 10 de julho
 de 1829.

Erolástica Maria, fallecida em 21
 de setembro de
 1838.

N.º 27 - J.º Caetano, fideiúta em
 Cidada em São
 Paulo, fallecido
 em 5 de janeiro
 de 1830.

N.º 28 - Manoel Alves Pinheiro, fallecido
 em 20 de
 outubro
 de 1838.

Capitão Joaquim Rosa, morador da Cidada
 em S. Paulo, fallecido
 em 11 de dezembro
 em um anelo de 25/600

A. B. da parte do Evangelho,
 Manoel de Siquim, fallecido
 em 13 de de-
 zembro de
 1833.

Escrevamos.

Quasi todos os conventos por
 ordem seus encaivos que eram do-
 cos, que se faziam para os serviços
 da casa e, neste sentido tem no
 archivo do Ordem Provincial da Pontencia,
 parte N. 32, um livro que e o

Inventario do Convento
 em 1853

No termo de abertura da que
 esse inventario foi feito no Ordem
 Ministro Provincial Frei Francisco de
 S. Diego, por ter o antigo livro se per-
 dido nem mandregio que correu
 o Padre Guardian de S. Antonio. Na pagina
 3.ª verso da:

Perrecto, pardo, foi para a Corte por
 ordem do Rey^{mo} ... ao 21 de
 dezembro de 1854.

Perrecto executo. Existe no este convento
 Diego Apicam, de nação. Foi vendido
 já no inventario.

Mais alguns no mesmo livro tem

o seguinte historico:

"Ouro Preto, 1855. O que aqui se menciona se vendeu aos Alcaides & Bandeira tendo sido feita esta venda com a presenca de Sr. do P. m. P. do P. Provincial Frei Antonio do Carmo de Alcaide Alcaide, pelo carta que dirige-me em 24 de Outubro de 1855. Faltava mais o que temo ficar o convento de nomeado do dito convento que este termo que assigna o convento de Santa Antonia em 1º de Setembro de 1856. Frei Manuel de Santa Thya e de Alcaide Branded."

Tradições

Fazem que, não havendo em Santa agua encanada, o maior serviço desse genero, era o transporte de agua da bica de moran de S. Bento para o convento de Santa Antonia. Certo serviço que faziam em a limpeza do convento e do Tiqua, e não era mal tratado, pois culpiam a vida com a deo que que tinham e estavam arcaes comuta os Religiosos Franciscanos.

Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia

Apreciação em geral

A Terceira Penitente Ordem fundada pelo seu Seraphicus Pater S. Francisco de Assis, em 1224 e foi approvada pela Regra pela Bula "Nixa vocis raudis" até que o S. Pontífice Nicolau IV a 17 de Agosto de 1288, novamente a approvou. Esta Regra foi reformada por Leo XIII na sua Constituição "Misericors Dei Filius" em 30 de maio de 1883.

Respeito desta Ordem se manifestavam carniciosos e abusos graças e privilegios 41 Liberações Pontificias; como demonstração de seu paternal affecto passou a Bula "Paterna Sedis Apostolicae" em 10 de Dezembro de 1725 e S. Padre Benedicto XIII de Felis memoria, qui confirmou nesta Bula todas as graças e privilegios aos filhos desta Terceira Ordem.

Da mesma Ordem tem sido approvada por tres Concilios Gerais e sobez: O Niceense no tempo de Clemente V, o

Interamense de São X e o
Tridentino.

3
A Ordem Terceira em Santos

Commeçou a fundação
em 20 de Outubro de 1674, se-
ndo o seu primeiro Ministro o
Sr. Manoel da Silva Varon
ellos, praticando os seus exerci-
cios espirituaes em sua Capella
dos Religiosos da mesma Orde-
m até o anno de 1689 que teve co-
meço a edificação da sua Ca-
pella. O Capitulo era em um tan-
dicto Subsistia do Convento
de Santo Antonio, com licença por
número habilitante em 1704, de
parte a Guardiania do Rio. Foi
Sua de Santo Antonio, celebra-
do se missa ás sextas-feiras e
Rio. Commeçaram a visitação,
excepto a missa de habito
e profisso que era feita na
Capella da Igreja.

Rescindida a Ordem Ter-
ceira e terrenos doados por exeri-
ptura passada pelo Tabelião
Manuel Pereira Silva em 27 de
Novembro de 1691, em Definiti-
va do Ministro Superior Santos

Também sua imagem existe no nicho principal do altar, tendo do lado do Evangelho em nicho e ao separado das imagens de Santo Gabriel Rainha da Lemguia e do lado S. Domingos e Santa Rosa de Viterbo.

O throno do mesmo altar representa o Monte Alcoron tendo sido collocado em 14 de Junho de 1741, quando se commemorou o primeiro centenário do Ordem Terceira em Santo, a imagem de Santa Cruzificada, a qual tem a seu pé o Seraphico Patriarcha, recebeu a impressão das chagas sagradas de Nosso Senhor.

O que foi esta Capella

As paredes lateraes eram forradas de aulejo mandada fazer de Lisboa em 1726 e collocadas por ordem do Ministro Pedro da Silva Correia, representando, do lado esquerdo:

O Patriarcha S. Francisco em um carro guiado por anjos, precedido dos Santos Filhos da Ordem Terceira.

Do lado direito:

Symbolo da immaculada

Commeça-se Martin
 um um carrilhão
 para seguir prociis,
 malmitos Santos
 Santos do Egreja,
 entamos o hierarcha
 Luther com rogo so
 pro anno das rodas,
 e Salviro atado as
 acoro.

O Tecto

Esta dividida em 24 quadros repre-
 senta alguma paragens da vida
 do Santo Patriarcha, obra de gosto,
 a qual em 1868, foi substituida
 por um desenho commum.

A Pictoria

Esta regular, tendo pentaos qm tecto
 os Martyros da Paiz e os Santos,
 e era digno de apuzar um prime
 representando o triumpho de Jesus
 Christo.

Tua assum acripto o
 que foi a grandiosidade em arte
 a capella do Ordo Teruim ate o
 anno de 1868. O badulho antu-
 ticos, ja muito entregos em sem pre-
 sibilidade de restauração anaffo.

paragem de vários annos 1800
 Foi guardado no parnaso
 no frontão da capella cinda
 e conservado apenas, e attor,
 man. fe. tuor refarmos, seu
 e que sua pracia recista que
 se trei seculos se existia.

Em continuacao, referimos a
 documentação Suitoria, tendo
 de archivo da Ordem Terceira, tendo
 com referencia de Velho convento
 de Santo Antonio, desapropriado em
 1860.

Aqui se dá o consento

Quando a Companhia de Estada
 da de Terceira, de Santo Antonio,
 apropriou se de o convento, e se
 na acta de 25 de abril de 1860
 se seguinte:

"O Sr. Ministro de
 Estado que a presente se o tinha
 por fim fazer saber a Ordem que
 a elle se apresentou José Cayden,
 embaixador da Ordem Terceira e que
 declarou se recitara que se saber
 quanto a Ordem Terceira putem
 que a fim de ser desapropriada
 a sua capella e mais dependencias
 de sua propriedade para
 a Estacao do Estrada attor
 que se em esta o convento, que

se projectava fardar nesta cidade, abrangendo tambem a Ordem Terceira e passava (o Ministro) a ler um discurso amulo sobre a materia de tratado, como de facto fez, com sublimada elegancia.

O Senador procurador propoz que o dito discurso fosse mandado imprimir nos folhos publicos. O mesmo innoo propoz que fosse tambem inserido na acta da approvao.

Estando seu discurso a materia o Senador Ministro respondeu que o encargo do tratado eam elle sobre a desappropriacao dos bens da Ordem declarou-lhe que relativamente ao convento de Santo Antonio ja estava arrendado com os frades no Rio de Janeiro, por que ja estava vendidos e a venda portanto celebrasse o que entender conveniente.

Fallavam de certo innoo sobre a materia, e depois de bem discutida, resolveram por uma majority de votos, que o Senador Ministro respondesse ao agudo da desappropriacao dos bens da Ordem, que a Capella e mais dependencias, não entrassem no negocio de alguma

respeito. O Senhor Ministro ponderou a falta da lei respectiva, deu-lhe as plantas para as Estradas serem approvadas por D. João, que até a quella data não coentava e, nessa devida presunção que se levase uma representação ao Governo assignada pela Ordem e por todos que quizessem fazer pedidos a conservação da Igreja do Convento e de todas as dependencias da propriedade da Ordem Terceira. Foi approvado.

O Senhor Ministro nomeou membro da redacção da alludida representação o Senhor procurador João Feliciano da Silveira Barros.

O Senhor procurador ponderou que fulgura comissario que além da representada se apresentasse a Magestade nomeasse uma commissão para, parti-ularmente, tratar com o chefe da Companhia de Estrada de Terro, pedir a remissão da Estrada para outro lugar, que não fosse necessario trazer na Igreja do Convento e na Ordem Terceira. Approvado.

phico Quare Los Francios.

Mum Tuman
 O decerto e indigna
 que de que sui archos
 Lydas, me fazem Taluz, e
 bitas de mirtas, attribuição
 como indigno Ministro des-
 ta veneravel Occure, me im-
 pellere a' algumas reflexões
 em vossa Pazo! Desculpae-me
 pois!

Quando os muros mais
 res, que evidenciam mais da
 alma e da virtude, que de
 cifras e de numero, e onero-
 sos sacrificios, procuraram, e con-
 seguiram fundar este Templo,
 mas anteriormente certamente
 que não um seculo, que
 fizesse modesto, e no derrama
 da Torronte era que se afoga,
 a solididade o seculo das luzes,
 e qual avaram sectas do ge-
 nio destruidor, se supercru-
 nã só em laucã sem com-
 pletu olvido a tanto e tão bel-
 lo padrin de gloria, com des-
 truilas dural seus alivores, e
 profanando os com impuro
 contacto e applicação!

Esta aencitar em
 tantas e tão rapidos aegenera-
 ções de costumes!

E' bem doloroso sentir-se o
 despreso em que cad' victorioso
 man' santos dogmas da reli-
 gião de Christo! Mas a real
 glória existe e der grande
 merito a despresos e desprezo
 e faltam mais actos os intentos,
 se os pessoas que os narra, e unidas!

A Empresa da Estrada
 de ferro de Sta. Praxedis quer
 chamar a si per. empresa de
 desapropriação a novo capella
 e seu edificio e d'est' arte con-
 verta taes augmento e secular mo-
 numentis em ostentosos armazens,
 e quicqz em luxuosos botiquins
 e mil outras futilidades!

Se a Empresa que pe-
 deria ser só grandiosa e util,
 tornasse um instrumento de pro-
 fanidade estuando a seu obra
 por um semi-tacilegio, approva-
 do pela ingratitude dos poucos
 frades franciscanos que ind' uns
 tuosos Jabatoes, São Carlos, Jal-
 mo e Bazite Aberte!!!

Então trechos que assistiu
 e revelada as cinzas venerandas
 dos mortos avós para sobre elles
 de por os corpos da Via Ferrea!

Temos de ver os fragmen-
 tos sagrados do novo Templo
 oucaos pelo touco da industria

apudinhada sob o nome
de civilização e progresso em
memorabi da Santa Religião
que profecuramos e do Imperio
de Santa Cruz!

Ho's, meus irmãos, irmãos,
tendo de lutar na arena com
poderosos athletas; eu lucta tão
desigualmente, e certo a guerra der
rota. Luctava! ~~que sempre~~ ~~per~~
desmais e bello glorioso e profe
rindo! e procura! a humanidade
acompanhada e abalada que
a victoria quanto mais rara
mais brilha ostenta, e que os fi
chos de S. Francisco ou Santos, fiéis
ao seu preceito de honrar e con
servar seu tempo e não se
merceder e adular, não par
tuar com seus adversarios,
e não equivalet os actos de
adhesão, respeito e culto, que fu
ramam tributos. He e se con
servam firmes no porto de hon
ra que Heo sempre guarda!

Plectemos, plerum a plerum,
e amados da arena legal
da piteira appellamos para os
frades supremos do Estado
e confiamos pouco na justiça
do homem e muito em prote
ção da Nossa Mãe Santissima
e Poderosa!

E no de vado em traue mto,
 e os vados a seruis, com a
 commoço e suigo do facto
 somo ultimo proteto da victi-
 mas sacrificadas em todo cam-
 ato, no alto corrupto do seculo!
 Francisco Maitens dos Santos!!

Defendendo assim a igre-
 ja de Santo Antonio e tambem
 as suas propriedades, a Ordem
 fez um rio coada de exito a sua
 lucta, pois comto meo do archi-
 queo e operarios da Estrada cutos
 por determinação dos seus Superiori-
 fu' estavam tentam a torar do alto
 a imagem de Santo, depois de
 torar demolida uma parte da
 parede lateral da sacristia, annu-
 gando a segurança da torre.

Sobre esta tentativa de de-
 molir a igreja de Santo, referem as vnuas
 noticias que se deram:

Facto Curioso
 Quando estavam tentam a
 retirar a imagem de Santo Antonio
 do Alto, Mde notavam os operarios
 que mais havia cerca de hum
 que euise girar e, depois de tan-
 tos esforços, tornaram a desistir
 de levá-lo as e o humilde do
 chefe, que observou o mesmo
 facto em nova tentativa, termina

assistentes, e dantes se meo
 occasião a cerimonia de um
 Sacerde em igreja que era pates
 tapete, pediram outros para
 fazer parte da Cida e creio,
 o que não conseguiu por ter
 a mesma cura. Se retirou de
 Santos para Juiz de Fora.
 Esta noticia correu
 logo pela cidade e não anno
 com muito em rebentou

Um levante do povo
 Dele denunciou-se muita
 gente no lugar do phenomeno,
 todos protestavam em actos bra-
 dos contra a pretensão de pessoal
 da Estrada, chegando mesmo
 a haver

Um grande conflicto.
 Nesse conflicto se por talis
 vezida em toda a linha, tendo
 figurado no lugar a imagem de
 Santo Antonio e outros mais o
 operarios da Estrada. Tocavam
 na fogueira. Eis a razão porque
 diz a tradição, tem Santo ao lado
 direito em quem, uma

Paraga
 que foi preso por linchados em Eu-
 ban, como simbolo da repulsa
 aos que quizessem tirar o Altar.

Depois desta occorrença,
 myo damo arca myoito e "Arca do
 Imperio" entregou a Igreja de
 Santo Antonio a Ordem Terceira,
 e a parva da demolida e por
 da demolida do convento.

Deo do arca:

"N.º 513 - Imperio - Arca de 7 de No-
 vembro de 1861, 6.ª Leg. Rio
 de Janeiro - Ministerio do Im-
 perio 7 de Novembro de 1861.

Foi enviada a Secção dos
 Negocios do Imperio do Conselho
 de Estado sobre o requerimento
 myo a Igreja de Santo Antonio da
 Ordem Terceira da Penitencia da
 cidade de São Paulo, pedida ao Im-
 perio Imperial que lhe seja
 entregue a Igreja do Convento
 de Santo Antonio pertencente
 a essa Corporação, naquelle cida-
 de e com assom os móveis, pa-
 rramentos e alfayas, imo que se
 tenta na mesma Igreja.

Sua Magestade o Impera-
 dor conformando se por
 immediata resolução de 26
 de Outubro proximo findo com
 o parecer da referida Secção e
 durado em decreto de 8 do
 dito mez. Ha por seu mandado

authoridade do Sr. Rey. e confiou
a execucao do Terceiro de
tudo osmeinte a adonnis,
traian, da Igreja e Terceiro
que nella se achava com os
competentes adonnis de prata,
excluidos porem os paramentos
e alfaytas necessarios a outros
condutos, etc. etc."

Este officio e identico
ao que foi enviado ao Provincial,
e a Ordem Terceira tomando posse
se da Igreja, e recebeu sob inventa-
rio do que existia no tempo, em
11 de Junho de 1874, data do seu
venitum, que foi assignado por tua
a Mesa Capitular, depois recorde-
cidas as firmas pelo Tabelião Joa-
quim Ferraz Pacheco em 12 de
maio de 1874. Assignou em primei-
ro lugar o Padre Luiz Alves, como Syn-
dico do Convento e Comissario
da Ordem nesse tempo.

Devio a ornamentado
em que se achava a Igreja,
a Ordem Terceira preciosa das
obras do mesmo, por muito
tempo durar em reparos, para ali-
tar a Ordem primeiro encupletos.
Requerem os Pais Probi-
dos a Capella, para executas-
tas obras, com a condicao de se

indemnizada pela Ordem Romana.
 Esse requirimento teve cumprimento fo-
 rmal em 24 de Outubro de 1863,
 assignado Pinheiro e Puro.

Por muito tempo ainda, a
 Ordem tomou na mediação de
 suas forças, em sustentação a
 Jiqui, reparando o maior ne-
 cessario para que o templo pu-
 de existir e chegando mesmo
 a substituir as thermas, em te-
 ludo por outros novos, fazendo
 tambem a lancha de todo o Jiqui
 ja que era arrastada e fudo se
 turvoso e podre, cujas ferrugens,
 em grande quantidade, nada dei-
 xavam de fazer em Jiqui. (Pae. N.º 8)

Altar de S. Pedro e S. Paulo

Este altar foi construido pela
 Ordem em 1873 (Pae. N.º 8) e esta
 eunio nelle a respectiva imagem
 que ainda se conserva, sendo um
 das mais perfectas.

Attingido o ponto de da Ordem
 ter em seu lucto constante para a con-
 servação do Jiqui, agora ante as entres
 em na terceira parte deste trabalho
 em referir-se a outro lucto que
 muito tempo durou a falta de com-
 munição, e cuja eunio se vai ler
 a seguir.

Excerta Independencia

em 1822

Falta de commissarios - Esta falta fu se pvia desde os primordios da Independencia do Brazil em 1822, pela natural animosidade entre brasileiros e portuguezes, cujos francezes panzanos da capital mais que fugantes Provincia da Formosa e da Bahia, eram a terceira parte, e a parte de portuguezes, ou mesmo se nos chegassem a tanto, podiam se considerar a metade de brasileiros. No Rio de Janeiro, e a Bahia, onde reinava a violencia espirito de brangella e a disciplina dos e lautos, nos ha via entre os foados, a mesma desintelligencia sobre a grande propaganda que em todo o pais se fazia, para que surgisse, como surgiu em 1822, emo. Particular. A perseguição contra os francezes portuguezes era constante entre os foados, e por esse motivo, fu começavam a ser processos as operações para o lauto.

Decontar que quando o lauto petulo elegia para Superior Jural um francez portuguez, as familias nos que riam curiam se os foados a estudar para se foados, somente para nos foados sob o foados de um portuguez. Assim fu em um tempo, até que a Santa

Se para remediar esse estado de coisas,
 resolveu que, em cada tres annos, um
 que se reuniam os Capitulos fossem
 eleito alternadamente, uma vez um
 padre brasileiro e uma vez um portuguez.
 Em parte se fez isto a Santa L^a,
 que vis appareu ainda alguns
 annos, porem a carreira de convento,
 porem, mais tarde surgiu o re-
 gimento de guerra de facto de camm^o
 l^o e tem mais grande, porem
 houve remedio: L^o referiu-se a

Macoraria

L^o havia a guisa de teguas entre
 os macoraria, que nesse tempo ainda
 tinha forza, e a guisa de monacho
 que, em 19 de Janeiro de 1855, appare-
 ceu um "Bispo", assignado pelo Con-
 selheiro Jose Thomaz Nabuco de Araujo,
 Ministro, prohibido terminantemente
 do Orden Religioso, continuando
 com noviciado no Brazil, ate com
 eventual accordo com a Santa L^a.

Este accordo nunca foi, ate
 que depois de a Republica, termi-
 nando o extirpado de causas.

Pelo exposto, vimos como se
 eram a falta de padre, que quasi
 se extinguiram, e ligando os monachos
 a residencia no Convento de Santa
 Antonia apenas deo: Foi Jo^o de

Amor Divino Cristo, ja' fallecido, e Frei
 Diogo de Freitas, este ultimo ain-
 da esta vivo e reside actualmen-
 te no Convento de S. Francisco em Sor-
 Paulo, ultimo dos soberviventes de
 tamanha perseguição injurto e
 moçônica.

As conseqüencias sope-
 ram tambem todas as Ordens
 Terceiras, e os frades, poucos que
 existiam, não podiam attende aos
 constantes pedidos da Commissão,
 por não terem frades em formação,
 com a prohibição de noviciado no
 Brasil.

Nota-se que a Província de
 Immaculada Conceição, no tempo
 de sua maior pujança, chegou a
 ter em todo o Sul os Probié mais
 a 700 frades, sendo que no Convento
 de Santo Antonio no Rio de Janeiro,
 chegavam a residir 120 frades, para
 além, chegou ao amigüilamento com-
 pletos.

Agora, novamente flourec a Pro-
 vincia, e por numerosos estudantes
 fazem noviciado e as Ordens Terceiras
 novamente, retornam a grande
 prosperidade, principalmente a de
 Santo, e os números de Terceiros, vai su-
 per eucenos para gloria de Deus.

Tercera parte

Plano da Ordem Terceira de
São Francisco da Penitencia

Terreno - Com 19 braças de frente
para a rua da Pósta,
hoje Marquez de Aroual
e com 14 braças de fun-
do até as paredes da
sua capella, inclusive
as duas grossuras das paredes
e dos muros.

Capella - Sacristia e Claustro, No-
viciado, etc, está fundado
do outro terreno que ocu-
pou 15 1/2 braças de
comprimento, e 8 1/2 de
largura.

Terreno - Na frente do seu con-
sistorio, com frente para
o Largo Monte Alegre,
divididos com o qui-
zeiro que tem na frente
do Igreja de Santo
Antonio, e da parte
do Sul, com 78 pal-
mos de largura e
170 de comprimen-
to.

Notarem juntamente para a
 casa Marques de Ceval, é
 onde está actualmente os
 armazens de café, pertencen-
 tes a Ordem Terceira e ocu-
 pados por contrato com a
 firma A. Lencina & C^{ia}, de Santos.
 Cemitério - Possui a Ordem seu tra-
 zigo no cemitério do Pa-
 queta, seu terreno de 165
 metros de largura por
 161 de comprimentos.
 Em 31 de Dezembro de 1928
 foi augmentada o trazigo
 com mais 3 kms. 16², ad-
 quindo por compra da
 fazenda Mimiúpa.
 Tudo consta em archivo, no pacote
 n.º 42, documentos em original
 e publicações.
 Possui a Ordem Terceira da O-
 rden Terceira alguns bens actuaes
 seu estimados mais o menor em
 \$ 600,000,00 e mais 22 applica-
 ções de Dinheiro Publico, sendo 21 do
 valor de \$ 1,000,000 e 1 do valor
 de \$ 200,000,00, que não foram se-
 nistradas. Estas applica-
 ções de Dinheiro Publico são
 reformadas depois da Re-
 publica, tendo muitos been qua-
 dados em café forte, e been
 conservados pelo Syndico.

Considerações

He' o anno de 1856, as pro-
 priedades em Ductos tinham
 um valor irrisorio, pois a
 Ordem Real possuia mais
 de seopredios em Ductos e to-
 dos reunidos formam avaliados
 em Rs 12:500\$000 naquela
 epocha de mananciaes que a ren-
 da de aluguel de Rs 25\$000 an-
 nua Ductos (hoje nos 15 de Novembro)
 e outros de Rs 10\$000 e 5\$000, man-
 sas não chegava para as des-
 piza da Ordem. Assim sendo, fo-
 ram vendidos os seus bens em au-
 leilões do fuz de capello. Tudo se
 gualmente feito conforme disposto
 entre outros, um em 21 de Junho
 de 1858, e recommendado de
 mesmo fuz em correção de actas.
 Para se aquilatar o valor
 que teriam hoje esses bens, tomamos
 por base os preços actuaes e chega-
 se a conclusão de estimar-se
 em 40:000:000\$000, se ainda
 hoje existissem.
 Pertam de me bem as apro-
 licas fu referidos, que foram adqui-
 ridos com a renda do predio
 egresso de terminação. Lei do
 Império naquella tempo.

Homenagem
Perpetua Memória

Frei Luis de Santa Ambrozio - pri-
meiro Comissario em 1641.

Manoel da Silva Varanellas, primei-
ro Ministro em 1641.

Frei Eusebio da Expectação, Padre
e do Custodia da Irmandade
do Comercio, primeiro eleito no capi-
tulo em 1677.

José Cardoso de Oliveira, Ministro que
deu o alvará com a carta para a
escola estabelecida no Ordeu,
em 1689.

José dos Santos Luz, Ministro quando
o Ordeu adquiriu a carta com a
escola do Ministro José Cardoso de
Oliveira em 1691.

Frei Agostinho do Comercio, que
com Frei Eusebio da Expectação,
buyrao e celebraram missa no
capella (4^{ta} missa) em 24 de Mayo
de 1691.

José Rodriguez Vieira (de Vianna), Mi-
nistro quando celebrou a 1^{ta} missa

na capseta em 1691, com grande
 prompto e repleta de frutos e feccis.

João Baptista da Silva, procurador,
 que solidificou os bens do Graú,
 dos quaes muitos ainda hoje
 possuem, requereu, em "Inven-
 tario e lambamento", que fez jul-
 gar o juiz em 11 de Dezembro
 de 1856.

Situação actual

Depois do triztenio da
Ordem Terceira em Portugal com
relação a Igreja de São Antonio,
principalmente durante 51 an-
nos que foi gerante de sua
administração, resultou em
Junho de 1922, uma

Cryptura Publica

A Ordem Terceira fez entrega
da Igreja ao Excm. Sr. Bispo de
S. Paulo, conseguindo assim a vinda
do Padre para residir nella e
consequente criação da Parochia
de Vallongo.

Resulta da mesma cryptu-
ra ter a Ordem Terceira gasta:

Rs 131.000\$000 mais ou menos em
reparos na Igreja; e
mais: Resulta que,

Rs 68.000\$000 a Ordem tem que
retrahir do parte da
Ordem Primeira, no
curso de sua própria
cota em venda, isto
no caso de transac-
ção em dinheiros.
No curso do negocio
ser feita com a con-

dicado de seu paga-
 miento a parte interes-
 suda construiu novo
 fregues para o' Ordem 1.^a
 e Ordem 3.^a, nem e nou-
 tra casa a Ordem Terceira
 tem que estar presente, sem
 o que a scriptura nao
 podera ser lavrada.
 (Cláusula de Contracto)
 Este contracto simmente foi feito
 com relacao a fregues de Santo An-
 tonio, na parte em que se re-
 fere a venda ou desapropri-
 cao, nada, tanquam de coisa
 da propriedade da Ordem Terceira,
 e que ficasse junta a dita
 fregues. Que caso de compra e
 venda de desapropriacao do fregues,
 ou de venda e' que a Ordem
 tem que ser ouvido. Se a des-
 apropriacao em venda, nada attingu-
 suas propriedades, a Ordem Terceira
 continuara no mesmo logar em
 sua capella, e mais de per-
 dencia, que nada tem a
 ver com a fregues, receitando em
 tanto os 68 pontos mencionados.
 A parte da Ordem Ter-
 ceira em caso de aporcos singu-
 lardo, esta avaliada em quatro
 mil contos de reis, com terden-
 cia para se elevado a mesma

S. Pontificis Pii IX a Cœdem
Tercina de Penitencia.

Medalha de N. S. da Conceição,
concedida, conforme Breve do
Nunciatura Apostolica em 1861.

" Nōs Marianus Farcinelli Antoniaci,
Ordinis S. Benedicti Congregationis
Casinensis, Archiepiscopus Athenarum,
Pontificis Sedi assistens, in
tempore Brasiliensium Internuntius Legatus
Extraordinarius, Sanctae Sedis, etc, etc,
Dilectis in Christo Siliis, Con-
fratribus Ordinis Tertii de Penitencia,
Civitatibus de Sancta, Paulopolitana Diocesis,
salutem in Domino sempiternam.

Supplicata exhibito libello petistis
a Nobis, Siliis dilectissimi facultatem de-
recendi in actibus solemnibus, et sacris
functionibus vestrae Sodalitatis collo-
suspensum cum fasciula aurea
argentum stigma, in quo sacra
effigies Beatae Mariae Virginis Imma-
culatae Conceptione inculpta sit,
ut non solum exteriorem cultum Im-
maculatae Peiparae inclitae Protestrae
vestrae exhibiatis in vobis, quod
declarati dogmatis eisdem Con-
ceptionis ab labe originale ino-
muniis suavissimam excuset me-
moriam. Summopere votamus, quod
inter tot tantaque scandala,

quae magno animi motu colari
 in Ecclesia Dei videre cogimus pio-
 rum honorarium societates existant
 quae sub eisdem legibus Deum
 in Beata Maria semper Virgine
 glorificari cupientes, non ina-
 nibus verbis, sed salutaribus ope-
 ribus Religionem Catholicam in
 qua nati sunt, publice profiteri
 non erubescunt. Et cum ex al-
 lat documentis certo sciamus, eos
 dignos esse, qui singulariter be-
 nignitatis nostrae testimonium
 recipiant, libenter supplicationibus
 vestris annuere constituimus.

Quare Auctoritate, qua
 praedit sumus suffulti, nec ad
 omnibus convenit et poenis ecclesi-
 asticis, si quas forte incurritis ad
 praesentium liberacionem tatum ef-
 fectum consequendum adhaerentes
 et absolutos fore consentes, vobis
 facultatem concedimus ferendis
 in actibus, et functionibus solem-
 nibus vestrae sodalitates collo-
 suspensionem cum fasciula coere-
 lea argenti stigmata, in quo
 insculpta sit sacra effigies
 Beatae Mariae Virginis absque
 labe originali conceptae, ita vero
 tamen est non ad vanitatem
 et pompam colendam sed ad
 devotionem magis magisque

anquidam involviat, sonatis de
reliquis quae super his de pure
servanda sunt. Contrarius qui
tuncquaque maxime abstantibus?

(Sequuntur si eos assignatos
sunt respectivo) Machiavelian
parte II de

Considerações

Como sabeas Pio IX foi que pela
clausura do gyno (da Immaculada
Conceição em 1859), por medalla
concedida conforme Brevé trans-
cripto, foi em Commemoracao e me-
dalla e tambem por sua tea
de erguendo da sua estadia em
Lisboa no anno de 1823, com o me-
dalla na Historia da Igreja de Lisboa
Intern. Essa medalla de prata
a Cidada Luiza de a pendente ao per-
coy sua dita aquelle acto solen-
nes de honra, tuos de a con-
comemoração Brevé, com Brevé plúcto
Imperial de 27 de Abril de 1861

O Ordem Terceiro do Terceiro
 não possui ainda outros Bre-
 ves em seu archivo (papel N.º 8),
 tendo um muito importante quan-
 do Santo ainda não possuía
 communhão facil com o P.º
 de Janeiro, isto em 1748, quando
 foi diuina ordem e Provincia no
 P.º não quis nomear communião,
 tendo a Ordem Terceira recorrido di-
 rectamente a Roma, e que fo-
 rneida em audiência do Santo Pa-
 dre concedida ao Terceiro da Igreja
 da Congregação dos Bispos em 17
 de Junho de 1748, tendo seu Santida-
 de consentido em submitta ao pa-
 pital do Nuncio Apostolico de Lisboa,
 pelo que foi expedido um decreto ao
 Geral do Franciscano no Capitulo,
 que por sua vez se communicou
 com o Provincial no P.º de Janeiro
 para attenda a Ordem Terceira em
 sua peccados.

Ha ainda entre P.º e o
 anno 1728, sobre prececação da
 Ordem Terceira em todos os pontos da
 Igreja, que sem legem reservada
 foi os seus Terceiros e Regulas
 e obedição em todo o mundo, sob
 pena de excommunição de quem
 curar contrario a Constituições do
 Papa Benedicto III.º - Paterna Sedes.

Santa Cruz 1870

Câmara Municipal

Vereadores: Presidente, Sr. Agnazio
 Walsara de Jesus
 Sr. Manoel Antonio Ferraz
 Sr. da Silva, R. 5.
 Sr. Agnazio da Silva
 Sr. Agnazio
 Capitão Joaquim José
 Sr. Santos
 Francisco de Paula Goulart
 Sr. Carneiro da Silva
 Sr. Manoel Gaudêncio
 Amunício Dias e Albuquerque, R. 5.
 Capitão Manoel da
 Silva

Secretaria
 Sr. Joaquim da Rocha

Capitão Manoel Joaquim da
 Silva

Vinte e quatro Clemente da Silva
 Silva

Matias Supercio Santos

Porteira e Apudante do Recife

Joaquim Garcia de Sant'Anna
 Arica ou

Manoel Antonio de Aguiar

Quaresma de Barros

Evandro de Freitas Neves

Naccino do
 Sr. Moyses Rodrigues da Silva Costa
 Matadouro
 Eucaniqui; e guasso urbano tranzi
 de Freitas Nobis
 Dombos para extingui de incendia
 Eucaniqui; e tranzi Santa Ferrin
 Hummimaco Publico
 Contratao; J. J. Marti
 Afficio
 Uoario Paulo
 Comiteu Publico
 Administraco; com os nomeas nomeas
 para camara
 Juiz de Direito: Francisco Antonio do Santos
 Juiz de Direito: Antonio do Santos
 Juiz de Direito: Antonio do Santos
 Juiz de Direito: Antonio do Santos

Administracao da Justica

Juiz de Direito: Sr. Custodio José de Andrade
 Porto, moço fidalgo, casado.

Juiz Municipal, e apohado do com
 mercio e Provedoria: Sr. Francisco
 Rodrigues Soares

Supplentes

1. Locome Antonio Pereira da Silva, R. 4.
2. José Antonio Pereira do Santos (capitão)
3. José Baptista da Silva Bueno.
4. José Carneiro da Silva Braga

- 5 Sr. Juan Antonio de Magalhães Castro Sobrinho
 6 Roberto Maria de Aguiar Marques

Parroto Publico
 Sr Luis Ernesto Pereira

Deputados Provinciales
1º Districto

Sr. Francisco Ribeiro de Escobar
 Sr. Ignacio Matias de Sousa Colectanea
 Sr. Joaquin Lopes Soares
 Padre Joao Vicente Valladao
 Sr. Joao Antonio de Macachais Castro Sobrinho
 Sr. Rodrigo Augusto de Silva
 Sr. Antonio Ribeiro de Aguiar Faria
 Sr. Manoel Ferraz Pereira Jorge
 Sr. Francisco Antonio de Souza
 Sr. Joao Mendes de Almeida
 Sr. Joaquin Fernandes de Barros
 Sr. Antonio Lourenço Lopes Ferraz

Advogados

Sr. Alexandrino Antonio Martins Rodrigues
 Sr. Joao Antonio de Magalhães Castro Sobrinho
 Sr. Joaquin Roberto de Aguiar Marques Faria
 Sr. Luis Ernesto Pereira

Solicitadores

Joao de Silva Oliveira
 Pacifico Fernandes Freire
 Antonio Joaquin de Oliveira Pereira
 Bernardino Clementino Rebelo

?

Officinas de Justicia
 Francisco José Muro de
 Vicente Antonio Rodriguez
Policia
 Delegado: Francisco Rodriguez Juan
Suplementos
 1 Sr. Jose Saldana de Silva Portosa
 2 Sr. Jose Antonio Magallon Cuato Salcedo
 3 Capitan de Populo de Santa Cruz, era exercicio
 4 Man. Manu Augusto
 5 Jose Reparacion Garcia
 6 Jose Dominguez de Castro
Excusados
 Joaquin Tamara Pacheco
Subdelegados
 Francisco de Paula Lopez
Suplementos
 1 Joaquin Port Rodonachs
 2 Jose Joaquin de Azuero
 3 Jose Terceiro Lopez
 4 Jose Antonio Cuervo de Santa
 5 Sr. Jose Garcia
 6 Alcala Jose Port de Santa Cruz
Excusados
 Antonio Maria Sempere

Inspeção de Livrarias

- 1º Joaquim Garcia de Sant'Anna
- 2º José Francisco de Sant'Anna
- 3º Joaquim José de Sant'Anna
- 4º José Baptista de Silva
- 5º José Francisco de Sant'Anna
- 6º Ramal José Lourenço
- 7º Antonio Domingos Pereira
- 8º Manuel Evaristo de Serravallo
- 9º José Joaquim Borges
- 10º Antonio Marques de Carvalho
- 11º Frederico José de Sant'Anna
- 12º Alvaro José Manoel Largaça
- 13º Francisco Antonio de Costa
- 14º Antonio Pereira de Sant'Anna
- 15º Antonio Manuel de Sant'Anna
- 16º Casimiro Francisco de Sant'Anna
- 17º Manuel de Sant'Anna
- 18º Joaquim de Silva
- 19º Saturno de Sant'Anna
- 20º Evaristo de Sant'Anna
- 21º Carlos Francisco de Sant'Anna
- 22º
- 23º Joaquim José de Sant'Anna
- 24º Casimiro de Sant'Anna
- 25º José de Silva
- 26º José Francisco de Sant'Anna
- 27º Proprio de Sant'Anna
- 28º Antonio de Sant'Anna
- 29º Mathias de Sant'Anna
- 30º Francisco de Sant'Anna
- 31º Antonio de Sant'Anna
- 32º Pedro Antonio de Sant'Anna

Carcereiro da Cadeia
Antonio Joaquin de Oliveira Nazareth

Administrador e tenente da Secretaria
da Policia da Provincia, encar-
regado das visitas do porto;
Vicente Henrique da Rocha Lima,
Medalha de campanha naval
de Rio de Janeiro.

Comandante de Policia
Capitao Joaquin Ferreira de Santos
Vicente Joaquin Ferreira de Silva

Reparticao Ecclesiastica
Vicente de Souza
Padre Seipiao Ferreira Santos Junqueira,
examinador synodal do Bispo de

Escrivao
Francisco Antonio de Silva

Parceiro
Padre Seipiao Ferreira Santos Junqueira,
Vicente de Souza
Padre Manuel Manoel Vieira de Paula,
Coadjuutor

Quartel
Manuel Athanazy de Moraes

Fabrica
Antonio de Almeida e Santos

Glencoe

Padre Mestre Joaquim José de São Ilmeu
 Padre José Manoel Silva
 Padre Manuel Maciel Vieira da Cruz
 Padre Sepsião Vieira Paulist Jeanguera

St. Landega, qui antea era
 apenas uma
 Estação de Recadação, foi
 criada por Provisão
 de 20 de Fevereiro
 de 1720, com
 as mesmas attribuições,
 que a
 de Rio de Janeiro
 Inspector: Sr. João Agostinho Silveira
 de Motta.

Primeiro Escriptor: Tenente Antonio
 Justino de Assis
 Capitão Joaquim
 de Silva Oliveira

Segundo Escriptor: Capitão José
 Joaquim da
 Silva Cypriano
 no taboão

Tercio Escriptor: Sr. Theodorico
 Dias, Tenente
 Sr. Martin Barro,

Capitão Antenor Augusto Pontes
Quarto Escrivão: Joaquim do Santos
Bandeira, Escrivão

Officiário de Inauguração: Joaquim Curcio
Joaquim do Santos, Manuel
Joaquim da Silva
Antônio José da
Silva Santos Júnior
e um lugar ao lado.

Officiário de Inauguração
Suplenente: João Hyas da Silva, Alferes
José Martins do
Santos, Tenente
Joaquim Luiz Tenório

Procurador: Major Antenor Eustáquio
Luzgachá.

Procurador Conferente: Tenente João Baptista
de Lima, Capitão
André Luiz de Aguiar
e Marquês

Legados Conferentes: Virancini José Antônio
e Silva, João Carlos
da Costa Aguiar

Intervenção e Administração das Capatazias:
Tenente Helino Ramires Encicione
Correio

Victorino Post de Souza
Ficis de Camozins
Gabriel da Silva Cleonir e José Gabriel
Tertuliano da Silva

Addidos
Assistente de Inspectora
 Joaquim da Fonseca Ferraz

Guarda Pro'i
 Manoel Rodolpho Justino de Ralbi,
 Espectador da Camara Juizo (de Paranaguá)

Administrador da Capatazia
 Manoel Pereira Junqueira

Tico da Camara
 Antonio Mariano da Aguiar Marquês

Inducta Juizamento
 Sr. Guilherme Filippi

Desembargador Representante
 José Francisco de Moraes

Commissario do Juro Guardas
 Commandante: Cabo Antonio José de
 Guardas; Honora José Fernandes, Jo-
 quim Mariano da Silva
 Junia, Tibertio José de
 Aguiar e Souza, José Pa-
 rmeleiro da Oliveira.

Capatazias
Mandados: Antonio Manoel de Andra-
 de, Comungo José de
 Lacerda

Conferentes: Jm. Marcim de Sampaio,
 Joaquin Marinho de
 Campos Moura Junior.
Arrematadores: Jm. Bento de Almeida,
 Jm. Caldeira de Jesus,
 Manoel Rodrigues de
 Santa Cruz, Jm. Bento Ge-
 raldo de Oliveira.
Contratadores: Jm. Brito de Jarmis
 Espinoza

Espectantes Jures
Capitais: Joaquin de Jesus, Jm. Jm. Jm.
 Jm. da Silva, Jm. Honorio
 de Jesus, Jm. da Silva, Jm. Ribeiro,
 Jm. da Silva
 Jm.

Adidos: Manoel Pedro de Oliveira
Guardantes: - Medico Mathem de Silva,
 Jm. Marcim de Sampaio, Ca-
 los Marcim de Sampaio

Patroes dos Escaloes de Mandago:
 Jacintho de Almeida, Jm. Gremiao

Conservatoria do Commercio
Conservador: Sr. Jm. Gremiao de Almeida Netto,
 official Capitais Joaquin da
 Silva Oliveira



Messa de Rendas da Provença

Administrador: Major Francisco
Machado dos Santos
Escrivão: Major Hygino Botelho
de Saavedra

Escrepturario: Pedro José da Moura
Suplente: José Francisco da Costa
Naviculario: Tenente Guilherme Libe-
ri Freire.

Guardas: Antonio Justino da Costa,
Carlos Francisco do Nascimento,
Tenente José Francisco
do Santos, Francisco Tigue-
ros dos Santos, Theophilo
de Souza, Francisco,
Jornal de Silva.

Agente: Benedito Pereira de Silva

Encargado de passar recibo de mo-
da nos prazos de cobrança e de entrega;
o Comprometido Alfandega Francisco
José Pinheiro e Silva.

Cartão

Agente: Fernando Leite da Fonseca
Medante: Antonio Joaquim Pereira Pimenta
Praticante: Feliciano Narcizo Pimenta
Carteiro: Antonio Augusto da Silva,
e um lugar vago de entrega
de officio.

Dezima do Tabaco: Administrador; José
Mariano de Aguiar Marques - Escrivão: Fernando
Gomes Botelho de Albuquerque.

Inspeccão de Saída do Porto

Inspector: Sr. Henrique de Lima Moura,
residente Rua Senna, 18.

Secretari: Capitão Brito de Albuquerque de
Sousa, Rua Senna, 190.

Forças do Corpo Policial Permanente
destacadas nesta cidade

Comandante: 1.º Tenente graduado
Joaquim Maximiano de Brito
Almeida, Cabo Manuel
Pedro Gomes. Soldado, 17.

Comando Militar da Praça

Comandante: Coronel de Esva Maria
Manuel Potembury de Al
meida.

Ajudante de Campo: Alferes honorário de
exercício António Car
los de Silva.

Armação de artigos bellicos

Checador: Alferes honorário de exercicio An
tonio Carlos de Silva.

Tel. Francisco Romão de Freitas

Fortaleza do Paro Grande

Comandante: Major honorário de exercicio
Manuel Antonio de Lima Vieira

Forte Augusto Para France
Capitão: Capitão António Martins Fontes

Fortaleza de S. José da Portoga
Comandante: Capitão Manuel do
Espirito Santo Guimarães

Capitania do Porto

criado por Decreto de 13.5.81,

em 11 de Setembro de 1887.

Capitão do Porto: Capitão de Mar e Guerra, ex-tenente
major José Eduardo de Viana
ambrook, Av. 3, R. 6, Com. da
Ordem do Rio de Portugal

Secretários: Francisco Xavier de Sousa
Andrade e Souza, Sidalys
Carvalho da Casa Imperial

Patrão Mór: José Vieira de Castro, conde
deprovo por Sua Magestade
Realíssima com a meda-
lha de prata - Distinção
primi concessa ao mérito,
philantropia e generosidade

Pharolada Ilha da Moela
Siza Cor branca

1.^o Pharoleiro: Manuel Francisco Dias

2.^o - Francisco Borges

Francisco de Souza

Patras da Lancha de Locomo: Procopio Fernandes
Martins sem mais
seis remadores.

Companhia de Aprendizes Maranhão
 criada pelo Decreto

N.º 4122 de 27 de Fe
 vereiro de 1868.

Comandante: 1.º Tenente José Lourenço
 Pelmieira. R. 5, C.º 3

Official de Fazenda Reformada: 2.º Tenente Mo-
 nte da Silva
 Pedreira

Médicos: Dr. Alexandre Boerquet,
 Filh. Antonio Fleury da Silva.

Mestre: 2.º Sargento do corpo de imperiais,
 José Alves da Torreca.

Mestre de Armas: José Thomaz dos Santos
Guardião Extramuros: Maurício Ant-
 ônio da Silva

Praticagem do Porto

Praticos da Cidade

José Pontes de Almeida Junin

Fernando José de Moraes

Francisco Justiniano dos Santos

Francisco José de Almeida

Joaquim Miguel

Joaquim Sereno

Praticos da Barra Grande

Capitão Manoel Antonio dos Santos

José Mathias de Oliveira

Apromiano Joaquim da Silva

Benedicto Francisco da Paula

Francisco da Paula e Silva

Joaquim dos Santos Calista

Luiz da Silva Rodrigues

Lyttonia J. J. da Silva
 Henrique N. da Silva

Estatística 1870

Sociedades Benéficas	3
" Musicas	2
" Canoras	3
" Dramaticas	2

Theatros

No Largo da Caroaça	1
Pedreiras	4
Clarias	4
Castelmas	2
Baras Barreiras	2
Escritorio de Escantaria	3

Professores

Medicos	5
Dentistas	2
Typographos e impressores	10
Impressores	6
Arquitetos	3
Professores de piano e canto	4
Veterinarios	3
Parteiros	2
Professores de musica e instrumentos	7
" " desenho	1
Alfira de piano e organo	3

Industria, Artes, Officinas, etc.

Amadores	2
Agentes de Casas Commerciaes	2
Depositos de Moedas	1
" " <u>instruimentos de medida</u>	7
Fabricas de Chapeiros	5
" " <u>licores e bebidas</u>	4
" " <u>carros, tralys, etc.</u>	2
" " <u>cerveja</u>	7
" " <u>cal</u>	4
Ourives	4
Relogeiros	4
Officinas de Alfaiates	3
" " <u>de manicureiros</u>	4
Carpinteiros	12
Alfaiates	13
Timoneiros e Latoeiros	6
Officinas de ferreiros	4
Contratadores de obras	6
Pedreiros	11
Pintores e Vidraceiros	6
Barbeiros e sangradores (<u>aplicam ventosa e sanguisugas</u>)	5
Mestre calceteiros	1
" <u>calafates</u>	1
Figueiros	1
Sapateiros	9
Varvarios	6
Croquisseiros	2
Officinas de selheiros	3
Selheiro e coletores	4
Silveiros	7

Lojas de tamangueira	3
Gravuras	3
Comentarios homocripticos	2
Parceiros	3
Antenas	1
Sea Colerius	1
Moedas mistas	1
Demons	2
Esquemas de	1
Curiosidades	3
Erreptor	1
Acougue	4
Padarias	5
Cafes, Bilhaus, etc	4
<u>Hotes, casas de pastos, botiquens etc</u>	
Hotes	4
Casas de pastos	4
Bancos (Lyone Santista)	1
Cozinha de algar, cavallos	3
" " " carne	4
" " " farrocos	8
Expositos de materia fructifera	2
Loja de marmora	1
Pulcherrima	7
<u>Commercio</u>	
Lojas de fazendas	15
" " Faragens	5
" " roupas feitas	4
Marcates	4
Simmarskos	9
Loja antiga de escriptura	6
" de lousos e vidros	6

Suprimentos de assucar	3
" " farinha de trigo	2
" " cataplasma	5
" " Kerosene	3
" " Furoto	2
Passagens	58
Armadilhas de cur e molhos para atacaos	15
" " " " a viagem	22
" " de Tancinco	6
Casas Commercias de cafe	41
" Comissao em geral	12
Expropiacoes e Imprecoes	27
Impozes de Sal	27

Ultimas palavras

Caro leitor,

Creio que se tiveres paciencia em ler estas antiguidades e chegares até ao fim, estarás certo que a nossa historia e não desprova os cursos antigos, sendo que não se para a equitativa e valia do presente. Quanto a quem for e o que é, certamente estareis em vossa memoria e sabereis, não dar vultu ao autor de tal trabalho, mas bem, ao mesmo tempo, que constituiram esta bella e hospitaleira Santos, que occupa um lugar de grande antiguidade na historia patria, em virtude dos seus gloriosos feitos.

Percebe-se-me, pois, os vícios e lacunos, que não foram evitados pela passagem do tempo. O Autor

Folhas

Memórias para a Hist. da Cap. de
S. Vicente - Foi Gaspar da Madre de Deus

Noticias do anno em se descreve
o Brazil - Foi Gaspar da M. de Deus

História do Brazil, Vol. III^o - Rocha
Pambr.

Annuaire de 1870 - Anonymo
Secreterista

História Secreterista de S. Paulo,
Tomo 1^o - Affonso de C. Tammyoy

Instituição Mauriana - Santa Maria

Orbe Seraphico - Foi Joboator

Archi da V.O.P. da Pimtenica - Li
vro de autor e documentos.

Diurno de 1925 no Convicito do
Carro - Foi Mauricio Lous.

Diccionario Historico, Geographico e
Ethnographico, Vol. 1^o

?

<u>Indice</u>	
<u>1^a parte</u>	
Introdução	pag. 5
Santos	" 6-7-8-9 e 10
Demarcação de limites	" 11
Portas e trapiches	" 12
Sellos ilustres	" 13-14 e 15
Igreja Matriz	" 16-17-18-19-20 e 21
N. S. de Montserrat e sua passagem para o Condição	23-24-25 e 26
Passo da Capella do Montserrat para Benedictina	" 27 e 28
Mosteiro de S. Bento	" 28 e 29
Capela de S. Maria Imaculada	" 30
Campesinha de Jesus	" 31-32 e 33
Collegio de S. Miguel	" 34 e 35
Os Carmelitas - Capella da Paço	" 36-37-38 e 39
Carmos de Santos	" 39 e 40
Ordem Terceira N. S. do Carmo	" 41-42 e 43
Santa Casa de Misericórdia	" 43-44 e 45
Ordem de S. Catharina	" 46
Igreja de N. S. do Rosario	" 47-48 e 49
Coletagem da Antiga e outras	" 50 e 51
Archiepifania N. S. da B. Maria e Terceira de S. Bento	" 52
Terceira de S. Bento	" 53
<u>2^a parte</u>	
Condição de S. Antonio	pag. 55-56-57-58-59 60 e 61
Sepultamento no Igreja de S. Antonio	" 62-63-64-65 66

Exercícios e Invenções de Canções e Fictórias p. 66-67
 Ordens Terceira da Penitencia - pp. 68 e 87

3^a
 Parte

Pius do Cidre Terceira da Penitencia " 88 e 91
 Honrarão - Repetição Honrarão
 do Cidre Terceira da Penitencia " 92 e 93
 Intercorrespondência do Cidre 3^o
 da Penitencia " 94 e 95
~~Alguns Diálogos de~~ " 96 e 98
 Limites de 1870 - Câmara Municipal " 101
 Administração da Justiça " 104 e 106
 Clerigos " 107
 Alfândega " 107 e 109
 Mesa de Juro Provincial " 111
 Correio " 111
 Inspeção de Saída do Porto " 112
 Corpo de Comandante autônomo do Porto " 112
 Comandante Militar do Porto - de
 mizão de Artigos Bellios " 112
 Fortalezas " 112-113
 Sua Apreensão, Marmelada e Pão
 Tijagem do Porto " 114
 Estatística 1870 " 115 e 119

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)